



EDUCAÇÃO:

Um universo de possibilidades
e realizações

Dr. Alderlan Souza Cabral



AYA EDITORA
2022

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Organizador

Prof.º Dr. Alderlan Souza Cabral

Capa

AYA Editora

Revisão

Os Autores

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora

Imagens de Capa

br.freepik.com

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza

Centro Universitário Santa Amélia

Prof.ª Dr.ª Andréa Haddad Barbosa

Universidade Estadual de Londrina

Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos

Instituto Federal do Amapá

Prof.º Dr. Carlos López Noriega

Universidade São Judas Tadeu e Lab. Biomecatrônica - Poli - USP

Prof.º Me. Clécio Danilo Dias da Silva

Centro Universitário FACEX

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria De Genaro Chirolí

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota

Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis

Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof.ª Ma. Denise Pereira

Faculdade Sudoeste – FASU

Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig

Universidade Federal do Paraná

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos

Universidade Federal do Amapá

Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva

Universidade Estadual de Londrina

Prof.º Dr. Gilberto Zammar

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, IF Baiano - Campus Valença

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza

Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso

Universidade de Santa Cruz do Sul

Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Me. Jorge Soistak

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Ubajara

Prof.º Me. José Henrique de Goes

Centro Universitário Santa Amélia

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti

Universidade Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim

Faculdade Sagrada Família e Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.ª Ma. Lucimara Glap

Faculdade Santana

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues

Universidade Norte do Paraná

Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa

Instituto de Tecnologia e Pesquisa, ITP

Prof.º Me. Myller Augusto Santos Gomes

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Me. Pedro Fauth Manhães Miranda

Centro Universitário Santa Amélia

Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes

Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Parauapebas

Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira

Instituto Federal do Acre

Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail

Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares

Universidade Federal do Piauí

Prof.ª Ma. Silvia Aparecida Medeiros

Rodrigues

Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda

Santos

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues

Instituto Federal de Santa Catarina

Prof.º Dr. Valdoir Pedro Wathier

Fundo Nacional de Desenvolvimento Educacional, FNDE

© 2022 - AYA Editora - O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição *Creative Commons* 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). As ilustrações e demais informações contidas nos capítulos deste Livro, bem como as opiniões nele emitidas são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam necessariamente a opinião desta editora.

E2446 Educação: um universo de possibilidades e realizações [recurso eletrônico]. / Alderlan Souza Cabral (organizador) -- Ponta Grossa: Aya, 2022. 105 p.

Inclui biografia
Inclui índice
Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN: 978-65-5379-027-8
DOI: 10.47573/aya.5379.2.69

1. Ensino. 2. Planejamento estratégico. 3. Linguística. 4. Língua portuguesa - Variação. 5. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 6. Tabela periódica dos elementos químicos. 7. Aculturação. 8. Indígenas. 9. Pesquisa - Metodologia. 10. Alfabetização. 11. Formação de professores. 12. Educação inclusiva. 13. Transtorno do espectro autista. I. Cabral, Alderlan Souza. II. Título

CDD: 370.7

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora EIRELI

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53
Fone: +55 42 3086-3131
E-mail: contato@ayaeditora.com.br
Site: <https://ayaeditora.com.br>
Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

SUMÁRIO

Apresentação.....8

01

Gestão estratégica de pessoas por competência e liderança na educação, na cidade de Manaus-AM/Brasil, no período de 2017-20189

Humberto Santos Oliveira

DOI: 10.47573/aya.5379.2.69.1

02

Variações linguísticas no ensino fundamental II, em uma escola municipal da cidade de Autazes-AM/Brasil, no período de 2016-2017..20

Dr. Alderlan Souza Cabral

DOI: 10.47573/aya.5379.2.69.2

03

Ensino da Tabela Periódica: a construção e utilização de materiais lúdicos, em turma de primeiro ano na modalidade educação de jovens e adultos, no Instituto Federal do Amazonas31

Jorge Pontes Koide

DOI: 10.47573/aya.5379.2.69.3

04

Reserva parque das tribos e o processo de aculturação na escola indígena “Uka Umbesara Wakenai Anamarehit” no município de Manaus-AM/Brasil, no período de 2020-202142

Antônio Ruiz da Silva

DOI: 10.47573/aya.5379.2.69.4

05

O uso da metodologia científica em sala de aula, para alunos do 3º ano do ensino médio, na disciplina de biologia.....54

Sandraléa Socorro Lima dos Santos Andrade

DOI: 10.47573/aya.5379.2.69.5

06

O poder de transformação da leitura e escrita, uma questão que resvalar a formação do professor das séries iniciais63

Deuvalina Batista Cabral

DOI: 10.47573/aya.5379.2.69.6

07

Algumas reflexões acerca do papel do pedagogo e da coordenação pedagógica na educação inclusiva74

Maxilene Ferreira Sales

Ronaldo dos Santos Leonel

DOI: 10.47573/aya.5379.2.69.7

08

A importância da afetividade da comunidade escolar na aprendizagem de uma criança portadora de TEA – Transtorno do Espectro Autista85

Maxilene Ferreira Sales

Alvane Rosa de Sousa

Ronaldo dos Santos Leonel

DOI: 10.47573/aya.5379.2.69.8

09

A importância das experimentações como ferramenta metodológica na educação infantil...93

Maxilene Ferreira Sales

Alvane Rosa de Sousa

Ronaldo dos Santos Leonel

DOI: 10.47573/aya.5379.2.69.9

Organizador100

Índice Remissivo101

Apresentação

Este livro compreende uma coletânea de textos elaborados por diferentes mestres e doutores que realizaram suas práxis de pesquisas no campo da Educação. As pesquisas exemplificadas nesta obra apresentam um processo dinâmico, contínuo, sistemático e integrado em todo o currículo escolar. Apresentando uma linha do ensino de forma cooperativa e integrada em que todos os educadores e em especial o professor, precisam assumir um papel ativo e de relevância, vendo o educando como um ser global que deve desenvolver-se harmoniosa e equilibradamente em todos os aspectos físicos, mental, emocional, social, moral, estético, político, educacional e vocacional.

As obras inseridas tornam-se relevantes, pois o ensino aprendizagem é que viabiliza a formação integral do educando. Apresentar-se-á um conjunto de reflexões e experiências vividas nas escolas públicas. É, com certeza, mais uma referência na construção de uma educação compromissada.

Apresentar-se-á propostas inovadoras, onde o aluno é o protagonista, construtor do seu próprio conhecimento e o educador será o mediador e a escola um ambiente incentivador juntamente com família e a sociedade como todo.

Atualmente quando se fala em educação ainda existem muitos entraves que de alguma forma engessam a mesma, isto é, dificultam o seu desenvolvimento do ensino aprendizagem. O livro apresenta sugestões, para se desenvolver uma sociedade mais igualitária, comprometida em usar as ferramentas de transformação para uma sociedade mais humanizada. Com as reflexões e experiências vividas pelos profissionais que atuam como atores nesse processo. Almeja-se maior rentabilidade na agregação de valores educacionais, onde a sociedade precisa entender que o ensino aprendizagem é uma ferramenta de suma importância para a construção de um mundo melhor.

Prof.º Dr. Alderlan Souza Cabral

01

Gestão estratégica de pessoas por competência e liderança na educação, na cidade de Manaus-AM/Brasil, no período de 2017-2018

Strategic management of people by competence and leadership in education, in the city of Manaus-AM/ Brazil, in the period of 2017-2018

Humberto Santos Oliveira

Universidad de La Integración de las Américas - Escuela de Postgrado - Maestría en Administración

DOI: 10.47573/aya.5379.2.69.1

RESUMO

O presente estudo trata-se da Gestão estratégica de pessoas por competência e liderança na educação, uma nova forma de conceber a gestão de pessoas que vem sendo adotada no meio gerencial como uma forma de obter mais retorno dos funcionários, já que esses passam a ser tratados como parceiros da organização. Objetivo geral, deste estudo é identificar as competências individuais requeridas à atuação do gestor escolar, que é o profissional responsável pela coordenação das atividades administrativas, pedagógicas, sociais e políticas da escola, com ênfase na em uma escola da Coordenadoria Distrital de Educação – ,na Cidade de Manaus-AM/ Brasil, no período de 2017-2018. Pergunta Central: Quais são os desafios e inovações para gerenciar pessoas públicas com excelência na competência e liderança educacional? A pesquisa abordou a contextualização, elementos importantes da organização, postulados na competência no referencial teórico. A metodologia abordada optou-se pelo enfoque qualitativo e quantitativo com uma pesquisa exploratória descritiva. Os dados apontam que os entrevistados procuram seguir uma linha de gestão democrática, no entanto as ideias das concepções pedagógicas administrativas, necessita-se serem adequadas afim de se viabilizar maior rendimento nas agregações de valores educacionais.

Palavras-chave: gestão estratégica. competência. liderança em educação

ABSTRACT

This article deals with the Strategic People Management by Competence and Leadership in Education, a new way of conceiving the management of people that has been adopted in the managerial environment as a way to obtain more return from employees, as they pass to be treated as partners of the organization. The general objective of this study is to identify the individual skills required for the performance of the school manager, who is the professional responsible for coordinating the administrative, pedagogical, social and political activities of the school, with emphasis on a school belonging to the District Education Coordination - , in City of Manaus-AM/ Brazil, in the period 2017-2018. Central Question: What are the challenges and innovations to manage public people with excellence in competence and educational leadership? The research addressed the contextualization, important elements of the organization, postulated in the competence in the theoretical framework. The methodology addressed was opted for a qualitative and quantitative approach with an exploratory descriptive research. The data indicate that the interviewees seek to follow a democratic management line, however the ideas of administrative pedagogical concepts need to be adequate in order to enable greater performance in the aggregations of educational values.

Keywords: Strategic Management. Competence. Leadership in Education

INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda a temática: “Gestão Estratégica de Pessoas por Competência e Liderança na Educação”. Por gestão estratégica de pessoas entende-se como todo o conjunto de ideias que visam alinhar as necessidades estratégicas de uma empresa com a evolução de seus colaboradores. Na prática, isso representa uma mudança de paradigma, em que um mo-

delo vertical dá lugar a um modelo de trabalho horizontal e colaborativo. Situação Problema: O problema que motivou este estudo surgiu quando observou-se dentro do espaço educacional a procura de inovações que possam aduzir um diferencial no sistema organizacional, tendo em vista que estas buscam implantar o modelo de gestão por competências visando direcionar seus esforços para planejar, desenvolver, avaliar e captar talentos.

Assim, é necessário desenvolver líderes com precisão de suas habilidades, disfarçando-os da função gerencial tradicional. Pois, em meio a essas mudanças, cada vez mais a gestão escolar necessita desenvolver esforços para possibilitar maior espaço de participação dos vários segmentos da comunidade escolar, a fim de que os mesmos possam se sentir parte integrante do processo de decisão, elevando o grau de interação organizacional. Nesse sentido, contribuiu-se para aumentar a qualidade das decisões e dos serviços oferecidos à sociedade, bem como a satisfação e a motivação dos servidores.

Pergunta Central: Quais são os desafios e inovações para gerenciar pessoas públicas com excelência na competência e liderança educacional? A escolha assertiva de líderes que desempenhem seu papel em gerir pessoas torna-se fundamental, visto que a liderança de uma empresa é o que contribui para o diferencial de posicionamento no mercado. Porque a liderança está intimamente relacionada à influência que o líder exerce ao orientar o comportamento de seus seguidores para que acreditem nos preceitos e trabalhem para atingir os objetivos da organização. **Perguntas específicas:** Qual o nível de participação dos servidores administrativos e professores no planejamento da proposta pedagógica da escola? Qual o nível de participação dos servidores administrativos e professores na execução das atividades educacionais da escola? Qual o nível de participação dos servidores administrativos e professores na administração dos recursos financeiros da escola? Para alancar a pesquisa com mais direcionamento desenvolveu-se.

Objetivo Geral: Apresentar, através da análise dos dados da entrevista, as competências individuais requeridas à atuação do gestor escolar, que é o profissional responsável pela coordenação das atividades administrativas, pedagógicas, sociais e políticas da escola. **Objetivos Específicos:** Avaliar na literatura a eficácia da Gestão Estratégica de Pessoas por Competência e Liderança nos grupos de servidores e colaboradores; analisar as organizações que integram o modelo de Gestão de Competências na instituição escolar; identificar se as competências previstas para os gestores foram por eles assimiladas. **Hipótese:** Se os resultados decorrentes da implantação da Gestão democrática e participativa de Competências no desempenho dos gestores escolares não está sendo exercidos por eles, acarretando assim baixo rendimento no ensino aprendizagem bem como uma gestão administrativa comprometida. Então presume-se que seja plausível apresentar estratégias inovadoras administrativas que venha agregar maior rentabilidade ao ensino aprendizagem.

Justificativa: O estímulo para a realização deste estudo surgiu da atração pelo tema Gestão Estratégica de Pessoas por Competência e Liderança na Educação, bem como do desejo de compartilhar possíveis descobertas que permitam compreender tais ferramentas em uma Gestão Pública da Educação. Para isso, foi observado às diferenças de comportamento e de reações dos servidores públicos em um ambiente escolar no dia a dia de trabalho. Além disso, este tema é de suma importância para auxiliar no relacionamento dos líderes e seus liderados. Pois se estar na chamada era do conhecimento e somos uma geração contemporânea atrelada

a uma sociedade do conhecimento tecnológico sem fronteiras.

A importância das pessoas na organização cresce exponencialmente aumentando a importância da gestão de pessoas, tanto nas instituições públicas como nas privadas. De forma simultânea aumentou a responsabilidade de todos os servidores públicos face à sociedade em geral, sendo que os padrões de exigibilidade dessa sociedade também são cada vez mais altos.

Com isso, o estudo se justifica e se torna relevante do ponto de vista organizacional, pois é fundamental conhecer como uma organização escolar, ao gerenciar seus recursos humanos, administrativos e financeiros, viabiliza o contínuo desenvolvimento de sua força de trabalho e a prepara para responder às crescentes e cada vez mais complexas demandas do segmento onde atua, avaliando se os resultados de desempenho impactam, numa maior eficácia, nos resultados organizacionais.

A presente pesquisa revela-se significativa do ponto de vista acadêmico, considerando as dificuldades encontradas no exercício diário das funções do gestor escolar, bem como a necessidade de profissionais cada vez mais competentes para executar as políticas de gestão educacional.

CONCEITOS DE GESTÃO ESTRATÉGICA POR COMPETÊNCIA

Percebe-se que na literatura são diversas as teorias administrativas que estudam a gestão estratégica por competência, algumas enfatizam que:

a sobrevivência das organizações depende, primordialmente, da sua habilidade em adotar as novas tendências de mercado e também as normas externas específicas; outras já enfatizam a capacidade dos atores organizacionais negociarem ou influenciarem tais normas, por meio de interações sociais ou do trabalho em rede com outras pessoas (FERREIRA; REIS; PEREIRA, 1997).

Com isso, os principais conceitos da pesquisa dispõem-se na seguinte ordem: gestão, gestão participativa, gestão escolar participativa e participação.

A gestão estratégica pode ser definida como um sistema de indicadores de desempenho que traça os caminhos que devem ser desenvolvidos pela administração em função das iniciativas e ações estratégicas previamente definidas. O pilar da gestão estratégica não está no trabalho realizado em departamentos isolados, mas nos processos, tornando as atividades organizacionais integradas, sistêmicas e interdependentes. De acordo com Chiavenato (2003), “[...] podemos definir a estratégia como a mobilização de todos os recursos da empresa no âmbito global visando atingir os objetivos no longo prazo”.

Para Sobral e Peci (2013), trata-se de um processo que consiste no conjunto de decisões e ações tomadas pelos gestores em nível estratégico, que visam proporcionar uma adequação entre a instituição e seu ambiente, de forma a permitir que ela alcance seus objetivos.

Conforme Perfeito (2007), é um processo de gestão que apresenta, de maneira integrada, o aspecto futuro das decisões institucionais, a partir da formulação da filosofia da instituição, sua missão, sua orientação, seus objetivos, suas metas, seus programas e as estratégias a serem utilizadas para assegurar sua implantação.

Segundo Porter (2009), estratégia é:

“compatibilidade mútua das atividades da empresa, e seu sucesso depende do bom desempenho de suas atividades e da integração entre elas. Se não houver compatibilidade entre as atividades, não haverá estratégia diferenciada, muito menos sustentabilidade”.

Conforme os estudos de Mintzberg *et al.* (2006), a palavra “Estratégia” há tempos vem sendo usada implicitamente de diferentes maneiras, sendo apresentadas pelos autores cinco definições de estratégia conhecidos como os “P”s da Estratégia, ou seja, Plano, Pretexto, Padrão, Posição e Perspectiva, como segue:

a) Estratégia é um plano, uma diretriz para lidar com uma situação, algum tipo de ação consciente pretendida.

b) Estratégia também pode ser um pretexto quando é uma manobra específica para superar um oponente ou concorrente.

c) Estratégia é um padrão em uma corrente de ações, sendo assim realizadas.

d) Estratégia é uma posição, um meio de localizar uma organização em um ambiente.

e) Estratégia como perspectiva é quando seu conteúdo consiste não apenas de uma posição escolhida, mas também de uma maneira fixa de olhar o mundo.

Destaca-se, assim, a importância de inter-relacionamento sobre os “P”s da Estratégia, que na prática poderão resultar no processo de Gestão Estratégica. Assim, “Estratégia é um conjunto de objetivos, políticas e planos que define o escopo da empresa e seus métodos de sobrevivência e sucesso” (MINTZBERG *et al.*, 2006).

O trabalho do empreendedor, que age estrategicamente, deve basear-se em compreender e enfrentar a competição. Conforme Porter (2009), “a rivalidade ampliada, que resulta nas cinco forças da estrutura setorial, deve ser analisada e molda a natureza das interações competitivas dentro de um segmento”. Então, “Gestão Estratégica se refere à maneira como as organizações usam graus de liberdade para manobrar entre seus ambientes” (MINTZBERG *et al.*, 2006).

As cinco forças estudadas por Porter (2009), orientam os gestores a analisarem o macro ambiente que rodeia as organizações e norteia as tomadas de decisões para o processo de Gestão Estratégica. Destacam-se tais forças:

a) A ameaça de novos entrantes.

b) O poder dos fornecedores.

c) O poder dos clientes.

d) A ameaça de substitutos.

e) A rivalidade entre os atuais concorrentes.

A análise das cinco forças deve revelar grandes diferenças dentro de setores muito amplos, indicando a necessidade de ajustar os limites setoriais ou as estratégias resultantes.

De acordo com Jarzabkowski e Spee (2009), a estratégia como prática preocupa-se com o fazer da estratégia: quem o faz, o que fazem e como fazem ou executam; o que usam e quais implicações tais práticas têm para a formulação de estratégia e para posterior execução da Gestão Estratégica.

Conforme os autores citados, a estratégia está em conformidade com a teoria; entretanto, apenas será válida se utilizável na prática e com o envolvimento dos indivíduos, principalmente dos gestores que devem agir estrategicamente.

Mintzberg *et al.* (2006) definem que uma estratégia é o padrão ou plano que integra as principais metas, políticas e sequências de ação da organização em um todo coeso. Uma estratégia bem formulada ajuda a organizar e colocar os recursos de uma organização em uma postura única e viável, baseada em suas competências e deficiências internas relativas; mudanças antecipadas no ambiente e movimentos contingentes por parte dos oponentes inteligentes. As empresas devem ser flexíveis para reagir com rapidez às mudanças competitivas e de mercado.

COMPETÊNCIA

Competência para alguns autores significa o conjunto de qualificações que a pessoa tem para executar um trabalho com nível superior de desempenho. Esses autores são na sua maioria de origem americana e desenvolveram seus trabalhos nas décadas de 70 e 80, tendo como principais expoentes Mc Clelland e Dailey (1972), Boyatzis (1982) e Spencer e Spencer (1993), cujos conceitos formaram a base dos trabalhos da McBer, importante consultoria em competência, mais tarde Hay McBer.

A competência pode ser prevista ou organizada de tal forma que seja criado um conjunto ideal de qualificações, para que uma pessoa dê um desempenho superior em seu trabalho.

Com semelhante abordagem, Parry (1996) resume o conceito de competência como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes correlacionados que afetam a maior parte de alguma tarefa, papel ou responsabilidade que se reporta ao desempenho da função assumida, e que podem ser aferidos por parâmetros bem aceitos; tais predicados são susceptíveis de melhor capacitação pelo treinamento e desenvolvimento.

Ainda assim, Parry (1996) questiona se as competências devem ou não incluir traços de personalidade, valores e estilos; sublinha que alguns estudos fazem a distinção entre competências flexíveis (*soft competencies*), que envolveriam traços de personalidade, e competências rijas (*hard competencies*), que se limitariam a assinalar as habilidades exigidas para tal ou qual trabalho específico.

Autores que defendem a exclusão das competências flexíveis nos programas de recursos humanos apontam a necessidade de focar o desempenho e não a personalidade, embora elas influenciem o sucesso, não são susceptíveis de serem desenvolvidas pelo treinamento (Parry, 1996). Já Woodruffe (1991) sublinha a importância de se listar também as competências “difíceis de serem adquiridas”, para que sejam trabalhadas no processo seletivo.

Segundo o autor, “quanto mais difícil a aquisição da competência, menos flexíveis deve-se ser no momento da seleção”.

De acordo com Bussmann (2009), administrar é agir de modo a combinar adequadamente o uso de recursos disponíveis para atingir um objetivo ou conjuntos de objetivos.

Já para Ferreira (2002), a “gestão ou administração é o conjunto de normas e funções cujo objetivo é disciplinar os elementos de produção e submeter à produtividade a um controle de

qualidade para a obtenção de um resultado eficaz, bem como uma satisfação financeira”.

Por outro lado, o conceito de gestão, sob a ótica da administração empresarial, está relacionado ao conjunto de recursos e a aplicação de atividades destinadas ao ato de gerir. O processo de gestão é uma função orgânica básica da administração.

Todas essas etapas precisam ser discutidas e compreendidas pelo maior número possível de pessoas na empresa. É muito importante envolver toda a organização e não apenas a alta direção, pois sem o comprometimento de todos dificilmente haverá sucesso.

METODOLOGIA

A presente pesquisa deu-se na em uma escola estadual da Cidade de Manaus-AM/Brazil, a análise principal foi às competências individuais requeridas à atuação do gestor escolar, que é o profissional responsável pela coordenação das atividades administrativas, financeira (APMC), pedagógicas, sociais e políticas da escola. Isso porque, é o gestor escolar quem preza pela qualidade do ensino, pela condução e elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) e também é o facilitador da elaboração do Plano de Gestão Escolar (PGE).

O enfoque, trata-se de uma abordagem, qualitativa e quantitativa, adotando como procedimento técnico pesquisa documental e levantamento operacionalizado através de análises. Deste modo, através da classificação das fontes possibilita a realização de um julgamento qualitativo complementado por “estudo estatístico comparado” (FONSECA, 1986).

A pesquisa realizada caracteriza-se como exploratório-descritiva, visto que “descreve o comportamento dos fenômenos” (COLLIS; HUSSEY, 2005), estabelece relações entre as variáveis (GIL, 2002) e possibilita ao investigador maximizar seu conhecimento acerca de determinado fenômeno ou problemática (TRIVINÖS, 1990).

ANÁLISE DE RESULTADOS

Organização dos resultados

Neste capítulo, serão apresentados e analisados os resultados da pesquisa que aborda a temática “Gestão Estratégica de Pessoas por Competência e Liderança na Educação”, partindo da investigação da implantação de um modelo de Gestão por Competências como elemento preponderante no crescimento profissional.

Entende-se que a participação é um dos princípios básicos da gestão educacional democrática, devendo ser estendida a todos os segmentos da comunidade escolar: professores, alunos, funcionários, pais e comunidade. Para Lück (2001), o próprio conceito de gestão já carrega em si a ideia de participação, onde pessoas trabalham de forma associada analisando situações, trocando experiências e tomando decisões de forma conjunta. Esta mesma autora evidencia que

O desempenho de uma equipe depende da capacidade de seus membros de trabalharem em conjunto e solidariamente, mobilizando reciprocamente a intercomplementaridade de seus conhecimentos, habilidades e atitudes, com vistas à realização de responsabilidades comuns. [...] Por outro lado, a mobilização e o desenvolvimento dessa capacidade depende da capacidade de liderança de seus gestores. (LÜCK, 2001).

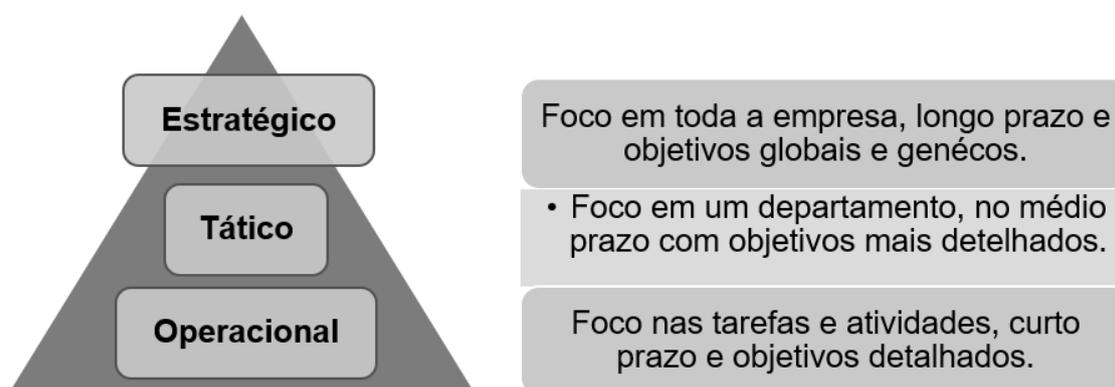
Neste sentido, a participação consiste na atuação consciente dos sujeitos no cotidiano escolar que assumem serem membros de uma instituição social e que têm poder de exercer influência nas tomadas de decisões da escola.

Paro (2012) conceitua administração como “utilização racional de recursos para a realização de fins determinados” e destaca que “a atividade administrativa não é apenas exclusiva, mas também necessária à vida humana”. O autor explica que a administração deve ter como fundamento a mediação na busca de objetivos. Portanto, mesmo tendo características básicas, não significa que todo tipo de administração seja igual, é necessário se adequar ao objetivo de sua área de atuação, e no caso da educação não é diferente.

Avaliação dos resultados

Um fator de grande importância, para o sucesso da gestão estratégica, é o processo de implementação de estratégias. Entendendo-se por eficiente a elaboração correta de uma atividade, ou um processo, e por eficaz o alcance dos objetivos, ou resultados, esperados com a realização de atividades ou processos.

Figura 1 - Nível de planejamento estratégico



Fonte: O pesquisador (2017)

Pode-se observar que na figura, que os objetivos estratégicos elevam a importância do planejamento, pois conforme os autores, o nível mais baixo, o tático e o operacional, terão que tomar decisões e planejar seu próprio trabalho baseado nas decisões que o nível estratégico definiu. Dessa forma, o planejamento estratégico se refere à instituição de modo geral e é focado no longo prazo. O planejamento estratégico tem uma forte visão do ambiente em que a instituição está inserida.

Na perspectiva de Freire (1997), as características do planejamento estratégico são as seguintes:

Quadro 1 - Características do Planeamento Estratégico.

Dimensões	Descrição
Objetivo	Conduzir a organização ao sucesso, enquadrando-a no seu meio envolvente.
Processo	Definição dos objetivos da organização.
	Auditoria externa: identificação das oportunidades e ameaças do meio envolvente.
	Auditoria interna: identificação dos pontos fortes e dos pontos fracos da organização.
	Avaliação das opções estratégicas e seleção da melhor alternativa.
	Operacionalização da estratégia.
Pressupostos	A criação de uma estratégia é um ato formal e consciente.
	Uma estratégia bem formulada é completa e explícita.
Autoria	Responsável pelo planeamento e gestores de topo.
Resultado	Plano estratégico.

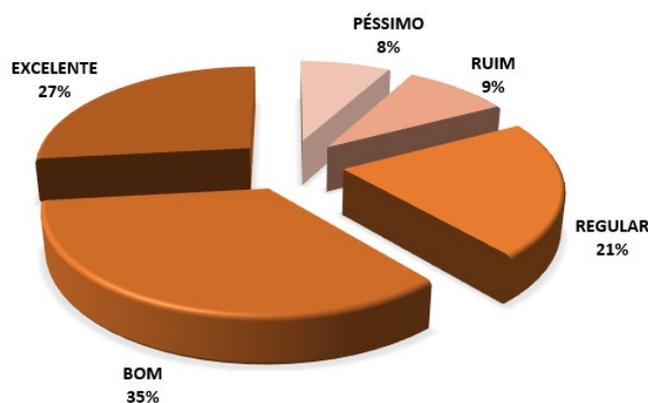
Fonte: FREIRE. Adriano, Estratégia sucesso em Portugal, 1997.

Em suma, pode-se considerar o planeamento estratégico tanto um processo como um instrumento. Como processo, porque se trata do conjunto de ações e tarefas que envolvem os atores políticos, sociais e económicos na procura de clareza a respeito da definição de objetivos e à implementação de ações adequadas para alcançá-los. Como instrumento, porque constitui um quadro conceptual que facilita a concertação na tomada de decisão.

A participação nos processos de gestão da escola moderna não é apenas de domínio geral do diretor, e sim, todos devem contribuir para que a escola seja administrada de forma humana, que interage em si e sobre si, operando através de processos organizativos próprios, construindo-se pela participação do todo, sendo interligada em forma de rede que possui dimensões interligadas com todos os seus setores, nunca agindo de forma unilateral.

O todo participante do meio escolar que constrói práticas não autoritárias, desenvolve melhores formas de organização, pois cada um consegue coletivizar suas melhores habilidades que resultam na ação conjunta da Gestão Escolar. Levantou-se questionamento sobre a satisfação, o resultado encontra-se explicito de forma gráfica:

Gráfico 1 - Pesquisa de satisfação



Fonte: O pesquisador (2017)

Os dados explícitos no gráfico demonstra que a satisfação é um processo contínuo, pois os clientes sempre procuram informações sobre o produto ao entrar na empresa (na escola), por isso é importante, que os funcionários ou prestadores de serviços tenham conhecimento da sua atividade, de modo que possam satisfazer de forma rápida e eficaz as dúvidas dos clientes, conquistando-o e o atendendo-o de forma rápida e eficaz.

A dimensão administrativa refere-se à instalação dos procedimentos de apoio à gestão educativa, tais como os regulamentos internos, registos, normas, definição de papéis e funções, recursos didáticos, infraestrutura dentre outros. Já a dimensão financeira inclui os controles orçamentários, sistemas de aquisições, obtenção e entrega de recursos para projetos institucionais.

Portanto, para se ter uma gestão de qualidade, o gestor deve aperfeiçoar os processos administrativos e, para isso, é necessária uma gestão eficiente do tempo utilizado em solicitações cotidianas, evitando atrasos e processos mal planejados. Ou seja, a Gestão de Eficiência é responsável por tornar os procedimentos menos burocráticos e mais efetivos, e isso é feito pelo planejamento e controle das atividades desenvolvidas na instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo se propôs a analisar a gestão estratégica por competência e as práticas adotadas no sistema escolar. Através de uma pesquisa qualitativa e quantitativa foi possível identificar os métodos de gestão utilizados.

No critério de liderança, a Gestão atua na disseminação de sua cultura organizacional e nas questões de responsabilidade social. Tem planejamento adequado sobre a questão da sucessão organizacional dentro da alta direção e a formalização dos processos de gestão bem como sua divulgação entre a equipe gestora, administrativa e pedagógica.

Ficou comprovado que a gestão de pessoas vem tomando novos rumos, voltando-se aos servidores como partícipes ativos da instituição.

Portanto, como se pode notar, as escolas são, sim, empresas, mas, para entendê-las por completo, é recomendável alguma experiência no setor. Equívocos homéricos já foram cometidos com a simples importação de receituários provenientes de outros setores. Contudo, não há impedimento para que esse trabalho possa servir como ponto de partida para novos estudos ou mesmo referência para que outras escolas. A partir dessa experiência pode-se desenvolver uma gestão de qualidade para a promoção do autoconhecimento e das mudanças necessárias no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

BOYATZIS, R. E. *The competent manager: a model for effective performance*. New York : John Wiley & Sons, 1982. p. 32-39.

BUSSMANN, A. C. *Projeto Político-Pedagógico e Gestão da Escola*. In: VEIGA, I. P. A. (Org.) *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível*. Campinas/SP: Papyrus, 2009. p.41.

CHIAVENATO, Idalberto. *Treinamento e desenvolvimento de Recursos Humanos: como incrementar talentos na empresa*. 4. ed. São Paulo; SP: Atlas, 2003.

COLLIS, Jill e HUSSEY, Roger. *Pesquisa em Administração*. 2ª. Ed. Ed. Bookman, São Paulo, 2005.

FERREIRA, Ademir; REIS, Ana Carla Fonseca; PEREIRA, Maria Isabel. *Gestão Empresarial: de Taylor aos nossos dias: Evolução e Tendências da Moderna Administração de Empresas*. São Paulo: Thomson

Learning, 1997. p. 35.

FERREIRA, Ademir; REIS, Ana Carla Fonseca; PEREIRA, Maria Isabel. Gestão Empresarial: de Taylor aos nossos dias: Evolução e Tendências da Moderna Administração de Empresas. São Paulo: Thomson Learning, 2002. p. 35.

FONSECA, João Pedro da; *et al.* Planejamento Educacional Participativo. In: Revista da Faculdade de Educação. São Paulo, v. 21, nº 1, pp. 79-112, jan/jun. 1996.

FREIRE, Adriano. Estratégia. Sucesso em Portugal, Lisboa, Editorial Verbo, 1997.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo, 2002.

JARZABKOWSKI, Paula. Strategic practices: an activity theory perspective on continuity and change. Journal of Management Studies, v. 40, n. 1, p. 23-55, 2003

LÜCK, Heloísa. *et al.* A escola participativa: o trabalho do gestor escolar. 5º Ed. São Paulo, 2001. p. 32.

MC CLELLAND, D. C.; DAILEY, C. Improving officer selection for the foreign service. Boston : McBer, 1972.

MINTZBERG, Henry *et al.* O processo da estratégia: conceitos, contextos e casos selecionados. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006. p. 41.

PARO, V. H. Administração escolar: introdução crítica. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 18.

PARRY, S. B. The quest for competencies. Training, p. 48-54, July 1996.

PERFEITO, Cátia D. F. Planejamento Estratégico como Instrumento de Gestão Escolar. Revista Educação Brasileira. Brasília, v. 29, n. 58 e 59, p. 49-61, jan./dez. 2007.

PORTER, Michael. Competição. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

SOBRAL, Filipe; PECCI, Alketa. Administração: teoria e prática no contexto brasileiro. 2. Ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2013.

SPENCER, L. M.; SPENCER, S. M. Competence at work: models for superior performance. New York: John Wiley & Sons, 1993.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WOODRUFFE, C. Competent by any other name. Personnel Management, p. 30- 33, Sept. 1991

Variações linguísticas no ensino fundamental II, em uma escola municipal da cidade de Autazes-AM/ Brasil, no período de 2016-2017

Dr. Alderlan Souza Cabral

Universidad Del Sol

Minuta descritiva decorrente da pesquisa científica apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação
Curso de Doutorado em Ciências da Educação pela Universidad de la
Integración de las Américas

Período de Realização: fevereiro de 2018 a julho de 2019

Orientador: Prof.º Dr. Enrique Lopes

DOI: 10.47573/aya.5379.2.69.2

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar o tratamento dado às variações linguísticas no material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa no Ensino Fundamental II na escola foco desta pesquisa. A mesma fica localizada no Município de Autazes-AM/Brasil. Verificando a consonância existente entre a fala do professor sobre as práticas pedagógicas e as Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental II. Para atingir o objetivo deste trabalho, a pesquisa teve caráter indutivo de natureza conceitual qualitativa. Adota-se o procedimento metodológico de pesquisa exploratória-descritiva, abordando os conceitos da língua, e suas variações revisadas no material didático e as orientações da Linguística, para o ensino da língua portuguesa. O corpus da pesquisa é constituído por um livro didático disponibilizado na escola e por entrevistas com professores. Os resultados da pesquisa revelam que os professores reconhecem os livros como sendo de consumo necessário para o ensino da língua portuguesa, porém, desconsideram parcialmente as diretrizes curriculares para a devida importância e tratamento da variação linguística em sala de aula.

Palavras-chave: variação linguística. material didático. ensino de língua portuguesa. orientações curriculares PCNS.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the treatment given to linguistic variations in the didactic material used in Portuguese language classes in Elementary School II at the focus school of this research, located in the Municipality of Autazes-AM/Brazil. Checking the existing consonance between the speech of two teachers about pedagogical practices and the Curriculum Guidelines of Elementary School II. To achieve the objective of this work, the research had an inductive character of a qualitative conceptual nature. The methodological procedure of exploratory-descriptive research is adopted, approaching the concepts of language, linguistic variation, didactic material and the orientations of Linguistics, for the teaching of the Portuguese language. The research corpus consists of a textbook available at the school and interviews with teachers. The research results reveal that teachers recognize books as being necessary for the teaching of the Portuguese language, however, they partially disregard the curricular guidelines for the due importance and treatment of linguistic variation in the classroom.

Keywords: linguistic variation. didactic material. portuguese language teaching. PCNS curriculum guidelines.

INTRODUÇÃO

O Brasil é rico em diversidade cultural. Isso pode ser explicado pela história da colonização de cada região que traça, visualmente, os traços e as características peculiares de sua cultura e de sua língua. Nas roupas nos hábitos alimentares, mais é na linguagem que se encontra uma grande prova dessa variedade e traços brasileiros. O Norte do País marca uma diferença representativa na língua e principalmente na cultura, com seus ritmos dançantes e alegres.

Amazônia causa inveja no mundo devido sua exuberância da fauna e a flora nacionais.

Convive-se com todos em harmonia. O Brasil é visto como um país-continente, com imensas diferenças regionais e socioculturais e, justamente por isso, a língua portuguesa no país apresenta uma diversidade muito significativa, tanto em nível regional quanto social, principalmente em relação ao léxico. Essa diversidade muitas vezes é característica de um estado específico, outras vezes se estende para toda uma região.

No caso do Careiro da Várzea um Município do Amazonas, usa-se um termo interrogativo para uma resposta afirmativa “*A lua está linda hoje. Ta mermo?*” as linguagens regionais apresentam-se normalmente no meio dos falantes nativos de cada região ela é uma forma de expressão popular de cada cultura, utilizada por determinados grupos sociais, pertencentes a uma classe, faixa-etária ou ocupação profissional. Muitas das vezes utilizado para exprimir atitudes, ações ou até mesmo termos de linguagens de sinais. **Situação Problema:** O problema que motivou esta pesquisa surgiu quando se observou o desempenho dos alunos ingressantes nas aulas de língua portuguesa no ensino fundamental II, na escola foco desta pesquisa na Cidade de Autazes-AM/Brasil, percebeu-se que estes alunos não estão sensibilizados para a noção de variação linguística da língua portuguesa. Além dos aspectos referentes à variação linguística, os alunos demonstram uma forte tendência em classificar a variedade da língua portuguesa com a variedade de maior prestígio sociocultural. Diante desse problema, procurou-se saber; **Pergunta Central:** Qual o tratamento dado à variação linguística no material didático nas aulas de língua portuguesa, no ensino fundamental II na escola foco desta pesquisa, no Município Autazes estado do Amazonas-Brasil? **Perguntas específicas:** Quais são os critérios utilizados pelos docentes na seleção e uso do material didático conforme as Orientações Curriculares Nacionais (doravante PCNS)? Como influi o discurso dos docentes no tratamento linguístico em sala de aula? De que maneira há pluralidade linguística no ensino aprendizagem em meio as diversidades existentes na região?

Desse modo, no que diz respeito a: **Hipótese:** Se os alunos egressos para o Ensino Fundamental não têm uma noção básica sobre variação da língua Portuguesa, então presume-se que as práticas docentes dos professores de língua portuguesa não estão em consonância com as propostas pedagógicas e às orientações dos PCNS para a devida importância e tratamento da variação linguística em sala de aula e, de igual modo, o material didático abordado em sala de aula não trata a variação linguística no que diz respeito ao aspecto geográfico, social e cultural, deixando apenas a noção de conteúdo a ser memorizado e curiosidade sobre a língua-alvo.

A temática abordada nesta pesquisa tem como. **Objetivo Geral:** Analisar o tratamento dado à variação linguística no material didático usado nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental II, na escola foco desta pesquisa, no Município de Autazes-AM/Brasil, verificando a consonância existente entre o discurso dos docentes sobre as práticas de ensino e as orientações curriculares dos PCNS, quanto a pluralidade linguística e cultural do universo que envolve todas as pessoas. Especificamente, para alcançar os **objetivos específicos** desta pesquisa, optou-se por descrever os critérios utilizados pelos professores para a seleção e uso do material didático de língua portuguesa do ensino fundamental II; E identificar a influência do contexto limites Novo Céu-Autazes, Manaus-AM/Brasil no discurso dos docentes quanto ao tratamento da variação no material didático de língua portuguesa.

Nesse sentido, considerando que as línguas não são estáveis nem invariáveis, esta pesquisa busca suscitar algumas particularidades no ensino da língua portuguesa, destacar a neces-

cidade de substituir o discurso dominante na escola, nos materiais educativos e na divulgação da linguagem pelo discurso do universo multilíngue e cultural que inclui todas as pessoas, levando a uma reflexão mais aprofundada sobre “que Língua Portuguesa ensinar” e “como ensinar”. São questões que contribuem para saber se a variação linguística do material didático para o ensino fundamental II é respeitada e tratada de acordo com as propostas pedagógicas do Ministério da Educação (MEC) por meio das diretrizes do PCNS.

A análise dos dados obtidos a partir das atividades aplicadas durante a sequenciação de atividades, de exercícios de verificação de aprendizagem e de questão em avaliação bimestral, permitiu rever o sucesso de um fazer pedagógico que desmitificasse crenças e preconceitos, que conhecesse e respeitasse a linguagem do aluno. Levando-o a uma situação de uso da língua de forma consciente, criativa e adequada às mais diversas situações de interação e comunicação. Por isso, as ações empreendidas, visando a melhoria do processo do ensino e aprendizagem da língua portuguesa em sala de aula. Estrategicamente, optou-se pela técnica de pesquisa exploratória e como apoio teórico para fundamentar os conceitos de língua e variação linguística consultou-se, CAGLIARI, L. C. (2009) Alfabetização e linguística. (BORTONI-RICARDO, 2005). COSCARELLI, C. V.; SOARES, M.; BATISTA, A. A.G. COLLINS, J.; HUSSEY, R. (2005); DOGLIANI, E. O papel do tipo discursivo na integração. LEITE, Yonne. CALLOU. MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Org.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras.

O presente trabalho encontra-se assim estruturado: Contextualiza-se a proposta desta pesquisa; os referenciais que embasam as reflexões: Os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística educacional e da pesquisa-intervenção. Análise dos resultados verificados. Considerações sobre o trabalho desenvolvido. Finalmente, as referências que embasaram a pesquisa.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROPOSTA

O processo de ensino/ aprendizagem não se pode desconsiderar, na prática, os elementos da convivência e da cultura dos alunos, a relação com a terra e a comunidade, a percepção sobre a escola e o uso da língua nos eventos comunicativos, de forma a promover aprendizagens. Por essas razões, neste capítulo, será descrito e analisado o contexto em que se insere a escola foco desta pesquisa, considerando os dados sobre o Município de Autazes-AM/Brasil, as características da Escola e os perfis dos alunos e dos responsáveis por eles, personagens cuja colaboração desenvolveu esta pesquisa.

Diante da hipótese de que os alunos demonstram ter conceitos equivocados ou deturpados a respeito da variação linguísticas, principalmente com relação aos usos dissonantes da variação padrão, se procede ao desenvolvimento de pesquisa qualitativa. Para tanto, aplicou-se questionários aos alunos e aos responsáveis por eles, onde foram analisados documentos da Escola analisada.

A percepção negativa dos alunos sobre sua língua nativa e os possíveis fatores intervenientes, analisando dados referentes ao Municípios e sua história, características socioeconômicas e graus de escolaridade dos responsáveis envolvidos, resultados de avaliação externas e internas aplicadas aos alunos, práticas de letramentos tanto dos alunos quanto dos responsáveis, as percepções sobre a vida, o lugar onde moram e a família, a relação entre responsáveis,

alunos e escola e, finalmente, as imagens sobre a língua, elementos que, analisados de forma articulada e integrada, permitiu identificar o problema-foco deste trabalho. A partir dele, se delimitou a proposta de pesquisa, a escolha dos fundamentos teórico-metodológicos e a elaboração e aplicação da proposta de intervenção.

O Município de Autazes-AM/Brasil

Conforme os documentos “Contexto Histórico”, “Informações sobre Autazes Amazonas” “Informações resumidas de Autazes” e “Manifestações Populares e Folclóricas”, da Secretaria Municipal de Cultura, o Município de Autazes, é um município brasileiro do interior do Estado do Amazonas-Brasil, Região Norte do País. Pertencente à Mesorregião do Centro Amazonense e Microrregião de Manaus, localiza-se a sudeste de Manaus, capital do estado, cerca de 110 quilômetros.

Autazes ocupa uma área de 7.599,282 km² e sua população, estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2015, era de 37033 habitantes, sendo assim o décimo-sexto município mais populoso do Estado do Amazonas e o quinto de sua microrregião. Autazes sedia a maior festa bovina da Amazônia Ocidental, a Festa do Leite.

Autazes era uma área já conhecida no século XVII, por abrigar os índios Mura famosos por resistir ao regime colonial português.

A origem do nome Autazes vem dos rios Autaz-Acú e Autaz-Mirim, ambos penetram e cortam o município de norte a sul. A exploração de suas terras iniciou-se por volta de 1637, através do Rio Madeira, pelos produtores de cacau e demais trabalhadores de produtos naturais. Porém, a ocupação definitiva de Autazes só aconteceu por volta de 1860. Inicialmente a cidade era chamada de Ambrósio Ayres, em homenagem ao um fazendeiro que lutou contra os cabanos e desta luta teve sua morte.

São muitos os rios que cortam os arredores do Autazes, mais de uma centena de lagos, todos adequados para pesca e pouso de hidroaviões. Esses sites citam uma forte presença de operadores de barcos para turismo de pesca. O peixe mais procurado é o pavão, que se tornou símbolo da pesca esportiva no Brasil. Destaca-se os rios Pretos e Pantaleão, cujas principais características são águas escuras e um lago de 20 km. O Rio Mamori atravessa a cidade e a liga ao município de Careiro Castanho. O Rio Tubana é uma das áreas selvagens mais bem preservadas da região.

Relação entre responsáveis e alunos com a leitura e a escrita, com estudos e com a escola

Sobre a relação entre responsáveis e filhos com a leitura, detectou-se que os responsáveis incentivam parcialmente o filho (a) a ler, acham que é muito importante para os filhos mais alegam não possuírem tempo. Sem dúvidas, é fundamental o incentivo do responsável à leitura, mas também é muito importante que eles sejam leitores. Assim, proporcionaram maior rentabilidade aos filhos.

No que se refere aos estudos fora do espaço escolar, há pouco comprometimento por parte dos alunos, pois alguns ajudam os pais na pecuária.

Os alunos dedicam pouco tempo aos estudos fora da escola, o que pode estar relacio-

nado ao tempo desperdiçado com outras tarefas que não sejam as escolares, fato que pode estar conjugado a fatores que contribuem para o alto índice do baixo rendimento bem como não aprimorar a linguagem culta, se valendo das variações linguísticas explícitas na região.

Realizou-se uma análise, estão sobre o tempo que tinham com a internet ou jogos eletrônicos, bem como televisão, falaram que possuem pouco tempo, esse contato com a tecnologia, eles só possuem quando vão à escola, pois o sinal de internet é muito lento e os alunos só podem ter esse acesso nas mediações da escola.

É importante que esses alunos possam ampliar essa participação com a tecnologia, pois colaborará grandemente para o ensino dos mesmos, os responsáveis alegam que incentivam os alunos a estudarem, mais é necessário observar, pela ótica dos alunos, como tem sido a relação desses responsáveis com a escola, pois segunda a secretária da escola esses pais são chamados para reunião de pais e mestres e poucos se comparecem nas reuniões. Percebe-se que um bom número de responsáveis precisa estar mais presente na escola.

Procurou-se, pois ampliar a pesquisa foi perguntado aos alunos o que lhes motivava a estudar. De modo geral, apontaram a importância do estudo, a motivação familiar, se comentou sobre a realização de um sonho futuro, a obtenção de um bom emprego, o ingresso ao estudo superior.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

[...] o professor de português deve ensinar aos alunos o que é uma língua, quais as propriedades e usos que ela realmente tem, qual é o comportamento da sociedade e dos indivíduos com relação aos usos linguísticos, nas mais variadas situações de suas vidas. (CAGLIARI, 2009, p. 24).

Com a democratização do país e, conseqüentemente, das escolas (mas não do ensino), uma camada da população, antes apartada, passou a frequentar os centros educacionais. Paralelamente, o surgimento e desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos representaram um novo e diferente modo de se encarar a realidade linguística, de estabelecer a relação língua/falante. Conseqüentemente houve (e ainda há) uma série de gargalos pedagógicos das quais se depreende um “descompasso entre os dialetos cultos e não cultos (seja na modalidade oral ou escrita)”, descompasso este relacionado às classes sociais menos favorecidas da população, segundo Dogliani (2006, p. 2) que, no caso do Brasil, constitui a maioria, confirmando, assim, afirma-se que a escola se democratizou, mas o ensino não.

A variação linguística é herança sociocultural e segundo Murrie, (2004, p.15), [...] é a seiva que mantém a língua viva e de que é impossível impedi-la, por mais que tente fossilizar a língua, ditando regras a serem seguidas, ela sempre surpreende com sua diversidade. Para Leite e Callou (2005), a variação linguística é um retrato da vivência social dos indivíduos, e a sua comunicação depende do meio em que ela vive. Tornando a linguagem como centro da evolução humana. Dessa forma a linguagem abrange todo contexto de evolução do ser, tornando-a representação e diferenciação dos povos.

A diversidade linguística não se restringe a determinações motivadas por origem Sociocultural e geográfica. Um mesmo indivíduo pode alterar entre diferentes formas linguísticas de acordo com a variação das circunstâncias que cercam a interação verbal, incluindo-se o contexto social, propriamente dito. (MUSSALIM, 2004)

Dentro dessa imensa gama de variações linguísticas os usuários de uma língua se apropriam das variantes informais, adquiridas no seio familiar, para depois, num processo mais sistemático e, de forma gradativa, apropriarem-se de estilos e gêneros mais formais os falantes que utilizam a chamada “norma popular” distanciam-se da norma culta é por meio da língua que ela difere de formas da linguagem sistemática e coerente.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (1998), a língua é essencial para a efetiva participação social do indivíduo. Portanto, para revisá-lo, cabe à escola garantir a todos os seus alunos o acesso aos conhecimentos linguísticos necessários ao exercício da cidadania, direito inalienável de todos os cidadãos.

Os PCNs afirmam sobre o trabalho com a modalidade oral, às necessidades de sua utilização como base para o desenvolvimento de outras modalidades comunicativas e, consequentemente, a ampliação das possibilidades discursivas do aluno.

Existem dois tipos de variedades linguísticas: os diletos (variedade que ocorrem em função das pessoas que utilizam a língua, ou seja, os emissores); os registros (que ocorrem em função do uso que se faz da língua, as quais dependem do receptor, mensagem e da situação).

Essas variações podem ser:

- Variação Dialetal
- Variação Regional
- Variação Social
- Variação Etária
- Variação Profissional
- Variação de Registro
- Variação de grau de formalismo
- Variação de Modalidade de uso.

Portanto todas as línguas variam. Isto é, não existe nenhuma sociedade ou comunidade em que todos falem da mesma forma.

Sendo assim, de que forma o professor de Língua Portuguesa pode passar os ensinamentos da língua padrão para seus alunos, sem afastá-lo de sua linguagem de origem? Torna-se um desafio trabalhar a linguagem que o aluno traz de casa, diante das oralidades e da produção textual. (Soares, 2012).

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Projeto de pesquisa

A presente pesquisa desenvolveu-se em uma escola Municipal da Cidade de Autazes-AM/Brasil, localizada na comunidade do Novo Céu, Cabe a escola empenhar-se na formação ética das novas gerações, organizando-se de forma a possibilitar aos seus alunados efetiva vi-

vência de relações sociais que busquem garantir a construção de valores para a atuação pautada por princípios da ética. Objetivando que a escola tenha êxito no que diz respeito a construção de valores éticos e morais.

Optou-se pelo enfoque qualitativo, pois o mesmo coleta informações que não buscam apenas medir um tema, mas descrevê-lo, usando impressões, opiniões e pontos de vista.

Tipo de pesquisa

A pesquisa realizada caracteriza-se como exploratório-descritiva, visto que “descreve o comportamento dos fenômenos” (COLLIS; HUSSEY, 2005), estabelece relações entre as variáveis (GIL, 2002) e possibilita ao investigador maximizar seu conhecimento acerca de determinado fenômeno ou problemática (TRIVINÖS, 1990).

Instrumento e técnica de coletas de dados

O trabalho de pesquisa se desenvolveu em diversas frentes, tendo cada uma delas sua importância relativa para a consecução dos objetivos previamente traçados. Assim, foi realizado o planejamento, as entrevistas, as observações – etapa essa que foram seguidas para análise e interpretação dos dados, até se concluir a esta escrita final.

Gil (1999, p. 117) conceitua a **entrevista** como “uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”.

ANÁLISE DE RESULTADOS

O foco da atividade de análise da pesquisa não é uma avaliação do tratamento dado à variação linguística em sala de aula, mas faz parte de uma concepção de consciência da importância do tratamento da variação linguística dentro de um propósito de diversidade linguística para a formação do estudante. A identificação do tratamento dado à variação linguística nas aulas de língua portuguesa; A visão do professor sobre o material didático e suas metodologias inovadoras para se trabalhar o universo das diversidades linguísticas.

Organização dos resultados

O Enfoque Comunicativo no ensino de línguas parte da ideia de que a língua é comunicação e o objetivo do ensino de língua é desenvolver competência comunicativa (RODGERS, 1998). Partindo desse ponto de vista, o autor do livro didático leva o aluno a reconhecer e usar a Língua portuguesa como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais. Assim, o livro traz uma proposta de leitura de textos autênticos que circulam no mundo social, com objetivo de o aluno ter acesso as variedades e variações linguística da Língua portuguesa. Com isto, o livro proporciona ao aluno oportunidade de desenvolver sua capacidade comunicativa reconhecendo que as variações linguísticas são fundamentais para o processo de comunicação.

A análise da amostra das referências à variação linguística da Língua portuguesa, representadas no conteúdo do livro analisado, é feita de um ponto de vista descritivo e mostra as

referências à variação em todas as seções didáticas, dando ênfase aos níveis de variação fonológica, lexical e morfossintática.

Conforme observado na pesquisa, os informantes entendem que a função atribuída ao material didático é auxiliar o professor, tendo como objetivo principal apresentar conteúdos, facilitar a comunicação entre alunos e professor, tornar o aprendizado mais rentável. Com efeito, o material didático tem a função reforçar a atuação do professor em transmitir o conhecimento.

Avaliação dos resultados

A sequenciação de pesquisas analisadas e exemplificadas assenta-se nos construtos teóricos no qual discutiu-se, abordagem do fenômeno da variação orientada pela reflexão, identificação, conscientização, respeito e aceitação da diferença nos usos linguísticos (BORTONI-RICARDO, 2005). Essa autora, reitera-se, propõe trabalhar a variação em três contínuos (rural-urbano, de oralidade-letramento e monitoração estilística), nos quais se norteou para elaborar a sequência das análises, partindo do pressuposto de que se deve identificar a diferença nos usos linguísticos para, em seguida, conscientizar os alunos sobre essa diferença. Abaixo apresentar-se-á, demonstrativos parciais de variações linguísticas com foco na região pesquisada.

Tabela 1 - Demonstrativo de variações linguísticas

PALAVRAS DE USO REGIONAIS DO INTERIOR DA CIDADE DE AUTAZES	
Borimbora!	Vamos embora
“Mas quando!”	Você está mentindo
“Eu Chooro!”	Não estou nem aí! Dá seu jeito!
Mas credo	Sai fora
Já me vu	Tchau
Hum ta, Cheirosol!	Uma forma de Ironia, “ Conta outra!”
Muito palha	Muito ruim
Arreda aí	Afasta aí
Assanhado	Paquerador
Tá mesmo!	Uma confirmação de algo positivo

Fonte: Própria autoria (2016)

A sociolinguística, responsável por alertar sobre a importância do estudo da linguagem como parte da aparência cultural e social das pessoas, espera que as diferenças sejam importantes, pois trazem a história de cada sociedade. O que torna a língua tão rica é a diversidade encontrada em cada região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco nesta pesquisa foi investigar o tratamento dado à variação linguística no material didático usado nas aulas de Língua portuguesa do Ensino Fundamental de uma escola Municipal na Cidade de Autazes-AM/Brasil, verificando a consonância existente entre o discurso dos docentes sobre as práticas de ensino e as orientações curriculares dos PCN`S Parâmetros curriculares Nacionais, neste caso a Língua Portuguesa. Tal objetivo se justifica tendo em vista que as práticas docentes em sala de aula deveriam considerar as orientações curriculares e não somente os materiais didáticos para o ensino da Língua Portuguesa partindo do pressuposto de

que toda língua apresenta um caráter heteróclito em função de aspectos geográficos, sociais e de diferentes situações comunicativas.

No que se refere à variação de nível lexical, o livro poderia proporcionar atividades para um tratamento da variação lexical quanto ao aspecto geográfico, social, cultural e regional.

Pois o livro didático como instrumento de ensino se deve ao fato de ele ser um facilitador no processo de aprendizagem e no desenvolvimento do aluno. Além disso, esse material deverá representar uma fonte confiável de consulta, tanto para os docentes quanto para os alunos e as suas famílias.

No que diz respeito às informações sobre o tratamento que os professores dão à variação linguística em sala de aula, constatou-se que quanto ao significado e importância do PPP e dos PCN'S para o planejamento de aula, os informantes declaram ser necessário se ter no auxílio e apoio à reflexão às suas práticas de docência.

Enfim, espera-se que esta pesquisa possibilite uma reflexão sobre a melhor forma de como reconhecer, valorizar e tratar a variação linguística no livro didático e na sala de aula de Língua Portuguesa, considerando o contexto de ensino e aprendizagem na Cidade de Autazes Amazonas Brasil para tornar possível um ensino público da Língua portuguesa e suas variações com relevância com qualidade.

REFERENCIAS

BORTONI-RICARDO, 2005, p.15. Referências: ANTUNES, Irandé. A língua e a identidade cultural ... São Paulo: Parábola, 2005. p. 13-17.

CAGLIARI, L. C. Alfabetização e linguística. 11.ed. São Paulo: Spcione, 2009.

COLLINS, J.; HUSSEY, R. (2005); Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. Trad. Lucia Simonini. 2. ed. Porto Alegre: Bookman.

COSCARELLI, C. V.; SOARES, M.; BATISTA, A. A.G. Matrizes de referência em leitura <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n07/n07a03.pdf> Acesso em: maio 2012.

DOGLIANI, E. O papel do tipo discursivo na integração entre perspectiva do evento e tipos de construções verbais. In: MACHADO, I. L. et alli (orgs.). Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, v. 1, p. 65-74, 2006.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015. Pesquisa

LEITE, Yonne. CALLOU, Dinah. Como falam os brasileiros. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 74 p.

MURRIE, Zuleika de Felice. *et al.* Projeto Escola e Cidadania para todos: Língua Portuguesa. São Paulo: Editora do Brasil, 2004, 816 p.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Org.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras, v.1. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores. Manaus, Amazonas: IBGE.

RODGERS, S. H. A functional for analysis technique. Occupational Medicine: State of the Art Reviews, v. 7, n. 4, 1998. p. 679-711.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1990.

Ensino da Tabela Periódica: a construção e utilização de materiais lúdicos, em turma de primeiro ano na modalidade educação de jovens e adultos, no Instituto Federal do Amazonas

Jorge Pontes Koide

Universidade de Integração das Américas (UNIDA)

Minuta descritiva decorrente da pesquisa científica apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação

Curso de mestrado em Ciências da Educação pela Universidad de la
Integración de las Américas

Período de Realização: janeiro de 2020 a julho de 2021

Orientador: Dra. Simone Cecília Paoli Ruiz

DOI: 10.47573/aya.5379.2.69.3

RESUMO

A partir das dificuldades apresentadas pelos discentes no ensino-aprendizagem da Tabela Periódica dos elementos químicos, buscou-se por meio deste trabalho, fazer uma análise, utilizando materiais lúdicos, oriundos da coleta de resíduos sólidos domésticos, visando à aplicação em sala de aula, para despertar o interesse e motivação dos alunos. O objeto da pesquisa foi a turma de 1º ano médio, da modalidade PROEJA do Instituto Federal do Amazonas (IFAM), foi necessário aplicar como enfoque da pesquisa o método quali-quantitativo, sendo exploratória com a utilização de questionários aberto e fechado, para a coleta de dados. Como resultado relevante a hipótese foi corroborada, pois ao trabalharmos esse conteúdo tendo como material de apoio o jogo lúdico, os índices motivacionais e de significado efetivo de vida do conteúdo subiram, refletindo na melhor aprendizagem. Constatou-se que ao colocarmos em ação o jogo acompanhado do livro de perguntas e respostas, a interação aumentou, tendo como consequência melhores resultados. Portanto ficou evidente que a aplicabilidade da ludicidade como método de apoio às aulas do conteúdo químico é relevante e oportuno, pois mediante ao resultado não há mais espaço para a prática de aulas que são focadas somente no conteúdo, tendo em vista a dificuldade discente de assimilação e principalmente de contextualizar esse conteúdo à sua vida, novos métodos precisam ser apresentados como forma de despertar o interesse e participação ativa junto ao ensino-aprendizagem, e dessa forma os alunos do PROEJA melhoraram seus resultados praticando e aprendendo com o auxílio do jogo lúdico TP.

Palavras-chave: educação. lúdico. tabela.

ABSTRACT

From the difficulties presented by the students in the teaching-learning process of the Periodic Table of chemical elements, it was sought through this work, to make an analysis, using playful materials, coming from the collection of domestic solid waste, aiming at the application in the classroom, to arouse student interest and motivation. The object of the research was the 1st year medium class, of the PROEJA modality of the Federal Institute of Amazonas (IFAM), it was necessary to apply the qualitative-quantitative method as a research focus, being exploratory with the use of open and closed questionnaires, for the data collect. As a relevant result, the hypothesis was corroborated, because when we worked on this content with the ludic game as support material, the motivational indexes and the effective meaning of life of the content rose, reflecting better learning. It was found that when we put into action the game accompanied by the book of questions and answers, the interaction increased, resulting in better results. Therefore, it was evident that the applicability of ludicity as a method of support to chemical content classes is relevant and timely, because through the result there is no more space for the practice of classes that are focused only on the content, in view of the student's difficulty of assimilation. and mainly to contextualize this content to your life, new methods need to be presented as a way to arouse interest and active participation in teaching-learning, and in this way PROEJA students improved their results by practicing and learning with the help of the playful game TP.

Keywords: education. ludic. table.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa foi realizada na turma de 1º ano no Curso Técnico de Nível Médio na Forma Integrada na modalidade EJA/PRO-EJA - Logística no Instituto Federal do Amazonas (IFAM), campus Manaus Distrito Industrial (CMDI), turno noturno em Manaus, Amazonas. O tema abordado foi Tabela Periódica dos Elementos Químicos, com a aplicação do lúdico, tendo como objetivo analisar a aplicação de materiais lúdicos para melhorar a qualidade no ensino/aprendizagem de Química em turma do primeiro ano, na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esse trabalho serviu para buscar novas metodologias que possam ser aplicadas no ensino aprendizagem da Tabela Periódica, pois atualmente as dificuldades de assimilação e contextualização desse conteúdo são enormes, dessa forma foram utilizados materiais plásticos recicláveis retirados do lixo doméstico das residências como apoio para a construção dos jogos didáticos, com a prática da transversalidade sobre o conteúdo Meio Ambiente na disciplina.

O material utilizado foi proveniente de garrafas plásticas de água com o volume 20 litros, onde foi aproveitado sua tampa para confecção dos jogos didáticos.

Com isso, conseguiu-se por meio dessa atividade facilitar o processo de construção do conhecimento dentro do conteúdo, assim como, melhorou o interesse e desempenho do discente.

O ensino desse conteúdo encontra inúmeros desafios para efetivar um aprendizado de qualidade, pois ele é composto de várias informações como: símbolos, número atômico, massas, períodos, famílias, tipos de metais, não metais, propriedades etc. Dessa forma os discentes encontram dificuldades para assimilação. De acordo com Berbaum, L e Maldaner, O. (2016) existe um enorme desafio no Ensino de Química atual, quando objetivamos a construção do princípio do pensamento químico, exigindo melhores práticas pedagógicas que superem a memorização mecânica de alguns conteúdos químicos. Esse tema é interessante devido possuir informações essenciais para os demais conteúdos do ensino de química, ela direciona para uma melhor compreensão da disciplina, o que torna relevante o máximo de compreensão possível dos discentes. Ressalta-se que uma aprendizagem deficiente desse conteúdo, acarreta enormes dificuldades de aprendizado em assuntos posteriores, pois estudá-lo, serve como base fundamental para desenvolver o aprendizado da disciplina.

Para isso, foi utilizado o material lúdico direcionado ao aprendizado do assunto, visando melhorar o aproveitamento, despertando o interesse dos discentes, com isso, foi possível verificar possíveis causas da dificuldade na aprendizagem no ensino de Tabela Periódica; como, por exemplo, a falta de base na disciplina e falta de contextualização do conteúdo no cotidiano. Foi possível identificar as estratégias e ações válidas para suprir a falta de base no conteúdo e por meio dessa metodologia melhorar os resultados, utilizando estratégias como, a participação coletiva e integração do discente durante as aulas, utilizando o material construído, para auxiliar na construção do conhecimento, dessa maneira, também verificou-se de que maneira a aplicação de jogos lúdicos no ensino-aprendizagem desse conteúdo proporcionam maior interesse e desempenho discente, pois ao ensinar o conteúdo citado, é fundamental que se utilize o jogo didático inovador, oferecendo ao aluno uma nova maneira de aprendizado, sendo efetivo quanto a motivação e dinâmica das aulas aplicadas durante a prática do conteúdo.

Essa prática melhorou bastante o aprendizado, com o envolvimento da turma, desta-

cando-se a utilização do caderno de perguntas e respostas, que proporcionou a aceleração do processo de ensino/aprendizagem, isso, só contribuiu para a qualificação das aulas.

Para o docente não convém apenas mediar o conhecimento, mas propor novas metodologias, que por sua vez tem o desafio de chamar a atenção para essa disciplina. Dessa forma novas alternativas são viáveis, à medida que inovam com atividades que despertam o interesse e favorece o aproveitamento, isso implica, em novas ideias das quais o lúdico vem ocupando seu espaço, somando ao conjunto de alternativas didáticas que visam diminuir as dificuldades no ensino/aprendizagem. Isso se corrobora quando em nossa realidade as publicações dessa alternativa no ensino de Química no Brasil, são ínfimas (OLIVEIRA e SOARES, 2005 ; SOARES e CAVALHEIRO, 2006).

Para isso foi necessário trabalhar o tipo de pesquisa exploratória com a realização de sondagem sobre as dificuldades de aprendizagem do conteúdo em questão, utilizando questionários para a coleta de dados.

Portanto, para o desenvolvimento desse trabalho buscou-se embasamento por meio dos aspectos teóricos e conceituais da Educação Brasileira e o ensino aprendizagem da disciplina química, foi abordado a importância do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), as leis que regem a Educação Brasileira o desenvolvimento da Educação no Brasil, fomos buscar informações sobre o Ensino de Química no Brasil, o lúdico aplicado a essa disciplina, assim como, o ensino aprendizagem dos conceitos químicos, destacando a Tabela Periódica dos Elementos, foi necessário o aprofundamento nos conceitos sobre o enfoque da pesquisa qualitativa e quantitativa para embasamento e melhor desenvolvimento, discorrendo também sobre a reutilização de materiais plásticos e Meio Ambiente.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROPOSTA

Durante décadas ensinar a disciplina Química, ficou baseado apenas através de conceitos, pois deixou de abordar técnicas mais atraentes, que tem como finalidade favorecer uma maior assimilação de conteúdo, levando-se em consideração todos os discentes, alvos prioritários da aprendizagem. Percebe-se que a metodologia aplicada ao ensino dessa disciplina não se preocupa em investigar os conhecimentos prévios, nem tão pouco verificar sua linguagem teórica concernente aos conteúdos, o que reflete bastante nos resultados.

Uma educação contextualizada sempre estará no caminho para o desenvolvimento das atividades individuais dos discentes, capacitá-los para a realidade de sua vida deve ser prioridade, concebendo um direcionamento baseado em conhecimentos científicos que refletirão na conduta do educando de maneira positiva em sua vida. Cabe ao docente buscar mecanismos alternativos, que visem uma aproximação com a disciplina ministrada, fazendo com que o mesmo compreenda a importância desses conhecimentos no seu dia a dia, tornando-o parte integrante da sociedade, possibilitando maneiras interessantes com a finalidade de despertar o interesse do educando pelos conhecimentos oriundos da ciência, refletindo a veracidade e a importância dos conceitos. Isso tornará o ensino aprendizagem prazeroso e marcante, desmistificando os tabus e possibilitando uma nova visão a respeito da disciplina e da forma como ela se apresenta em seu meio.

Instituto Federal do Amazonas (IFAM)

Até os dias atuais já se passaram cento e doze anos, a contar de 1909, onde o presidente nessa época, Nilo Peçanha, sancionou por meio do Decreto Lei Nº 7.566, de 23 de setembro, a criação da Escola de Aprendizes Artífices, nas dezenove capitais dos Estados da Federação. Em janeiro de 1937. Através da lei nº 378, a Escola de Aprendizes Artífices de Manaus modificou seu nome para Lyceu Industrial de Manaus, nessa etapa surgem as entidades do sistema S: O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e o Serviço Nacional de Aprendizagem comercial (SENAC).

Em 1940 foi inaugurado o que atualmente é conhecido como Campus Manaus Zona Leste (CMZL), localizado na Avenida Cosme Ferreira, Bairro São José Operário, na Zona Leste da cidade, bairro periférico, onde muitos alunos carentes tem a oportunidade de aprendizado técnico, oriundo desde o princípio através da Escola Agrotécnica Federal de Manaus, sendo transformada em Aprendizado Agrícola, por meio do Decreto Lei Nº 2.225.

O IFAM possui em sua rede 15 Campi, onde três estão situados na capital do Estado do Amazonas, Manaus (Manaus Centro, Manaus Distrito Industrial e Manaus Zona Leste), Coari, Lábrea, Maués, Manacapuru, Parintins, Presidente Figueiredo, São Gabriel da Cachoeira, Tabatinga, Humaitá, Eirunepé, Itacoatiara e Tefé possibilitando ao grande território amazônico em ensino técnico profissional com bastante qualidade, desde a Educação Básica, incluindo Educação de Jovens e Adultos até o Ensino Superior de Graduação e Pós-Graduação Lato e Stricto Sensu.

Instituto Federal do Amazonas e PROEJA

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu Art. 37. “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.

Por meio do Ministério da Educação (MEC) criou-se o Proeja inicialmente pelo Decreto nº. 5478, de 24/06/2005 o qual se denominou Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos. Sendo sua criação uma decisão do governo, tendo como finalidade, o atendimento à demanda de jovens e adultos para cursarem uma educação técnica de nível médio, sendo a maioria desses alunos geralmente excluídos, muita das vezes do próprio ensino médio da educação básica. Esse programa iniciou-se tendo como base de ação a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

Em 13 de julho de 2006, através do Decreto nº. 5.840, ocorreu uma abrangência e aprofundamento dos princípios pedagógicos, se tornando, Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 2002) a aprendizagem dos conceitos químicos no ensino médio deve possibilitar a compreensão dos processos químicos em si, relacionando o conhecimento científico com aplicações tecnológicas e suas implicações ambientais,

sociais, políticas e econômicas. Estabelece-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais que:

[...] a Química pode ser um instrumento da formação humana que amplia os horizontes culturais e a autonomia no exercício da cidadania, se o conhecimento químico for promovido como um dos meios de interpretar o mundo e intervir na realidade, se for apresentado como ciência, com seus conceitos, métodos e linguagens próprios, e como construção histórica, relacionada ao desenvolvimento tecnológico e aos muitos aspectos da vida em sociedade. (PCN+ 2002, p.87).

É importante ressaltar a relevância de despertar o interesse pela teoria aplicada nessa disciplina, o que implica no trabalho do docente. Essa efetivação laboral deve buscar a aplicação de novas metodologias para visar melhores resultados no processo de ensino aprendizagem (SOARES *et al.*, 2003). Além da conscientização do professor pela necessidade de inovação constante, deve-se ir além, e a prática se faz necessária, no entanto, muitos profissionais de Química preferem utilizar métodos de memorização e excesso de conteúdo (MAROJA, 2007).

É de grande importância a ideia de se utilizar a ferramenta lúdica como algo que pode contribuir positivamente para o processo de ensino aprendizagem na disciplina Química. Considera-se que o lúdico originou-se do latim *ludus*, cujo significado é brincar. Isso é corroborado por Garcez (2014, p.28), que relatou que “A potencialidade do jogo encontra-se no significado atribuído pela criança, onde, em qualquer idade apresenta uma irresistível atração, buscando obstinadamente alcançar os objetivos da atividade proposta”.

Para Garcez (2014, p. 29),

O jogo pode ser diferenciado pelo sistema de regras, pois, qualquer jogo possui uma ordem sequencial que especifica e determina sua modalidade. O jogo de xadrez é diferente do jogo de dama, embora utilizem o mesmo tipo de tabuleiro. Utilizando o mesmo baralho se pode jogar, por exemplo, buraco, truco, pôquer, etc. São as regras do jogo que os diferenciam. São estas estruturas sequenciais de regras que permitem a relação com a situação lúdica, ou seja, enquanto jogam, executando as regras do jogo, os indivíduos ao mesmo tempo desenvolvem uma atividade lúdica.

Para Brito (2019), o ensino dessa disciplina Química deve partir dos erros e dificuldades dos discentes, o que irá possibilitar ao docente informação para identificar quais os conhecimentos prévios que seus alunos possuem acerca dos conteúdos abordados em suas aulas, a partir dessa ação, buscar a correlação com os conhecimentos, para aplicar a reconstrução de forma científica. O que indica que o estudo dessa disciplina Química quando aliado à utilização de materiais e ações do cotidiano do educando, possibilita uma enorme aproximação com o objeto de estudo, o que irá proporcionar o desenvolvimento da criatividade, proatividade, e principalmente um melhor entendimento e aprendizagem dos conteúdos químicos.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Projeto de pesquisa

Essa pesquisa foi realizada especificamente no Campus Manaus Distrito Industrial (CMDI), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), localizado na cidade de Manaus, no Estado do Amazonas.

Realizou-se uma abordagem qualiquantitativa, já que, durante o desenvolvimento dos trabalhos realizou-se análise valorativa dos dados coletados que contribuíram para a formata-

ção da conclusão, além disso, buscou-se encontrar valores numéricos, para a qualificação dos resultados.

A pesquisa abordou o método hipotético-dedutivo, pois foi estabelecida uma hipótese sobre determinado problema, visando sua confirmação ou refutação, foi realizada partindo de pressupostos oriundos de observações de ensino aprendizagem realizados durante aulas de química, em que os discentes apresentam dificuldades em assimilar o conteúdo (TP), dessa forma, se fez necessário buscar uma metodologia cujo objetivo foi facilitar o ensino aprendizagem, utilizando a aplicação do lúdico.

Tipo de pesquisa

Foi realizada uma pesquisa exploratória pelo fato de que além da consulta as obras, realizou-se sondagem sobre a aprendizagem da TP e as dificuldades apresentadas nas aulas sobre esse conteúdo, com a aplicação de questionários para a coleta de dados.

Segundo Malhotra (2001), Mattar (2001) e Para Zikmund (2000), a pesquisa exploratória é utilizada em estudos em que se faz necessário a definição de um problema visando uma melhor precisão, busca-se constatar por meio de experimentos, visando um resultado que terão seguimentos de pesquisas novamente exploratórias ou conclusivas. Esses métodos são amplos e muito úteis, fazendo levantamento em fontes secundárias, de experiências, estudos de casos, além de observação informal. Também são utilizadas geralmente em diagnósticos de situações, exploração de novas alternativas e colocar novas ideias em evidência.

Instrumento e técnica de coleta de dados

A técnica utilizada na realização da pesquisa foi a de observação direta extensiva, que segundo Marconi e Lakatos (2002), é uma técnica realizada por meio de questionários, formulários, medidas de opinião e atitudes de técnicas mercadológicas.

Baseado no cenário apresentado em relação à coleta de informações e dados, foi aplicado nesta pesquisa o “instrumento” questionário. Esse questionário foi composto por uma explicação inicial sobre a pesquisa, dados gerais do respondente, seguido das questões a serem respondidas. O mesmo foi estruturado com perguntas abertas, fechadas e apresentou uma linguagem simples e direta visando o entendimento de forma clara da pessoa que estava sendo indagada, os questionários foram enviados via e-mail institucional, e devolvidos após efetivação das respostas.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Participaram da pesquisa 16 (dezesesseis) mulheres e 09 (nove) homens, apresentando um percentual respectivo de 64% e 36%, totalizando 25 (vinte e cinco) entrevistados dentro de uma faixa etária de 20 (vinte) a 45 (quarenta e cinco) anos, quanto ao estado civil tivemos 08 (oito) solteiros, 15 (quinze) casados, 02 (dois) divorciados e nenhum viúvo.

Possíveis causas da dificuldade na aprendizagem no ensino da TP

Tabela 1 - Afinidade dos alunos do PROEJA na disciplina Química

DISCIPLINA	OPÇÃO	Q.ALUNOS	%
Química	1	5	20
Química	2	4	16
Química	3	6	24
Química	4	10	40
TOTAL		25	100

Fonte: Autoria própria (2022)

Em conformidade com os dados obtidos, essa disciplina não apresentou um bom índice de aceitação, pois apenas 20% dos entrevistados consideraram a Química como primeira opção, 16% como segunda opção, 24% terceira opção e 40% quarta opção, isso pode ser justificado por Miranda e Costa (2007) que descreve um ensino de química com ênfase na transmissão de conteúdo, com objetivo de memorização de fatos, símbolos, nomes e fórmulas, desvinculando o conteúdo químico e o cotidiano do aluno, isso, por conseguinte reflete negativamente nos resultados da aprendizagem.

Verificação da aplicação de jogos lúdicos no ensino aprendizagem da Tabela Periódica proporcionam maior interesse e desempenho dos alunos

Após a utilização do jogo lúdico TP, em sala de aula, sendo colocado como material didático para integrar o ensino aprendizagem desse conteúdo, foi realizado a pesquisa de opinião, sendo indagado se o aluno gostaria de utilizar nas aulas de químicas atividades lúdicas como processo de ensino aprendizagem.

Dessa forma, obtivemos opiniões diversas sobre a temática, no entanto, a maioria apresentou positividade sobre a utilização do lúdico como parte integrante do ensino/aprendizagem da disciplina. Podemos citar o aluno "X" que em sua resposta foi categórico em sua explicação "no primeiro momento em que a aula de (TP) foi dada pelo professor, sinceramente fiquei preocupado, pois não estava entendendo nada, nada, pensei comigo. E agora? Isso estava acontecendo comigo, pois minha base é muito fraca na Química, o professor explicou, explicou, mas não entendi, pois é muita coisa nova. Quando o professor disse que tinha um material que ia ajudar na aula, fiquei mais tranquilo, aí foi apresentado o jogo lúdico da tabela, onde tive a oportunidade de ter mais contato com o conteúdo, devido minha dificuldade, vi ali uma chance de aprender aquilo, e isso, me deu força para seguir. Participei com vontade, me interessei bastante pela aula, e quando percebi estava aprendendo o nome dos elementos, o que era família, período e outras informações, e achei legal pois vi a turma feliz na aula e o professor também. Seria muito bom se todas as aulas tivesse isso.

Organização dos Resultados

Em vista dos argumentos apresentados, entende-se que, ao trabalharmos com o conteúdo Tabela Periódica, em turmas do PROEJA, é preciso que se considere a utilização da ludicidade no processo de ensino aprendizagem, ou seja, o casamento da teoria com a prática do referido conteúdo, pois ao analisarmos a utilização desse método como parte efetiva desse pro-

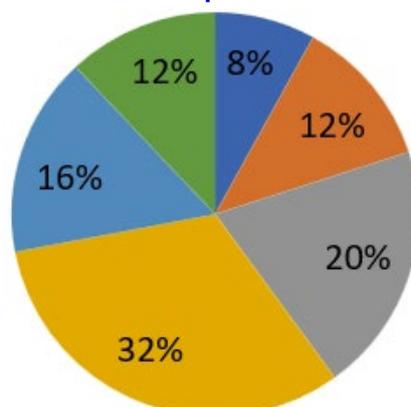
cesso, ficou constatado que houve uma melhora significativa quanto ao interesse dos discentes, o que possibilitou uma melhor aprendizagem.

É importante que se destaque algumas limitações que influenciam negativamente para a aplicação do lúdico em sala de aula, podemos citar a falta de base na disciplina e dificuldade de aprendizagem significativa para a vida dos alunos do conteúdo abordado, isso nos remete a buscar alternativas de apoio, como elaborar aulas práticas que auxiliem as aulas teóricas, proporcionando uma maior interação e participação dos alunos, ficou claro que durante todo o processo de utilização do material lúdico, a participação dos discentes foi satisfatória, foi notório a dinamização da aula abordada, e significativa a aprendizagem dos conceitos e linguagens abordadas durante o processo de ensino aprendizagem do conteúdo.

Avaliação do resultados

Notas de zero a dez quanto à utilização do método jogo lúdico Tabela Periódica (TP), em sala de aula

Gráfico 1- Notas de zero a dez quanto ao método jogo lúdico TP.



Fonte: Autoria própria (2022)

De acordo com o gráfico acima, dos 25 entrevistados quanto à nota de zero a dez para o método jogo lúdico (TP), tivemos 02 (dois) alunos que deram nota 05 sendo (8%), 03 (três) nota 06 (12%), 05 (cinco) nota 07 (20%), 08 (oito) nota 08 (32%), 04 (quatro) nota 09 (16%) e 03 (três) alunos deram nota 10 representando (12%). Desse modo ao fazermos a comparação com o método aplicado sem a apresentação do material lúdico, os entrevistados diminuíram a votação na nota 05, caindo de 32% para 8%, a nota 06 foi 56% para 12%, quanto à nota 07 que estava com 12% passou para 20%, além disso, a nota 08 que não foi contemplada na aplicação do primeiro método apresentou 32%, a nota 09, 16% e 10 a nota máxima foi citada com 12%. Ao analisarmos os resultados consideramos que a utilização do método com o material lúdico foi positivo, sendo mais efetivo para todos os alunos, pois as notas foram bem melhores em comparação com o primeiro método aplicado sem a utilização do jogo lúdico (TP).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dessa pesquisa, foi possível melhorar o aproveitamento do ensino aprendizagem no conteúdo Tabela Periódica, utilizando materiais recicláveis oriundos do lixo doméstico, para a construção de jogo didático, que foi utilizado como ferramenta junto à turma supracitada,

proporcionando melhores resultados durante a efetivação das aulas. Ao considerarmos os resultados positivos desse trabalho, verificou-se que é preciso abordar as dificuldades apresentadas pelos discentes, possibilitando através desse material, a participação e interação, tornando o conteúdo como parte integrante de suas vidas, isso possibilita a facilitação da aprendizagem, validando a estratégia utilizada, proporcionando maior interesse e desempenho dos educandos ao estudarem o conteúdo Tabela Periódica dos Elementos Químicos.

Esse trabalho foi realizado com certas adaptações, em decorrência da pandemia que assola a humanidade, inicialmente pretendia-se trabalhar com mais turmas, no entanto, para que isso fosse possível, colocaríamos em riscos à saúde dos participantes da pesquisa, dessa forma, os objetivos foram direcionados a um menor número de participantes, obedecendo a todos os protocolos para a prevenção da patologia. Em função disso, recomendou-se um trabalho em turmas de nível médio, fazendo comparativos dos resultados concernentes ao interesse e aprendizagem dos participantes da pesquisa, utilizando a metodologia aplicada nesse trabalho, contribuindo para uma maior utilização de jogos lúdicos no ensino aprendizagem da Tabela Periódica, facilitando o processo e motivando os discentes a novas descobertas com maior interação e significado para suas vidas.

REFERÊNCIAS

_____. PCN+. Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências da Natureza, Matemática e suas tecnologias. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

BERBAUM, L. C. M.; MALDANER, O. A. Estratégias de ensino do conteúdo Tabela Periódica e sua relação com a aprendizagem conceitual em aulas de química. Unijuí: XVII Jornada de Extensão, 2016.5p.

BRITO, A. L. O lúdico como instrumento de mediação no ensino de química orgânica: um olhar para a educação ambiental e materiais poliméricos. 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino Educação Básica) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2019.

GARCEZ, E. S. C. O Lúdico em Ensino de Química: um estudo do estado da arte. Tese de Mestrado, Goiânia, p. 28, 2014.

MALHOTRA, N. Pesquisa de marketing. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Marconi .M; Lakatos E. Técnicas de Pesquisa. São Paulo: Atlas S.A, 2002.

MAROJA, C. O Currículo de Química nas Escolas Públicas de Ensino Médio da Cidade de São Paulo. 219 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2007.

MATTAR, F. N. Pesquisa de marketing. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MIRANDA, D. G. P; COSTA, N. S. Professor de Química: Formação, competências/ habilidades e posturas. 2007.

SOARES, M. H. F. B.; OKUMURA, F.; CAVALHEIRO, T. G. Proposta de um jogo didático para ensino do conceito de equilíbrio químico. Química Nova na Escola, n. 18, p. 13-17, 2003.

SOARES, M. H. F. B.; OLIVEIRA, A. S. Juri Químico: uma atividade lúdica para discutir conceitos químicos. Química Nova na Escola, n. 21, p.18-24, 2005.

ZIKMUND, W. G. Business research methods. 5.ed. Fort Worth, TX: Dryden, 2000.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por permitir que eu realizasse essa meta. Obrigado pela sabedoria e amor com que fui conduzido a esse feito.

A minha orientadora, prof. Dra. Simone Cecília Paoli Ruiz, pela paciência e sabedoria destinados à construção do meu trabalho.

A UNIDA, por oportunizar a construção de uma carreira sólida, com qualificação e organização.

A UNIT, pela competência e cuidado destinados a todos os membros que buscam uma qualificação profissional, sem vocês não conseguiríamos alcançar nosso objetivo.

À minha família, todos sem exceção, pois é neles que buscamos forças para superar os momentos difíceis.

Aos meus filhos Alciro, Cristian e Hugo, pelo incentivo e alegrias, fundamentais em minha vida.

À minha esposa Maria do Carmo, incentivadora incansável de meus estudos, jamais deixando eu desanimar mediante as dificuldades.

Aos meus irmãos pelo carinho e respeito dado em minha trajetória.

Ao meu sogro Renato, por acreditar em minhas metas e ser presente nos momentos precisos.

Ao meu saudoso pai e minha querida mãe, somente gratidão, por sacrificarem seu tempo em busca da educação de seus filhos.

Reserva parque das tribos e o processo de aculturação na escola indígena “Uka Umbuesara Wakenai Anamarehit” no município de Manaus-AM/Brasil, no período de 2020-2021

Antônio Ruiz da Silva

Universidade de Integração das Américas (UNIDA)

Minuta descritiva decorrente da pesquisa científica apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação

Curso de mestrado em Ciências da Educação pela Universidad de la Integración de las Américas

Período de Realização: fevereiro de 2020 a julho de 2021

Orientador: Dr. Alderlan Souza Cabral

DOI: 10.47573/aya.5379.2.69.4

RESUMO

A finalidade desta pesquisa é compreender o processo de aculturação e identificação da identidade do índio com foco em uma escola indígena localizada na reserva, Parque das Tribos, onde se estuda unicamente a língua indígena. Objetivo geral: Compreender o processo de aculturação nos alunos indígenas de várias etnias da Reserva Parque das Tribos na escola municipal indígena na cidade de Manaus-AM/Brasil, no período de 2020-2021, será enfatizado a metodologia de pesquisa etnográfica utilizada para estudar uma sociedade ou um grupo social. Com enfoque exploratório, empregada com aplicação de formulários e questionários, com a finalidade de coletar medidas das opiniões e das observações e atitudes. Com a realização deste estudo foi possível perceber uma adaptação dos indígenas aos novos contextos das modernidades e ao mesmo tempo tentam manter algumas tradições, como o idioma falado pelos ancestrais. Dentro do Parque das tribos foi possível observar a superação de preconceitos e a visibilidade um futuro melhor. Constatou-se que os alunos indígenas vêm buscando uma educação inovadora com a finalidade de agregar este valor em sua própria etnia.

Palavras-chave: identidade. aculturação. indígenas.

ABSTRACT

The purpose of this research is to understand the process of acculturation and identification of the indigenous identity with a focus on an indigenous school located in the reserve, Parque das Tribos, where only the indigenous language is studied. General objective: To understand the process of acculturation in indigenous students of various ethnicities from the Parque das Tribos Reserve in the indigenous municipal school in the city of Manaus-AM/Brazil, in the period 2020-2021, the ethnographic research methodology used to study a society or a social group. With an exploratory focus, used with the application of forms and questionnaires, in order to collect measures of opinion and observations and attitudes. With the accomplishment of this study it was possible to perceive an adaptation of the indigenous to the new contexts of modernities and at the same time they try to maintain some traditions, such as the language spoken by the ancestors. Inside the Parque das Tribes it was possible to observe the overcoming of prejudices and the visibility of a better future. It was found that indigenous students have been seeking an innovative education in order to add this value to their own ethnicity.

Keywords: Identity. Acculturation. indigenous.

INTRODUÇÃO

Este estudo destina-se a compreender o processo de aculturação sobre a identidade indígena e como ela vem se remodelando a partir da sociedade moderna e seus impactos na vida dos alunos e comunidade, da reserva Parque das Tribos e na escola Indígena “Uka Umbesara Waknei Anamarehit” A escola estudada é uma escola diferenciada pois se estuda unicamente a língua indígena, A comunidade vem vivendo uma agtura de identidade, pois o grupo convive com as índoles do mundo contemporâneo, tecnológico e suas consequências. As concepções do mundo social e cultural.

Na contemporaneidade é muito comum ouvir pessoas falando que estão sofrendo uma crise de identidade, onde cansado com padrões dos encantos da vida não sabem quem realmente são. Isso se deve a um tipo de mudança estrutural que está transfigurando as sociedades vigentes. Precedentemente, salientadas localizações definiam as paisagens culturais, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Hoje essas comutações estão mudando as identidades do povo indígena. **Situação problema:** O problema que motivou essa pesquisa surgiu quando se observou que os alunos indígenas de várias etnias oriundos de outras reservas como do Alto Solimões e Médio Amazonas e Rio Negro migraram para Manaus vindo a ocupar uma área na zona oeste de Manaus, depois de alguns anos foi reconhecido pelas autoridades estadual e municipal denominado Reserva Parque das Tribos. Nesse processo de contato com a população urbana relacionada com as mudanças culturais, direto ou indiretamente, de forma impositiva ou natural que culmina nas mudanças de como se vestem, nas construções, costumes, hábitos, crenças, línguas, rituais e educação. Procurou-se saber, **Pergunta Central:** Como o processo de aculturação urbana tem afetado a população indígena, com a perda de suas culturas na Reserva do Parque das Tribos no município de Manaus-AM/Brasil?

Hall (2005) afirma que as identidades nacionais não são coisas com as quais as pessoas nascem, mas são formadas e transformadas. A identidade do índio antigamente era uma, se transformou, e o indígena hoje tem características diferentes.

Segundo Woodward (2000) a complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades e como consequência isso pode gerar conflitos. Essa globalização que tem tanto impacto na identidade dos sujeitos foi definida por Hall (2005, p. 91): **Perguntas específicas:** Como identificar os aspectos culturais dos jovens indígenas do Parque das Tribos no município de Manaus-AM/Brasil? Como é possível preservar os aspectos culturais do povo do parque das tribos do Município de Manaus-AM/Brasil? Qual o papel da Escola mediante as mudanças que vem ocorrendo nas culturas dos jovens indígenas do Parque das Tribos no município de Manaus-AM/Brasil?

Realizou-se esta pesquisa tendo como. **Objetivo Geral:** Compreender o processo de aculturação nos alunos indígenas de várias etnias da Reserva Parque das Tribos na escola municipal indígena na cidade de Manaus-AM/Brasil, no período de 2020-2021. **Objetivos Específicos:** Identificar os fatores que contribuíram para o processo de dispersão desses povos indígenas para as áreas urbanas; Entender como os moradores de várias etnias do Parque das Tribos na Cidade de Manaus, veem na cidade o modo de vida que estão inseridos; Verificar como os moradores e educandos da Reserva Parque das Tribos se sentem tendo em vista a perda de seus costumes, educação, hábitos e crenças na cidade.

A referida pesquisa atende as exigências éticas e técnicas científicas onde serão incluídos os docentes e seus respectivos alunos do parque das tribos, os quais serão informados para contribuírem com um questionário com perguntas abertas nesse processo de investigação. Espera-se que os resultados venham contribuir com as competências e habilidades na prática docente e favorecer a valorização de suas culturas e crenças.

O produto final desta obra é composto de uma parte dissertativa. No Marco Introdutório é apresentado o tema, o título, a descrição do problema, as definições das hipóteses, os objetivos, a justificativa e a delimitação do estudo.

Nas Considerações Finais tratar-se-á de uma reflexão, destacando os principais resultados encontrados no decorrer da investigação do objeto de estudo, bem como recomendações acerca do aprofundamento do estudo envolvendo outros sujeitos na pesquisa.

Por fim, as referências citam as obras dos autores utilizados no Marco Teórico e os documentos consultados para a realização do estudo.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROPOSTA

A discussão sobre o avanço urbano e a perda dos costumes do povo indígenas do Parque das Tribos no município de Manaus, especificamente, a escola UKA UMBUESARA ANAMAREHIT (casa dos grandes guerreiros). Esses povos de diversas etnias como os demais povos do Brasil, possuem distintas denominações com as quais podem ser identificados nos relatos de viajantes, nas pesquisas etnográficas e demais documentos. Bem como pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), órgão oficial responsável pela política indigenista no Brasil.

Entretanto, para fundamentar o presente trabalho, inicia-se analisando os primeiros registros e estudos referentes às etnias, os quais retratam o contato com os colonizadores e avanço do espaço urbano no modo de vida do povo e especificamente os do Parque das Tribos, tais como: rituais, lugares onde viviam e demais informações sobre o seu cotidiano.

Uma análise dos “Das etnias do Parque das Tribos hoje”: quantos são e, principalmente, como vivem, destacando-se a cultura, educação e os equipamentos urbanos, serviços e a suas crenças. Outro fator a ser comentado é que na escola ao mesmo tempo em que aprende a cultura do homem branco, o índio assiste à perda de suas próprias tradições, ao esquecimento de sua língua e o gradual desaparecimento de toda a sua cultura. O estudo se justifica pelo fato de se buscar respostas através de pesquisas científicas analisando o processo de aculturação nessa escola, pois, a ciência possibilita apresentar resposta para melhorar os impactos causados nesses jovens alunos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O processo de institucionalização da educação escolar indígena, é destacado como um dos direitos fundamentais dos povos indígenas que, como a história mostra, vivem há anos sem amparo legal neste aspecto e, atualmente, recepcionam a política de educação escolar indígena atual como instrumento no ordenamento jurídico que rege a educação, como garantia, em todo o território nacional.

O primeiro contato entre índios e europeus teve início durante o século 16, com a chegada dos colonizadores aos países brasileiros. Os viajantes e naturalistas que passaram por aqui, registraram suas impressões sobre os povos do Brasil. Para Oliveira; Freire (2006, p. 22), as descrições geográficas e culturais dos colonizadores, contêm muitas limitações, incluindo a capacidade portuguesa de subjugar os indígenas, o que ajudou a identificar índios hostis geralmente como Tapuios. Essa identidade escondia iniciativas indígenas, processos de alianças socioculturais intertribais ou conflitos com colonizadores.

Antes da chegada do colonizador, a educação dos índios acontecia por meio de uma

relação de troca entre os que aprendem e ensinam ao mesmo tempo [...] os códigos sociais de conduta, as regras de trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia [...] (BRANDÃO, 2007, p.10). Quando se fala sobre a educação dos povos indígenas Freire (2004) aponta:

Nessa sociedade sem escola, onde não havia situações sociais exclusivamente pedagógicas, a transmissão de saberes era feita no intercâmbio cotidiano, por contatos pessoais e diretos. A aprendizagem se dava em todo o momento e em qualquer lugar. Na divisão do trabalho, não havia um especialista –o docente –dissociado das condições materiais de existência do grupo. Posto que era sempre possível algo em qualquer tipo de relação social, isso fazia de qualquer indivíduo uma gente da educação tribal, mantendo vivo o princípio de que todos educam (p.15)

Os primeiros indícios sobre a escolarização indígena no Brasil, foram feitas no início da colonização e realizadas pelos jesuítas por meio da catequese sob a orientação dos princípios da educação para a salvação. “A educação escolar, introduzida pelos brancos em função do contato, se contrapõe à educação propriamente indígena, aquela que inclui os diferentes processos tradicionais de socialização, específicos a cada povo” (SILVA; AZEVEDO, 2004).

O modelo educacional foi imposto aos povos indígenas, sem dar-lhes a oportunidade de dizer se desejam receber ou participar deste modelo educacional. Os europeus, munidos de uma visão etnocêntrica, viam na escola um meio de integrar e adaptar os índios aos padrões culturais ocidentais para civilizar esses povos. A partir da literatura sobre o assunto, pode-se concluir que a escolarização imposta pelos europeus contribuiu inicialmente para a dizimação cultural de várias etnias.

Escrevendo sobre a história da educação, Saviani (1997) observou que em 1548, os jesuítas “cumpriam os mandatos do Rei D. João III, que formulara, nos “Regimentos”, aquilo que poderia ser considerado a nossa primeira política educacional [...]”. “Entre as diretrizes básicas constantes no Regimento, isto é, na nova política ditada por D. João III, é encontrada um referente à conversão dos indígenas, à fé católica pela catequese e pela instrução” (RIBEIRO, 2000 p. 18). O currículo desenvolvido a partir dessa política, voltado para os filhos dos índios e dos colonos, logo foi substituído pela Ratio Studiorum⁶ (SAVIANI, 1997).

Em meados do século 18, iniciou-se um novo período na história do contato entre índios e governantes coloniais, marcado pelas preocupações da coroa portuguesa, com questões estatais e administrativas que se estendiam também às colônias. Neste cenário, surge a figura do Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo, como Primeiro-Ministro do Rei de Portugal (1750-1757). Como partidário do Iluminismo, Pombal logo tentou separar o Estado da Igreja e, como medida, expulsou os jesuítas primeiro da Amazônia e depois do Brasil (OLIVEIRA; FREIRE, 2006).

O modelo educacional introduzido com esta política, visava civilizar os índios e, como determinação, foi instituída a obrigatoriedade do ensino da Língua Portuguesa e impôs que a civilização dos índios deveria ser realizada nas escolas públicas (OLIVEIRA; FREIRE, 2006).

Com o decreto imperial nº 426/1845 foi criado o regulamento sobre as missões de catequese e civilização dos índios, que vigorou até 1889. Em seu fundamento organizacional, a responsabilidade atribuída aos religiosos era exatamente de proporcionar o ensino escolar para os indígenas, amplificando assim, que a educação dos índios voltasse para o domínio dos religiosos. Conforme apontado por Sampaio (2008), o novo texto legal se baseia em antigas

"experiências de outras propostas de civilização". Além da preocupação com a catequese e a manutenção do sistema de aldeias, será retomada a recomendação de criar escolas para crianças nas aldeias [...] (p. 12).

Após quatro séculos de extermínio sistemático de povos indígenas, em 1910 o estado criou o Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Essa política iniciou outro período nas relações entre o Estado brasileiro e os povos indígenas, porque "relatou-se um receio com a diversidade linguística e cultural da população indígena" (FERREIRA, 2001, p. 74). Durante a ditadura militar (1967), a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) foi criada para substituir o SPI. Em termos de educação, a FUNAI optou por ofertar o ensino bilíngue em escolas indígenas, para aliviar a carga negativa que estava relacionada ao Brasil, pelo extermínio de milhares de indígenas. Pensando nisso, ocorreram algumas mudanças em relação à escolaridade indígena. Merece ênfase o trabalho do Summer Institute of Linguistics-SIL10, que desenvolveu um projeto educacional em comunidades indígenas, cujo objetivo não era acabar com a diferença, mas subjuga-las (Antônia, p. 34, 2016).

Na prática, Santos (2001) recorda que as escolas indígenas operavam nos padrões das escolas de todo país, muito aquém da realidade dos diversos grupos indígenas. Com base nas ideias de autores como Meliá (1979), Ferreira (2001) critica o modelo de escolarização indígena desenvolvido pelo SPI, SIL e FUNAI, pois a seu ver, "não difere estruturalmente, nem no funcionamento, nem nos seus pressupostos ideológicos, da educação missionária (p. 80)". Por meio dessas medidas educativas, reproduziu-se uma modalidade de educação no âmbito da cultura ocidental, que se caracterizou como violência simbólica. Bourdieu (1975) atesta que a violência simbólica se revela "quando são dadas as condições sociais de imposição e inculcação" (p. 22).

Freire (2004), [...] a escola destinada aos povos indígenas continuou a missão colonizadora e "civilizadora" que lhe fora atribuída pela Coroa Portuguesa. Tanto no Império como na República foi a principal instituição executora de uma política educacional, cujo objetivo principal era eliminar as diferenças, despojando os grupos étnicos de suas línguas, de suas culturas, de suas religiões, de suas tradições, de seus saberes, incluindo, entre esses saberes, os métodos próprios de aprendizagem (p. 23)

A legislação educacional e a documentação sobre a escolarização indígena no Brasil, não tem mais o foco na prerrogativa de integração e assimilação dos índios na sociedade nacional, mas na tarefa de defender, respeitar, prezar os conhecimentos, línguas, princípios, costumes e as formas de organização da sociedade indígenas (ALMEIDA; SILVA, 2003, p. 20).

Sobre a História da Escola Indígena, Baniwa (2013) frisa: a história da Escola Indígena no Brasil pode ser separada em dois períodos diferentes, dada a sua missão institucional.

A escolaridade indígena específica e diferenciada faz parte da agenda política do Estado brasileiro. Bobbio (1992) aponta que a legitimidade da lei requer a existência de um sistema normativo que garanta o exercício desse direito. A existência de um direito, seja em sentido forte ou fraco, sempre implica a existência de um sistema normativo no qual eles devem ser entendidos pela existência tanto no mero fator externo de uma lei histórica ou atual quanto no reconhecimento de um conjunto de normas como guia para sua própria ação. A figura do direito tem com ocorrência a figurada obrigação (BOBBIO, 1992). Bourdieu (1989) aperfeiçoou um conceito sociológico de direito e o concebeu como uma ferramenta feita pelo homem que geralmente se apresenta em duas perspectivas: lista interna e lista externa. Para esse teórico, tais perspectivas, tendem a rejeitar a existência de um universo social parcialmente independente, e é por isso que o Estado

exerce sua autoridade legal, ou seja, a violência simbólica é frequentemente utilizada.

Com base nas diretrizes legais nacionais e internacionais sobre educação escolar indígena e nas deliberações da I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena (CONEEI), bem como nas contribuições dos participantes de dois seminários do Conselho Nacional de Educação (CNE), realizado em 2011 e 2012, bem como a cooperação de pessoas e instituições durante a fase anterior do Conselho Nacional de Educação por meio da Resolução nº 05/2012, introduziu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Escolarização Indígena na Educação Básica. As diretrizes, com base na LDB / 96, determinam as responsabilidades e aptidões de cada unidade federada na oferta da educação indígena de acordo com as seguintes diretrizes:

Art. 24 Constituem atribuições da União: I-legislar privativamente e definir diretrizes e políticas nacionais para a Educação Escolar Indígena; II-coordenar as políticas dos territórios Etna educacionais na gestão da Educação Escolar Indígena; III-apoiar técnica e financeiramente os Sistemas de Ensino na oferta de Educação Escolar Indígena, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa com a participação dessas comunidades em seu acompanhamento e avaliação; IV-ofertar programas de formação de professores indígenas –gestores e docentes – e das equipes técnicas dos sistemas de ensino que executam programas de Educação Escolar Indígena; V-criar ou redefinir programas de auxílio ao desenvolvimento da educação, a fim de atender às necessidades escolares indígenas; VI orientar, acompanhar e avaliar o desenvolvimento de ações na área da formação inicial e continuada de professores indígenas; VII -promover a elaboração e publicação sistemática de material didático específico e diferenciado, destinado às escolas indígenas; VIII –realizar as Conferências Nacionais de Educação Escolar Indígena.

Art. 25 Constituem atribuições dos Estados: I -ofertar e executar a Educação Escolar Indígena diretamente ou por meio de regime de colaboração com seus Municípios; II -estruturar, nas Secretarias de Educação, instâncias administrativas de Educação Escolar Indígena com a participação de indígenas e de profissionais especializados nas questões indígenas, destinando-lhes recursos financeiros específicos para a execução dos programas de Educação Escolar Indígena; III-criar e regularizar as escolas indígenas como unidades próprias, autônomas e específicas no sistema estadual de ensino; IV-implementar e desenvolver as ações pactuadas no plano de ação elaborado pela comissão gestora dos territórios etno educacionais;

V-prover as escolas indígenas de recursos financeiros, humanos e materiais visando ao pleno atendimento da Educação Básica para as comunidades indígenas; VI-instituir e regulamentar o magistério indígena por meio da criação da categoria de professor indígena, admitindo os professores indígenas nos quadros do magistério público mediante concurso específico; VII -promover a formação inicial e continuada de professores indígenas–gestores e docentes; VIII -promover a elaboração e publicação sistemática de material didático e pedagógico, específico e diferenciado para uso nas escolas indígenas.§1º As atribuições dos Estados com a oferta da Educação Escolar Indígena poderão ser realizadas em regime de colaboração com os municípios, ouvidas as comunidades indígenas, desde que estes tenham se constituído em sistemas de educação próprios e disponham de condições técnicas e financeiras adequadas.§ 2º As atribuições dos Estados e do Distrito Federal se aplicam aos Municípios no que couber. Art. 26 Constituem atribuições dos Conselhos de Educação: -estabelecer critérios específicos para criação e regularização das escolas indígenas e dos cursos de formação de professores indígenas; II-autorizar o funcionamento e reconhecimento das escolas indígenas e dos cursos de formação de professores indígenas; III -regularizar a vida escolar dos estudantes indígenas, quando for o caso. Parágrafo único. Em uma perspectiva colaborativa, os Conselhos de Educação podem compartilhar ou delegar funções aos Conselhos de Educação Escolar Indígena, podendo ser criados por ato do executivo ou por delegação dos próprios Conselhos de Educação em cada realidade.

Muito se comenta, e se lamenta, que os índios estão perdendo sua cultura por conta que eles vêm aderindo à costumes de quem mora na cidade urbana como utilizar calçado, vestimen-

ta e falando em português. Acredita-se que o correto é seguir as suas tradições e viver no eterno isolamento dentro da mata, mas devemos levar em conta que a história da sociedade brasileira deve muito à esses indígenas e de fato, pensar dessa forma é um egoísmo social. O que nos diferencia deles é que somos "apenas" mais um povo; nossa tecnologia nos faz especialmente perigosos e, ao longo desses 500 anos, a história não tem sido fácil para os índios, que tiveram que lutar para sobreviver a epidemias, guerras, escravidão, aldeamentos e esforços de integração à população nacional $\frac{3}{4}$ e foram poucos os que conseguiram. Como, então, sem isolá-los, mantendo-os em uma redoma de vidro (HALL, 2006, p. 13).

[...] As identidades são formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 2006, p. 13).

As lutas e as resistências das novas identidades ocorreram nas mais diversas frentes, desde os direitos econômicos, sociais e culturais, até os direitos ambientais, possibilitando, dessa forma, o surgimento dos novos movimentos sociais. O surgimento desses novos movimentos implica em lutas, pelo reconhecimento das diferenças, revelam, em primeiro lugar que a construção dessas mesmas identidades nacionais se dá em um plano de disputas de poder e de contradições internas, inerentes a cada nação.

O grande desafio da escola no século XXI é, portanto, não só o de garantir o direito e respeito às diferenças, mas também o de se inserir em um contexto de lutas em prol de políticas de igualdade, de transversalidade de direitos. Não há porque seguir pensando a escola como uma instituição neutra e imparcial, depois das teorias críticas, e pós-críticas do currículo. Ao contrário, a escola é uma instituição produzida pela sociedade e, como tantas outras instituições, pode reproduzir e reforçar as desigualdades, e a exclusão, assim como pode ser uma ferramenta de promoção da cidadania, pautada no reconhecimento das diferenças e da diversidade. (ROSANGELA, 2006, p. 6).

O interesse atual pela temática indígena e afro-brasileira se deve à renovação de perspectivas teóricas, além do esforço de movimentos sociais que reivindicam um olhar pluralista sobre a História e cultura no Brasil. No século XIX, quando surgiram os primeiros esforços para explicar a formação do Brasil, negligenciava-se a contribuição de índios e negros, valorizando-se a presença "civilizatória" portuguesa.

A ideia de que os índios seriam extintos parte do princípio de que mudanças culturais progressivas os conduziram à perda de identidade étnica. A esse modelo de interpretação chamamos de aculturação, que entendia ser o índio verdadeiro aquele considerado "puro", isto é, que recebera pouca influência dos não índios. Os processos históricos de contato entre culturas levariam à formação de "caboclos", que deixariam de ser índios.

Hoje no Brasil existem aproximadamente 238 povos indígenas, falantes de mais de 180 línguas diferentes. A maioria vive no interior de 688 terras indígenas. Nas últimas décadas, contrariando as previsões de extinção, houve crescimento demográfico entre os índios. Dados dos três últimos censos demonstram essa realidade.

Assim, ao invés de tratarmos do termo aculturação, usamos o conceito de **transculturação**, que entende que todas as sociedades são mistas, variadas e sujeitas à mudança. Já que toda sociedade se modifica ao longo do tempo, em situações de contato entre diferentes culturas, entende-se que as influências são recíprocas, mesmo quando uma das partes promove

escravidão e morte.

Estudar a história indígena também é uma forma de introduzir discussões interessantes sobre direitos humanos, além de tratar de conceitos importantes da Antropologia Social. É importante que o professor procure informações sobre comunidades indígenas em sua cidade ou estado. Além disso, pode-se encontrar pesquisas sobre o papel dos índios em episódios importantes da história local. Isso aproximará e sensibilizará o aluno para essas questões.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Projeto de pesquisa

A presente pesquisa desenvolveu-se no Parque das Tribos, localizado na Comunidade Cristo Rei no Município de Manaus-AM/Brasil. Essa comunidade é a reunião de famílias que em Manaus na de 80 buscando melhores condições de vida

Optou-se pelo enfoque exploratório, onde é empregado formulários e questionários com a finalidade de coletar medidas de opiniões e de observações daquilo que se pesquisa.

Tipo de pesquisa

Se desenvolverá uma pesquisa etnográfica foi importada da antropologia para diversas áreas, tais como a sociologia e a educação. Enquanto em sua origem eram estudadas culturas remotas em seu caráter de não-familiaridade, nos dias de hoje deu-se o oposto: a etnografia começa sua pesquisa por perto em busca de desvelar determinados aspectos daquilo que nos parece familiar (FLICK, 2009; GOELLNER *et al.*, 2010), ou seja, caminhou-se do “transformar o exótico no familiar” para o “transformar o familiar em exótico” (DAMATTA, 1978, p. 4). A pesquisa etnográfica atual considera uma estratégia de pesquisa mais flexível, aceitando o emprego de todos os tipos de métodos e concentrando-se na redação e descrição das experiências naquele campo (LUDERS, 2004 *apud* FLICK, 2009).

Instrumento e técnica de coletas de dados

O questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito. Dentre as principais vantagens estão a economia de tempo, a eficiência na coleta de um grande número de dados, a possibilidade de atingir um número maior de pessoas em uma área geográfica mais ampla.

Segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

ANÁLISE DE RESULTADOS

Após o processamento dos dados, o estudo deve indicar como os resultados da pesquisa foram tratados. Apresenta-se a coleta de dados e os resultados são discutidos para exporem detalhes os dados que posteriormente justificarão a conclusão. Todos os resultados devem ser

mencionados, mesmo aqueles que contradigam os objetivos específicos ou a hipótese da pesquisa.

Os resultados são apresentados de acordo com a abordagem adotada na pesquisa e podem ser expressos por meio de tabelas, gráficos ou figuras. Tudo deve ser referenciado.

Organização dos resultados

A Amazônia é palco de exploração, mas é também palco de inúmeras lutas de resistência e afirmação, como aquela pela defesa dos lagos contra os peixeiros predadores; do extrativista que, na reserva, gesta um novo pensamento coletivo de viver em meio à abundante natureza; dos cientistas que, pacientemente, aprofundam conhecimentos sobre a realidade amazônica e os devolvem à população. E há a teimosia diária dos povos indígenas em continuarem, dinamicamente, a viver do seu jeito.

Apesar de buscar melhores condições de vida na cidade, a maioria dos indígenas vive em situação de pobreza, tem dificuldade de conseguir emprego e a principal renda vem do artesanato. “Geralmente, as comunidades estão localizadas em área de risco. A maior parte fica dentro da aldeia trabalhando com artesanato. Há muito tempo, a floresta amazônica deixou de ser o lar de milhares de indígenas. A escassez de alimentos, o desmatamento e o avanço das cidades sobre as matas são alguns fatores que motivaram povos tradicionais a migrar para áreas urbanas.

A liderança indígena está trabalhando para mudar essa história porque todas as áreas indígenas são riquíssimas, tem um potencial econômico grande. O mercado consumidor tem uma carência muito grande de tudo que tem na aldeia: alimentação, da matéria-prima, daquilo que pode ser transformado em joia, em remédio, em perfume, enfim. Tudo que tem lá dá para se transformar em moeda.

Avaliação dos resultados

Pode-se afirmar que, no início da pesquisa etnográfica o pesquisador chegou à conclusão de que apenas o contato real em campo poderia descrever melhor a cultura de um povo. E aqui chegou-se em um dos principais pontos relacionados à etnografia: a pesquisa etnográfica tem como foco entender a cultura de comunidades e grupos sociais implementação das atividades propostas na unidade do Parque das Tribos uma interação com os alunos demonstraram muito interesse, pois segundo os mesmos esse tema atraia a atenção e a curiosidade de todos, afinal estava-se estudando uma cultura diferente da nossa e segundo Gersem dos Santos e Luciano Baniwa.

A riqueza da diversidade sociocultural dos povos indígenas representa uma poderosa arma na defesa de seus direitos e hoje alimenta o orgulho de pertencer a uma cultura própria e de ser brasileiro originário

Através da pesquisa sobre o termo „aculturação,, proposto pelo primeiro objetivo específico, identificar os fatores que contribuíram para o processo de dispersão desses povos indígenas para as áreas urbanas; Observou-se que A escassez de alimentos, o desmatamento e o avanço das cidades sobre as matas são alguns fatores que motivaram povos tradicionais a migrar para áreas urbanas.

Quando se fala em aculturação muitos deles desconheciam os seus significados, mas através da pesquisa, os mesmos foram se familiarizando com o termo e entendendo o seu significado, pois o resgate da história do indígena é de suma importância numa sociedade como a brasileira, haja visto a grande contribuição desse povo para a construção de nossa nação, esse povo que esteve aqui muito antes da chegada dos europeus com sua ânsia de aculturar os povos nativos e em busca de bens materiais, provocando a destruição física e cultural, bem como, desapropriando-os de suas terras e de seu direito de viver conforme seus costumes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É indiscutível que o processo de aculturação tenha afetado em grande escala os povos indígenas, com a internalização do sistema tecnológico e a globalização passou a afetar o modo como as pessoas se relacionam e como cada indivíduo pensa. Hoje o sujeito social se apresenta como heterogêneo, trazendo à tona seus atravessamentos indenitários.

O povo indígena hoje luta para manter sua cultura viva e ao mesmo tempo vem buscando fazer parte de uma sociedade” aculturação” mostrando que o índio é capaz de ser um professor, médico ou advogado. O índio tem vontade de crescer e ser alguém que possa fazer a diferença dentro e fora da comunidade.

Portanto, o contexto histórico nos remete ao processo de formação das primeiras cidades no mundo, não sendo diferente no Brasil, especificamente, na Tríplice Fronteira das cidades de Brasil, Colômbia e Peru, principalmente, com um crescimento das cidades houve um avanço horizontal na cidade de Tabatinga. Isso vindo a transformar as reservas indígenas em quase um bairro da cidade, criando vários fatores que culminaram com dispersão de várias etnias para os centros urbanos como a cidade de Manaus onde hoje vivem os Witotos, Ticunas, Barés, Carapãnas e Kocamas.

Ficou comprovado que, as cidades brasileiras apresentam várias configurações no tempo e no espaço. Atualmente, as várias especificidades que estão marcadas na estratificação social de uma cidade. Desse modo, compreender os moradores da Reserva Parque das Tribos remete a uma análise do processo civilizatório e por uma conexão que esses povos originários vêm se transformando ao longo do tempo com o processo de urbanização que está ligado ao processo econômico na Amazônia.

Atualmente, as migrações de povos indígenas de várias cidades ribeirinhas que compõe o estado do Amazonas e essa miscigenação sanguínea de indígenas e brancos fazem com que haja uma demanda muito grande dessa população para as cidades que é o propulsor da aculturação.

A inserção da população indígena no contexto urbano é uma questão de abordagem profunda que foi possível fazê-lo no âmbito desse trabalho. Deste os primeiros estudos realizados no Parque das Tribos os índios enfatizam que, apesar das transformações ocorridas no âmbito social e cultural, a um esforço muito grande por parte das lideranças em manter vivo as identidades étnicas nesse novo contexto de vida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. S. Mulher e Educação: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora Unesp, 2003
- BOBBIO, Norberto. A Era dos Direitos. Rio de Janeiro:Campus, 1989.
- BOURDIEU, P., PASSERON, J. C. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Catequese e colonização no discurso jesuítico. In:BARROS, Diana Luz Pessoa de (org.) Os discursos do descobrimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 2007.
- DAMATTA, Roberto. O Ofício de Etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues”. In NUNES, Edson de Oliveira (org.). A Aventura Sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. pp. 23-35.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Demandas sociais e história do tempo presente. In: VARELLA, F. et. All (Org). Tempo presente e usos do passado. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 31-49.
- FLICK, U. Desenho da pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FREIRE, José Ribamar Bessa; MALHEIROS, Márcia Fernanda. Aldeamentos indígenas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LÜDERS, Tomás. Relaciones interdiscursivas entre líderes políticos y diarios nacionales de referencia dominante en las sociedades mediatizadas. El caso Néstor Kirchner-diario Clarín (Argentina, 2003-2009). Plan de Trabajo. Universidad Nacional de Rosario. Doutorado em Comunicação. 2009.
- MELIÀ, Bartomeu. Educação indígena e alfabetização. São Paulo: Loyola, 1979.
- OLIVEIRA; João Pacheco de; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. A presença indígena na formação do Brasil. Brasília: MEC/SECAD/LACED/Museu Nacional, 2006.
- RIBEIRO, Darcy. Os índios e a civilização; a integração das populações indígenas no Brasil Moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ROSÂNGELA G. In: ARANTES, Valéria A. (Org.). Inclusão Escolar: pontos e contrapontos. São Paulo: Ed. Summus, 2006. 103p
- SANTOS, M. A. Nós só conseguimos enxergar dessa maneira...; Representações e Formação de educadores. 2010. 172. Tese – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- SAVIANI, Dermeval. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. 10 ed., Campinas, SP: Autores associados, 1997.
- SILVA, José Afonso da. Curso de Direito Constitucional Positivo. São Paulo: 2004.

05

O uso da metodologia científica em sala de aula, para alunos do 3º ano do ensino médio, na disciplina de biologia

The use of scientific methodology in classroom, for students of the 3rd year of high school, in the discipline of biology

Sandraléa Socorro Lima dos Santos Andrade

Universidad de la Integración de las Américas (UNIDA)

<http://lattes.cnpq.br/7031914829420378>

Minuta descritiva decorrente da pesquisa científica apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação

Curso de mestrado em Ciências da Educação pela Universidad de la
Integración de las Américas

Período de Realização: janeiro de 2020 a julho de 2021

Orientador: Dr. Wagner Barros Teixeira

DOI: 10.47573/aya.5379.2.69.5

RESUMO

Este estudo trata sobre o uso da metodologia científica em sala de aula, para alunos do 3º ano do Ensino Médio, na disciplina de Biologia, tendo como objetivo geral: analisar de que formas o uso da metodologia científica contribui para a formação do aluno do 3º ano do Ensino Médio em uma escola pública estadual, no Município de Manaus, Amazonas/Brasil, com vistas a responder o questionamento central: Como a pesquisa científica apoia o processo de formação dos alunos do 3º ano do Ensino Médio em uma escola pública estadual, no Município de Manaus, Amazonas/Brasil? Para tanto utiliza a pesquisa bibliográfica, fazendo o levantamento do Estado da Arte, e etnográfica, para coletar dados junto a informantes. O enfoque que norteia essa pesquisa é misto e tem o apoio da aplicação de questionário de sondagem na pesquisa etnográfica. Esse trabalho norteia-se sobre dois eixos teóricos: o primeiro vai conceituar a pesquisa e método científico, com base em considerações de pesquisadores como: Lavelle (1999); Marconi e Lakatos (2003) e Demo (2006). O segundo eixo vai abordar a temática do uso da pesquisa na sala de aula, com base nas considerações de: Silva (2005); Demo (2006), e Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018).

Palavras-chave: metodologia. pesquisa. sala de aula.

ABSTRACT

This master's research work deals with the use of scientific methodology in the classroom, for students of the 3rd year of high school, in the discipline of Biology, with the general objective: to analyze in which ways the use of scientific methodology contributes to the formation of the 3rd year high school student in a state public school, in the Municipality of Manaus, Amazonas-Brazil, in order to answer the central question: How scientific research supports the process of formation of the 3rd year high school students in a state public school, in the city of Manaus, Amazonas/Brazil? To do so, it uses bibliographic research, surveying the State of the Art, and ethnographic research, to collect data from informants. The focus that guides this research is mixed and is supported by the application of a survey questionnaire in ethnographic research. This work is guided by two theoretical axes: the first will conceptualize research and the scientific method, based on considerations by researchers such as: Lavelle (1999); Marconi e Lakatos (2003) and Demo (2006). The second axis will approach the theme of the use of research in the classroom, based on the considerations of: Silva (2005); Demo (2006), and National Curricular Common Base (BNCC, 2018).

Keywords: methodology. research. classroom.

INTRODUÇÃO

Devido a minha experiência como professora na rede estadual e municipal de ensino no Estado no Amazonas/Brasil, atuando há mais de vinte anos, desde o início de minha carreira no Ensino Médio, vivencio grandes desafios para formar cidadãos críticos nessa etapa de ensino que é anterior à Universidade. Entre esses desafios está o uso da metodologia científica para desenvolver pesquisadores no Ensino Médio. Diante desse problema, procurou-se saber: Pergunta central: Como a pesquisa científica apoia o processo de formação dos alunos do 2º Ano

do Ensino Médio em uma escola pública estadual, no Município de Manaus, Amazonas/Brasil? E tendo como perguntas específicas: Que conhecimentos sobre pesquisa e metodologia científica o aluno do Ensino Médio possui em uma escola pública estadual, no Município de Manaus, Amazonas/Brasil? De que maneiras o aluno realiza pesquisa na sala de aula? Quais são os desafios para se realizar pesquisa na escola na perspectiva do aluno do Ensino Médio em uma escola pública estadual, no Município de Manaus, Amazonas/Brasil?

A temática abordada nesta pesquisa tem como objetivo geral: Analisar de que formas o uso da metodologia científica contribui para a formação do aluno do 2º ano do Ensino Médio em uma escola pública estadual, no Município de Manaus, Amazonas/Brasil. Especificamente, para alcançar os objetivos específicos desta pesquisa optou-se por verificar que conhecimentos sobre pesquisa e metodologia científica o aluno do Ensino Médio possui; Diagnosticar as maneiras com as quais o aluno do Ensino Médio realiza pesquisa na sala de aula; Perceber quais são os principais desafios para a realização da pesquisa na escola na visão dos alunos no Ensino Médio.

O tipo de enfoque da pesquisa é misto, qualiquantitativo: considerado qualitativo porque vai produzir dados descritivos e analíticos com base em percepções dos seus informantes, produzindo análises subjetivas, é também quantitativo também porque terá um número de dez informantes, esses dados vão gerar dados numéricos, dados percentuais que vão ser analisados

Utilizou-se como instrumento de pesquisa um questionário, onde foram selecionados 10 alunos para assim ser realizado a análise dos resultados.

Estrategicamente, optou-se pela técnica de pesquisa descritiva analítica, sendo feita análise da percepção dos informantes, também utilizada a pesquisa bibliográfica para fazer o levantamento do Estado da Arte, e etnográfica para coletar os dados junto aos informantes, que feita através de questionário de sondagem aplicado pelo *Google Forms* para garantir os cuidados sanitários necessários devido à pandemia da Covid-19.

O produto final desta obra é composto de uma parte dissertativa. No Marco Introdutório é apresentado o tema, o título, a descrição do problema, as definições das hipóteses, os objetivos, a justificativa e a delimitação do estudo.

Nas Considerações Finais tratar-se-á de uma reflexão, destacando os principais resultados encontrados no decorrer da investigação do objeto de estudo, bem como recomendações acerca do aprofundamento do estudo envolvendo outros sujeitos na pesquisa.

Por fim, as referências citam as obras dos autores utilizados no Marco Teórico e os documentos consultados para a realização do estudo.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROPOSTA

Diferentemente do Ensino Básico, a entrada numa universidade e faculdade exige um grande uso de algumas habilidades. Num país que passa por dificuldades estruturais na educação, como o Brasil, escrever tornou-se um problema crônico. Assim, a passagem do Ensino Básico para o superior deveria ser tratado com maior cuidado por parte dos sistemas de ensino público e privado.

A Metodologia Científica é o estudo dos métodos ou da forma, ou dos instrumentos ne-

cessários para a construção de uma pesquisa científica; é uma disciplina a serviço da Ciência.

O Ensino Médio é a fase escolar de grande importância para a vida do estudante, é o norte das etapas futuras da vida desse aluno. Entendendo essa importância, questiona-se o quanto esses discentes são preparados para uma universidade e como os professores trabalham isso dentro das salas de aulas, para assim o aluno ter mais segurança ao desenvolver pesquisas.

A PESQUISA E O MÉTODO CIENTÍFICO

O ato de pesquisar inicia-se pela busca de respostas de algum questionamento, procurando conhecimento de maneira mais eficaz e satisfatório. Desse modo o pesquisador deverá seguir um método para iniciar e a partir daí encontrar o caminho da investigação. Se o método for seguido, o caminho terá direção, sentido, e poderá ser alcançado utilizando os instrumentos adequados à investigação. A solução ocorre quando as respostas são obtidas e explicadas de forma precisa e adequada à dúvida inicial. Sem os recursos da metodologia não existe a pesquisa. Para Cervo *et al.* (2007, p. 55).

“A pesquisa é uma atividade voltada para a investigação de problemas teóricos ou práticos por meio do emprego de processos científicos, ela parte, pois, de uma dúvida ou problema e, com o uso do método científico, busca uma resposta ou solução”.

Sendo assim, com a pesquisa interagimos com um novo horizonte através dos mecanismos que serão utilizados na pesquisa, desvendando novos fatos e solucionando problemas, os quais serão estudados adequadamente para que não exista dúvidas.

A partir de um questionamento, curiosidade, dúvida, que irá ao levantamento de suposições a respeito de algo, a pesquisa se constrói. Para obter resposta para tal questionamento se faz necessário a busca do problema que se deseja resolver, encontrar resposta mesmo que seja para uma criança ou para um adulto. Procura-se definir o caminho através de métodos que poderão nortear o desenvolvimento da pesquisa e encontrar resultado para tal questionamento. Enfim, é a descoberta e apropriação de novos conhecimentos. Sendo assim, Gil afirma (2002, p. 17): “Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Tais problemas não poderiam ser solucionados sem a prática da pesquisa, que é realmente a verdadeira bússola utilizando a metodologia que deve ser estudada e avaliada antes de decidir qual seguir.

A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados. (GIL, 2002, p. 17).

Não há rendimento, muito menos vitória em uma pesquisa se não existir as metas. É extremamente importante ter conhecimento do assunto, estudar, buscar conhecimento; ter curiosidade é fundamental, é uma forma de motivar o questionamento; atingir a integridade intelectual que é um elemento que é formado durante o processo educacional, estimula a crítica e busca respostas; dispor de atitude autocorretiva para a correção dos seus próprios erros para que a pesquisa seja satisfatória; apresentar sensibilidade social e perceber as emoções dos outros; contar com a imaginação disciplinada, controlar o poder de produzir e conduzir as emoções; possuir perseverança e paciência, deixar os obstáculos e dificuldades de lado e conquistar o

objetivo. Tais qualidades dão ao pesquisador a abertura inicial para chegar ao desfecho de uma pesquisa. E para Gil (2002, p.18) se faz necessário: “a) conhecimento do assunto a ser pesquisado; b) curiosidade; c) criatividade; d) integridade intelectual; e) atitude autocorretiva; f) sensibilidade social; g) imaginação disciplinada; h) perseverança e paciência; i) confiança na experiência.

Segundo Demo (1985, p. 16), “Pesquisa é o processo que deve aparecer em todo o processo educativo, como princípio educativo que é, na base de qualquer proposta emancipatória”. Quando não há pesquisa, o aprendizado fica comprometido. Por isso que se faz necessário ter os meios e orientação adequada dentro da escola para que haja funcionalidade e sistematização da pesquisa com instrumentos necessários para que o aluno não se perca no meio do caminho. Enfrentando todos os desafios a serem construídos para o conhecimento.

Existem muitas fontes para se realizar pesquisa de forma simples e objetiva. O professor orienta como fazer a pesquisa através de busca dentro de organizações científicas nacionais e internacionais. Esses intermediadores da pesquisa são de extrema importância na vida do estudante que irá ter contato com a pesquisa e se fundamentar através dessas organizações.

Com a pesquisa o estudante consegue desenvolver suas habilidades e encontrar métodos interessantes para desenvolver ideias que poderão contribuir para sua formação. Com conhecimento, pesquisa e metodologia adquire independência para sua criatividade, com capacidade, autonomia e determinação.

Conceituando método científico

Método é um processo, o meio que se define um plano de acordo com a organização para esclarecer uma dúvida. Todo método científico é organizado justamente para que seja sistemático e adotado na investigação científica para reunir meios para seguir um caminho no qual será possível alcançar um objetivo. Seguindo um método com técnicas adequadas o pesquisador chega à resolução do problema totalizando o conhecimento. Para Gil (2002 p. 8), “Pode-se definir método como caminho para se chegar a um determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”.

Segundo Fachin (2005, p. 29):

O método é um instrumento do conhecimento que proporciona aos pesquisadores, em qualquer área de sua formação, orientação geral que facilita planejar uma pesquisa, formular hipóteses, coordenar investigações, realizar experiências e interpretar os resultados.

O método científico é o caminho que o pesquisador encontra para construir uma sistemática a ser seguida. Os métodos não são iguais, cada tipo de pesquisa exige um método a ser seguido. Para que ter conhecimento específico, precisa-se ter rigor para chegar ao sucesso, pois sem seguir os princípios da metodologia não haverá o conhecimento específico, que é o científico. Cada objeto a ser investigado exige um método específico, e somente desse jeito é que será observado o motivo de estabelecer sua finalidade para que não ocorra desvio do propósito inicial, pois os métodos são variados.

Pode-se definir método como caminho para se chegar a um determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento. Muitos pensadores do passado manifestaram a aspiração de definir um método universal aplicável a todos os ramos do conhecimento.

Hoje, porém, os cientistas e os filósofos da ciência preferem falar numa diversidade de métodos, que são determinados pelo tipo de objeto a investigar e pela classe de proposições a descobrir. Assim, pode-se afirmar que a Matemática não tem o mesmo método da Física, e que esta não tem o mesmo método da Astronomia. (GIL, 2002, p. 27).

É com a metodologia que se encontra a oportunidade de contextualizar, explicar, interpretar as ideias de um determinado conteúdo dentro da sala de aula entre professor e aluno, buscando encontrar o problema para solucionar. Assim o professor leva o aluno para o ambiente científico envolvendo todos com dinâmicas atrativas de maneira a criar habilidades e sucessiva compreensão, indicando como fazer a pesquisa fazendo uso da metodologia científica.

O uso da pesquisa na sala de aula

As competências gerais da educação básica são estimular o estudante a investigação, se preparar para seguir intensificando sua procura por conquista, vitória e glória. A sala de aula se torna um laboratório inicial, onde o aluno e o professor fazem a abordagem do problema. A partir daí se busca exercitar as perguntas, os motivos, o porquê fazer, quando, para quem. Depois cresce a curiosidade, a reflexão, motivação para resolver tais questões, que com cuidado e interesse de concluir os objetivos vão se tornando fáceis de resolver, e para o aluno pesquisador é assim que acontece, ele sempre consegue dissolver o problema.

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas. (BRASIL, 2018, p. 9).

O Ensino Médio no contexto da Educação Básica é a etapa final. Entretanto a realidade que se mostra é que o indivíduo não constrói tudo o que garante a lei, segundo a realidade do país. Assim, a escola deve mostrar seu compromisso com a produção de saberes científicos. Motivar o aluno é suscitar, criar maneiras de envolver os sujeitos, favorecer a construção proveitosa para construir argumentos com base no conhecimento.

Por fim, mas não menos importante, a escola que acolhe as juventudes tem de explicitar seu compromisso com os fundamentos científico-tecnológicos da produção dos saberes, promovendo, por meio da articulação entre diferentes áreas do conhecimento: a compreensão e a utilização dos conceitos e teorias que compõem a base do conhecimento científico, e dos procedimentos metodológicos e suas lógicas; o reconhecimento da necessidade de continuar aprendendo e aprimorando seus próprios conhecimentos; a apropriação das linguagens das tecnologias digitais e a fluência em sua utilização; e a apropriação das linguagens científicas e sua utilização na comunicação e na disseminação desses conhecimentos. (BRASIL, 2018, p. 466).

A sala de aula é um instrumento onde o aluno e o professor vivenciam práticas que irão direcionar a pesquisa. A pesquisa é a melhor maneira de adquirir conhecimento, pois é a partir desse procedimento que o estudante cria hábito de ler, interpretar e escrever. Com a leitura o estudante vai se aproximar melhor dos resultados da investigação, interpretar e escrever. A leitura aproxima o estudante aos procedimentos que irão resultar na investigação. Causar no aluno o interesse pela leitura, investigação, criação, planejamento e direcionamento é papel da escola e a escola deve prover as necessidades dando suporte para acontecer a prática da pesquisa e não fazer a cópia do que já vem pronto, apenas ler e memorizar.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Projeto de pesquisa

A presente pesquisa desenvolveu-se em uma Escola Estadual no Município de Manaus-AM/Brasil, localizada no Bairro Japiim. Cabe a escola mostrar seu compromisso com a produção de saberes científicos. Motivar o aluno é suscitar, criar maneiras de envolver os sujeitos, favorecer a construção proveitosa para construir argumentos com base no conhecimento.

Optou-se pelo enfoque qualiquantitativo: considerado qualitativo porque produz dados descritivos e analíticos com base em percepções dos seus informantes, produzindo análises subjetivas, é também quantitativo também porque tem um número de dez informantes, esses dados geram dados numéricos, dados percentuais para análise.

Tipo de pesquisa

A pesquisa realizada caracteriza-se como descritiva analítica, visto que descreve a análise da percepção dos informantes, sendo também utilizada na pesquisa bibliográfica para fazer o levantamento do Estado da Arte, e etnográfica para coletar os dados junto aos informantes, feita através de questionário de sondagem aplicado pelo *Google Forms* para garantir os cuidados sanitários necessários devido à pandemia da Covid-19.

Instrumentos e técnicas de coleta de dados

Utilizou-se uma pesquisa bibliográfica dentro de acervos virtuais com finalidade de obter a coleta de dados. Para a pesquisa etnográfica: foi utilizado questionário de sondagem composto por perguntas previamente formuladas aplicado por meio do *Google Forms* para garantir os cuidados sanitários necessários devido à pandemia da Covid-19.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Averiguou-se que os colaboradores não possuem apoio em realizar pesquisas científicas, o que interfere na formação desses professores. Constatou-se que as a maiorias das pesquisas são realizadas pela internet, consulta de livros e nos livros didáticos, porém esses alunos não recebem orientação de como proceder o estudo científico. Observou-se que apesar de possuir laboratório destinados à pesquisa o ambiente não possui estrutura adequada para dar andamento.

Nota-se um grande despreparo na parte dos professores em capacitar os alunos do ensino médio para se tornarem pesquisadores, ou pelo menos saírem do ensino básico com noções da metodologia científica.

Avaliação dos resultados

Conforme as informações dos colaboradores o uso da metodologia científica não há contribuição para sua formação já que pouco conhecem sobre os métodos de pesquisa e sua finalidade, embora façam pesquisa regularmente as realizam sem orientação, falta de internet,

falta acesso a biblioteca, falta computadores e falta estrutura na escola para realizar pesquisa. E as perguntas específicas da seguinte maneira a primeira pergunta: Verificar que conhecimentos sobre pesquisa e metodologia científica o aluno do Ensino Médio possui em uma escola pública estadual, no Município de Manaus, Amazonas-Brasil? Com essa questão do objetivo geral, metade dos colaboradores entende que metodologia científica é o caminho para se fazer pesquisa, a outra metade respondeu que é a forma que o cientista utiliza; os métodos de pesquisa que os alunos conhecem: metade dos colaboradores conhece o método bibliográfico, o restante dos colaboradores respondeu: dissertativo, investigativo, experimental e outros. Na segunda pergunta específica: Diagnosticar as maneiras o aluno realiza pesquisa na sala de aula? Essa questão específica foi afirmada pelos colaboradores, em sua maioria oitenta por cento (80%), que realiza pesquisa procurando informações na internet, o restante busca consultar livros da biblioteca e no livro didático da escola. Na terceira pergunta específica: Perceber quais são os desafios para se realizar pesquisa na escola na perspectiva do aluno do Ensino Médio em uma escola pública estadual, no Município de Manaus, Amazonas-Brasil? A essa questão específica os colaboradores responderam de forma diversificada: 20% (vinte por cento), falta de orientação sobre como fazer pesquisa; 20% (vinte por cento), não existe internet na escola; 10% (dez por cento), falta de acesso à biblioteca, 30% (trinta por cento), falta computadores; 20% (vinte por cento), falta de estrutura na escola, 20% (vinte por cento) outros. Então ainda são muitos os desafios que os colaboradores enfrentam para realizar pesquisa na escola .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aluno do Ensino Médio pode melhorar sua capacidade para soluções de problemas, aumentar o nível de conhecimento científico se preparando para a universidade e para o mercado de trabalho. Como não há uma sistematização regulamentada para o trabalho com pesquisa na escola, os alunos acabam fazendo pesquisa por intuição, sem uma orientação, e muitas vezes utilizam o google e as ferramentas virtuais quando disponíveis. Dessa forma surgem grandes desafios, o primeiro é a necessidade de aprofundamento sobre conhecimento científico; outro aspecto é a falta de orientação sobre como fazer pesquisa e a necessidade de infraestrutura de apoio para a pesquisa, porque as vezes não tem biblioteca, ou quando tem biblioteca não tem acesso ao acervo, tem sala de informática mais não tem internet, ou tem laboratório mais não tem profissional que possa liberar o uso e acompanhar. Tais hipótese se confirmam em sua totalidade como foi descrito acima na pergunta central, na questão do objetivo geral e nas perguntas específicas propostas.

Quando não há pesquisa, o aprendizado fica comprometido. Por isso que se faz necessário ter os meios e orientação adequada dentro da escola, para que haja funcionalidade e sistematização da pesquisa, com instrumentos necessários para que o aluno não se perca no meio do caminho. Enfrentando todos os desafios a serem construídos para o conhecimento. Além disso, fica evidente que, não é possível falar de metodologia científica dentro de uma escola sem orientação sobre como fazer pesquisa, falta de acesso ao laboratório e falta de computadores, falta de internet, falta de acesso à biblioteca e falta de estrutura na escola.

REFERÊNCIAS

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. Metodologia Científica. São Paulo – Pearson Prentice Hall, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília. 2018.

DEMO, P. Pesquisa: princípio científico e educativo. 14ª ed. Cortez: São Paulo, 2011..

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 6ª ed.- São Paulo: Atlas, 2002.

FACHIN, O. Fundamentos de Metodologia. 5ªedição – São Paulo. Editora Saraiva, 2005.

SEVERINO, A.J.; SEVERINO, E.S. Ensinar e Aprender com a Pesquisa no Ensino Médio.

06

O poder de transformação da leitura e escrita, uma questão que resvala a formação do professor das séries iniciais

The transformational power of reading and writing, an issue that slideways the training of the early grade teacher

Deuvalina Batista Cabral

Universidade Del Sol

Minuta descritiva decorrente da pesquisa científica apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação

Curso de mestrado em Ciências da Educação pela Universidad de la Integración de las Américas

Período de Realização: fevereiro de 2015 a julho de 2016

Orientador: Dr. Enrique Lopes

DOI: 10.47573/aya.5379.2.69.6

RESUMO

Atualmente sabe-se que não é suficiente alfabetizar os alunos, mas também favorecer a prática e o gosto pela leitura e escrita, nesse sentido o/a professor/a aparece como figura-chave, sendo de fundamental importância para o incentivo da leitura e escrita. Mediante tal consideração, resalta-se a importância da alfabetização significativa. A Pergunta Central da pesquisa foi: Como estão sendo formados os futuros formadores de leitores-escretores? E o objetivo geral: Analisar como estão estruturadas as disciplinas dos cursos de Pedagogia do Município de Autazes-Amazonas, que contemplam a formação dos graduandos como futuros formadores de leitores-escretores. A realização se deu em um polo de extensão Universitário. Na cidade de Autazes - Amazonas, em cursos semipresenciais de Pedagogia. Como procedimentos metodológicos foram adotados principalmente o registro das observações nas entrevistas, Os dados são coletados por meio de itens da disciplina e questionários, respondidos, transcritos e analisados por coordenadores, professores e alunos. Concluiu que alfabetização e alfabetização são de responsabilidade dos educadores há vários anos; e o tempo dedicado a esse preparo parece ser curto, visto que as maiorias dos pedagogos saem dos cursos sem se sentir preparados para esse ensino. Também foi possível, a partir das análises realizadas, perceber um interesse melhor por parte dos docentes em aplicar atividades significativas para ações educativas mais inovadoras, que incorporem o interesse pela leitura e escrita.

Palavras-chave: alfabetização. letramento. leitura e escrita. formação de professores.

ABSTRACT

Currently, it is known that it is not enough to teach students to read and write, but also to encourage the practice and taste for reading and writing, in this sense the teacher appears as a key figure, being of fundamental importance to encourage reading and writing. . Through such consideration, the importance of meaningful literacy is emphasized. The Central Question of the research was: How are the future trainers of reader-writers being formed? And the general objective: To analyze how the disciplines of the Pedagogy courses in the Municipality of Autazes-Amazonas are structured, which contemplate the formation of undergraduates as future trainers of readers-writers. The realization took place in a University Extension Pole. In the city of Autazes - Amazonas, in blended courses of Pedagogy. As methodological procedures, we mainly adopted the recording of observations in the interviews, data were collected through programs of disciplines and questionnaires, answered by coordinators, teachers and students, transcribed and analyzed. The conclusion reached is that literacy and literacy are responsibilities for a few years directed to the pedagogue; and the time dedicated to this preparation seems to be short, since most pedagogues leave the courses without feeling prepared for this teaching. It was also possible, from the analyzes carried out, to perceive a better interest on the part of teachers in applying significant activities for more innovative educational actions, which incorporate an interest in reading and writing.

Keywords: literacy. literacy. reading and writing. teacher training.

INTRODUÇÃO

A leitura é um processo de criação e descoberta, dirigido ou guiado pelos olhos perspicazes do escritor, pois esse faz ver, ilumina e conduz o leitor a esferas mais amplas e profundas de percepção. A boa leitura é aquela que, depois de terminada, gera conhecimentos, propõe atitudes e analisa valores, aguçando e refinando os modos de perceber e sentir a vida por parte do leitor.

É preciso cada vez mais se preocupar com a formação dos leitores e escritores. Mas, como o professor das séries iniciais pode contribuir efetivamente para que os estudantes consigam realizar uma ação leitora e escrita significativa?

Este trabalho é parte de algumas inquietações, pesquisas debates vivenciadas na prática pedagógica, deseja-se que ele contribua com gerações futuras e que sirva para conscientizar a sociedade vindoura. Assim sendo, esta pesquisa possui o cunho qualitativo, procura-se responder ao problema central:

Como estão sendo formados os futuros formadores de leitores-escretores as disciplinas dos cursos de Pedagogia no Município de Autazes-AM/Brasil, no período de 2015-2016?

Quanto ao objetivo geral da investigação delineou-se: Analisar a formação dos futuros formadores de leitores-escretores, as disciplinas dos cursos de Pedagogia no Município de Autazes-AM/Brasil.

Para tratar dessa temática direcionou-se algumas perguntas específicas: Como a história, relembra o percurso pelo qual passaram à escrita e a leitura, observando suas presenças em diferentes contextos históricos; quais são os pontos relevantes que envolveram o curso de Pedagogia na formação dos profissionais que irão atuar nas séries iniciais como formadores de leitores-escretores; como se dá à preparação desses últimos anos como formadores do leitor e escritores. Objetivos específicos: Identificar como a história, lembrando o percurso pelo qual passaram a escrita e a leitura, observando suas presenças em diferentes contextos históricos; Descrever pontos relevantes que envolveram o curso de Pedagogia na formação dos profissionais que irão atuar nas séries iniciais como formadores de leitores-escretores; Detalhar a formação dos professores e educando de Pedagogia, referentes à preparação desses últimos anos como formadores do leitor-escritor.

FORMAÇÃO DE LEITORES E ESCRITORES

No presente capítulo, focalizar-se-á a leitura e escrita como prática social, bem como as concepções, estratégias e objetivos que envolvem a prática da leitura na escola e suas decorrências metodológicas. Apresenta-se, também, algum estudo concernente à especificidade do texto literário. Resultando sua relevância na formação integral do ser humano e na constituição de sujeitos leitores e escritores, no âmbito da instituição escolar. Finalmente refletir sobre a escolarização da leitura literária, as possibilidades de trabalho com a literatura sob perspectiva da fruição e do prazer e suas implicações sobre o trabalho do professor.

Comunicar-se por meio da linguagem escrita é prática comum em uma sociedade. Na maioria das situações cotidianas vivencia o uso da escrita: nas placas de ruas e ônibus, nos

letrados, nos anúncios, nas lojas, nas embalagens dos produtos, nos folhetos informativos, na televisão, no cinema, nos livros, nos jornais, nas revistas etc.

Assim, desde a mais tenra idade habitua-se a esse modo de comunicação e se interage com ele de forma ativa, observando, questionando, formulando hipóteses e tirando conclusões. A título de ilustração, vejamos o depoimento do romancista e ensaísta Alberto Manguel (2004, p.18), falando de sua emoção ao descobrir que podia ler aos quatro anos de idade:

Então, um dia, de uma janela de carro (o destino daquela viagem já está esquecido), vi uma placa na beira da estrada. A visão não pode ter durado muito; talvez o carro tenha parado por um momento, talvez tenha apenas diminuído a velocidade da massa, o suficiente para que eu pudesse ler, grandes, gigantes, certas formas semelhantes às do meu livro, mas formas que eu nunca tinha visto antes. E, no entanto, de repente eu sabia o que eram; Eu os ouvi na minha cabeça, eles se metamorfosearam de linhas pretas e espaços em branco em uma realidade sólida, sonora e significativa. Eu tinha feito tudo sozinho.

A partir do depoimento de Manguel (2004), é possível perceber que o contato com a linguagem escrita confere às crianças, muito antes de seu ingresso na escola, certo grau de letramento, visto que começaram a incorporar, a cultivar práticas sociais que requerem o uso da escrita. Entretanto, há que se considerar que nem todas as crianças vivenciam a mesmas práticas, já que são distintas em função dos grupos sociais dos quais fazem parte e nos quais circulam.

Essas condições desconfiáveis ao contato com a leitura e escrita, especialmente em um país em desenvolvimento como o Brasil, são fatores que impedem ou diminuem o acesso a inúmeros benefícios e direitos de que todo indivíduo deveria gozar, entre eles, segundo Smeghini-Siqueira (2003, p. 2), “as possibilidades de acesso escolar, no processo de alfabetização, que se estendem naturalmente pelos primeiros ciclos do ensino fundamental”.

Além disso, é importante ressaltar que a era da informação e do conhecimento na qual vive-se atualmente imprimiu à prática leitora e escritora um novo significado. Se antes essas práticas eram privilégio de uma elite, hoje se tornaram ferramentas indispensáveis para que qualquer cidadão transite socialmente.

Leitura e escrita seus conceitos

A leitura pode ser entendida como mera decodificação de letras, palavras, frases etc. Nesta perspectiva, alfabetizar um aluno significa treinar sua memória e coordenação motora, pois é suficiente que o leitor estabeleça correspondências mecânicas entre os sinais gráficos e os sons da linguagem para que o ato da leitura se concretize. Assim, de acordo com Kleiman (1993), a escola, vem adotando essa concepção avalia somente a decifração, mas não ensina a ler.

A leitura pode ser concebida como construção do sentido do texto, na qual se pressupõe um leitor ativo que interage com o autor por meio do texto, produzindo, criando sua própria leitura. Essa segunda concepção nos remete à leitura como um processo construtivo, no qual o leitor, a partir de seus conhecimentos prévios, de mundo e linguísticos, e de seus objetivos, constrói sua compreensão.

Trata-se, nesse sentido, de uma atividade complexa, um processo abrangente de “decodificação de signos e de compreensão e inteligência do mundo que faz rigorosas exigências ao cérebro, à memória e à emoção” (GARCEZ, 2001, p. 23), no qual diferentes aspectos estão

presentes: neurofisiológico, cognitivo, afetivo, entre outros.

Estágios do Desenvolvimento da Inteligência

Piaget (1978), ao discorrer sobre os estágios de desenvolvimento da inteligência e da afetividade, considera que toda ação em direção a um objeto do conhecimento é fruto de um interesse, de uma necessidade que impulsiona o sujeito a agir frente a um estímulo externo, levando-o à aproximação, à exploração, e ao manuseio deste objeto em busca de uma satisfação interna. Em outras palavras, todo pensamento, sentimento ou movimento humano tem sua origem na necessidade e no interesse. São eles que desencadeiam a ação de um indivíduo e possibilitam o desenvolvimento de estruturas mentais cada vez mais complexas. Dessa forma, de acordo com Saisi (2002, p. 418):

um mesmo livro irá despertar interesse diferenciado na mesma criança conforme seu estágio de desenvolvimento. Ela poderá manipulá-lo rasgando-o ou rabiscando-o aos dois anos, lendo um trecho e abandonando-o aos sete anos, ou ainda permanecendo um longo tempo envolvido em sua leitura, o que revela apreço pela obra, após os doze anos.

A afetividade é intrínseca ao ser humano. Desde que nascemos somos envolvidos por ela. O bebê, de acordo com Piaget, já possui as denominadas “emoções primárias” que estão diretamente vinculadas ao seu sistema fisiológico.

Assim, a criança chora ao sentir fome e experimenta uma sensação de prazer ao vê-la saciada. Com o tempo encontra outras formas de prazer ao descobrir o seu próprio corpo, movimentando seus membros e tomando consciência de si mesma. É o período chamado por Piaget de sensório-motor (dos 0 aos 2 anos). Nele, do ponto de vista da afetividade, a criança experimenta sucessos e fracassos, dor e prazer, sensações agradáveis e desagradáveis que lhe permitem ir construindo uma percepção do mundo que a rodeia, libertando-se aos poucos do egocentrismo que caracteriza esta fase. Nesse sentido, para Piaget (2007, p. 20-21):

...a consciência começa com um egocentrismo inconsciente e integral, até que o progresso da inteligência sensório-motora leva à construção de um universo objetivo, onde o próprio corpo aparece como um elemento entre outros, e, para o qual a vida interior, está neste corpo.

MARCO METODOLÓGICO

Projeto da pesquisa

O presente estudo tem como intuito demonstrar os fatores que influenciam nas dificuldades dos pedagogos recém-formado em uma IES semipresencial, no Município de Autazes Amazonas/Brasil, pretendendo com esta análise acrescente um olhar sobre o conceito diferenciado da formação pedagogia enquanto um instrumento.

Como procedimentos metodológicos foram adotados principalmente o registro das observações nas entrevistas, coletou-se dados por meio de programas de disciplinas e questionários, respondidos por coordenadores, professores e alunos, transcritos e analisados nesta pesquisa utilizou-se um procedimento racional e sistemático com objetivo de proporcionar respostas ao problema proposto: de identificar como os professores lidam com os alunos que apresentam dificuldades da aprendizagem na leitura e na escrita, e como estes formadores são preparados.

Tipo de pesquisa

A presente trabalho desenvolveu-se por meio de uma pesquisa exploratória descritiva com o enfoque qualitativo, visto que “descreve o comportamento dos fenômenos” (COLLIS; HUSSEY, 2005), considerando que esta abordagem proporciona resultados significativos no campo educacional, tais como analisar como estão estruturadas as disciplinas dos cursos de Pedagogia ministradas pelas IES que formaram os pedagogos para formar futuros leitores e escritores.

Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos pesquisados foram 5 pedagogos, 1 coordenador e três alunos, que atuam como professores formados por uma IES a distância., os quais responderam os questionários para coleta de dados para a pesquisa juntamente com quatro alunos da referida escola.

Entende-se que o pedagogo é aquele que se apropria do conhecimento, através dos conteúdos. Ele transmite os conhecimentos científicos, clássicos, curriculares e o aluno apropria-se dos conhecimentos numa relação de interação com o professor.

Técnica e instrumentos de coletas de dados

Na concepção de GIL (1999), o questionário é definido como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.

A vantagem do questionário é que os informantes podem respondê-lo, no momento sem interferência do pesquisador. A linguagem utilizada para o questionário foi clara e objetiva, com vocabulário adequado ao nível de escolaridade dos informantes.

ANÁLISE DE RESULTADOS

Organização dos resultados

Como já mencionado, os dados foram coletados no Município de Autazes-AM/Brasil. Em um Polo de uma Instituição de Ensino Superior (IES) que oferta o curso de Pedagogia semipresencial, cinco participaram da pesquisa. Conseguiu-se dados significativos para a análise. O foco foi saber como os futuros pedagogos estão sendo formados para o ensino da leitura e da escrita. E para isso, convidou-se a participar da pesquisa, coordenadores do curso de Pedagogia; professores responsáveis pelas disciplinas que diretamente preparam o pedagogo para esse ensino e os alunos que já cursaram as disciplinas em questão.

Para correlacionar as respostas dos integrantes de uma mesma instituição, o quadro de participantes foi reorganizado da seguinte forma:

Quadro 1 - IES e participantes da pesquisa

Instituição de Ensino Superior	Coordenador	Professores	Alunos
IES	C1	P1/P2/P3	A1/2/A3

Fonte: A autora

Primeiramente, agendou-se por telefone uma visita ao polo da Instituição de Ensino Superior, privada, que ofertam o curso de Pedagogia semipresencial. Durante a visita marcada com o coordenador do curso em questão, apresentou-se o projeto de pesquisa e pediu-se autorização para iniciar a coleta de dados, ou seja, a aplicação dos questionários e estudo dos programas de disciplinas. Assim, com a autorização em mãos, iniciamos o trabalho de campo.

Os questionários foram divididos em três categorias: coordenadores, professores e alunos.

O coordenador aceitou responder ao questionário direcionado a ele, junto com os professores. Porém não forneceu os programas de todas as disciplinas consideradas por nós como relevantes para a pesquisa, mas apenas o programa de uma; a que ele considerou como responsável pela formação dos pedagogos para a alfabetização e letramento.

As disciplinas consideradas pelo coordenador foram elencadas pela pesquisadora e convidou-se os professores responsáveis pelas mesmas para responder ao questionário. O número de disciplinas não corresponde ao número de professores, pois dois deles lecionam mais que uma disciplina; um professor não quis participar, pois apesar de ter lecionado a disciplina em questão, atualmente encontra-se desligado da instituição de ensino pesquisada; e também encontrou-se um professor que trabalha em duas IES diferentes, mas respondeu ao questionário apenas uma vez.

Percebeu-se que a Instituição envolvida na pesquisa oferta o curso de Pedagogia com uma carga horária que completa até 4 anos. Onde 60% o aluno estuda no polo e 40% na própria Instituição, a pesquisadora foi informada que se trata de uma extensão Universitária, que depois de um determinado tempo, é juntado os certificados do curso ministrado no polo e convalidado para o Superior.

Quando se perguntou: Quantas disciplinas têm ao todo o curso de Pedagogia desta Instituição? Obtivesse a seguinte resposta do coordenador:

Quadro 2 - Quantidade de disciplinas por curso

C1	39 disciplinas 8 semestres
----	----------------------------

Observa-se aqui que o curso ofertado tem 39 disciplinas. A IES, como já mencionado, é semipresencial. O coordenador sugeriu que se recorresse à matriz curricular do curso apresentado no site da instituição, e pode se observar que existem 8 semestres.

Mas quando se perguntou: Quantas destas disciplinas são especificamente voltadas ao preparo do pedagogo para a alfabetização e letramento? Obtive-se dados bem diferentes:

Quadro 3 - Disciplinas que diretamente preparam o pedagogo para o ensino da leitura e escrita

C1	4 disciplinas: Alfabetização e Letramento / A criança de 0 a 5 anos: Identidade e Socialização / Literatura Infantil / Fundamentos Teóricos Metodológicos do Ensino da Língua Portuguesa.
----	---

Fonte: Questionário respondido pela coordenação

Pode-se observar que a IES tem apenas quatro disciplinas voltadas para esse preparo. Comparando ao número total de disciplinas dos cursos, que são poucas as voltadas para este preparo. Se levarmos em conta então os termos alfabetização e letramento, poderemos observar que a instituição oferece apenas uma que abarca essa área.

Quando se pediu o plano de ensino da IES- através do pólo (ementa, objetivos, conteúdo e bibliografias básicas), tivemos uma surpresa, ao vermos escrito: “Disciplina: Alfabetização e Letramento”. Consideramos esse fato um tanto contraditório.

A segunda parte do questionário voltado para o coordenador foi referente ao perfil destas disciplinas. O coordenador deveria responder sobre a ementa, os objetivos, os conteúdos e a bibliografia, ou então, para cada disciplina mencionada, fornecerem uma cópia do programa de ensino da mesma.

Solicitou-se estes dados para analisar como estão organizadas as disciplinas que preparam o pedagogo para a formação do leitor-escritor. Como diria Marques (2000, p. 67), “A questão do conhecimento e a questão do currículo são inseparáveis, pois esta não se refere senão à maneira peculiar em que na educação, se constrói o saber”. Analisando a forma como estão organizados os programas das disciplinas, poderíamos buscar respostas para a compreensão de como estão sendo preparados os pedagogos para o ensino em questão.

Perguntou-se sobre a carga horária dispensada à disciplina, período /ou semestre ela está contemplada. Obtivemos os seguintes dados:

Quadro 4 - Perfil das disciplinas voltadas à formação do pedagogo para o ensino da leitura e escrita

C1	Fundamentos e Metodologia da Alfabetização e Letramento: 80h – 4º Semestre Estudos da Linguagem Oral e Escrita na Educação Infantil: 80h – 5º Semestre Prática Pedagógica Interdisciplinar: Infância e suas Linguagens: 60h - 4º Semestre Princípios Teóricos-Metolológicos da Língua Portuguesa: 80h – 6º Semestre
-----------	--

Fonte: Programas das disciplinas e Questionário respondido pela coordenação

Observando as respostas do quadro anterior, criamos um novo quadro:

Quadro 5 – Carga horária das disciplinas

IES	Total de Horas das disciplinas	Período e/ou semestre traduzido para ano:
C1	280h	2º ano

Fonte: Programas das disciplinas e Questionário respondido pela coordenação.

Também se pediu que fornecessem o plano das disciplinas lecionadas. O intuito foi perceber como estão sendo planejados os conteúdos e objetivos para se trabalhar o ensino da leitura e escrita. Afinal, “tudo que fazemos exige certa preparação. [...] Viajar, comprar, dar aula também” (FARIAS, 2009, p. 105). “Com o planejamento, espera-se prever ações e condições; racionalizar tempo e meios; fugir do imprevisto e da rotina; assegurar unidade, coerência, continuidade e sentido ao nosso trabalho” (FARIAS, 2009, p. 107). O ato de planejar o ensino é sempre um ato pedagógico que reflete a visão que o educador possui sobre o mundo educacional.

Os alunos que cursaram as disciplinas na IES (Instituição de Ensino Superior) que agora

são professores, nas escolas da Cidade de Autazes-AM/Brasil. Não se sentem preparados para formar futuros leitores e escritores, dados extraídos das análises da aplicação do questionário.

Avaliação dos resultados

Os resultados evidenciam insuficiência ou mesmo a inadequação do atual curso de pedagogia pesquisado. Uma vez que essa formação implica diferentes saberes: A carga horária do curso para formação desses futuros pedagogos nesta IES semipresenciais era insuficiente. Os mesmos possuíam pouco domínio das diversas áreas do conhecimento que compõem a base comum do currículo nacional dos anos iniciais do ensino fundamental e da educação infantil e os meios e as possibilidades de ensiná-los, assim como a identificação de quem são os sujeitos (crianças, jovens e adultos) que aprendem e se desenvolvem nesses ambientes educacionais e escolares. Em especial, os da escola pública que, na atualidade, traduzem em seus cotidianos questões que envolvem e afligem a sociedade brasileira. Evidencia, ainda, que a formação dos pedagogos nas IES semipresenciais da cidade de Autazes-AM/Brasil, no período de 2015-2016, em sua grande maioria se mostra frágil, superficial, generalizante, sem foco na formação de professores, fragmentada e dispersiva.

Formar o docente e o pedagogo é o que está definido para os cursos de pedagogia. No entanto, considerando a complexidade e amplitude envolvidas nessas profissões, o que se evidencia nos dados da pesquisa é que essa formação é generalizante e superficial, e não forma (bem) nem o pedagogo nem o docente. Ainda que não tenha sido identificado o predomínio de disciplinas relacionadas ao conhecimento específico de formação do docente, percebe-se que disputam lugar, no âmbito do currículo, com disciplinas de outros blocos de conhecimentos que, supostamente, formariam o pedagogo generalista, ou seja, o docente e o pedagogo. O estudo de Leite e Lima (2010) coloca em evidência essa contradição identitária dos cursos de pedagogia:

...formar pedagogo versus formar docente. As autoras afirmam que, desde sua criação no país em 1939, as legislações foram sendo alteradas, com forte presença da marca da docência, porém apresentam ainda grandes dificuldades na definição de sua identidade. O que se expressa na diversidade das finalidades das atuais DCN contribui para comprometer, sobremaneira, a qualidade da formação e dificulta projetos pedagógicos emancipatórios e compromissados com a responsabilidade de tornar a escola parceira na democratização social, econômica e cultural do país. (LEITE e LIMA 2010).

A pedagogia por competências, de que aqui falou-se, propõe como se ver, a figura do professor como mediador, sendo-lhe atribuído um papel mais ativo no processo de ensino/aprendizagem, de forma a conseguir que o aluno supere as suas dificuldades. Partindo do princípio de que ler é compreender, não é possível falar em ensinar os alunos a ler, mas em alunos que aprendem a ler, ativando os processos cognitivos implícitos na construção de sentido do texto. Formar leitores-escretores constitui-se uma das grandes preocupações no campo da educação, pois nos dias atuais a leitura e a escrita são fundamentais para a inserção do cidadão na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é um fenômeno que ocorre quando o leitor, dotado de uma série de habilidades altamente sofisticadas, entra em contato com o texto, essencialmente um segmento da realidade que se caracteriza por refletir outro segmento. É um processo extremamente complexo, composto por inúmeros subprocessos que se interligam para estabelecer canais de comunicação por meio dos quais, de duas maneiras, inúmeras informações passam entre o leitor e o texto.

Com base nos objetivos propostos nesta pesquisa, entende-se que o professor é quem conduz o aluno ao conhecimento adequado, por meio dos conteúdos. Transmite conhecimentos científicos, clássicos e curriculares e o aluno se apropria do conhecimento numa relação de interação com o professor, com os conteúdos, com os colegas e com os conhecimentos prévios que ele também traz.

O curso de Pedagogia, ofertado pela IES, modificou a visão que se tem de formação. E a maneira como os pedagogos aprenderam, influenciaram sua forma de ensinar. Constatou-se assim diversas teorias que orientaram a prática educacional em variados momentos da história humana, permitindo que o educador que ler esta pesquisa se situe teoricamente sobre suas opções de trabalho, pois a forma de ensinar a leitura e a escrita será moldada de acordo com a teoria pedagógica adotada por ele.

A IES em foco adota uma postura que nega o comportamento tradicional de ensino-aprendizagem. Porém, se contradiz, ao repassar aos formandos um acúmulo de informações, como constatado na pesquisa, em um tempo muito curto; tornando possivelmente estes encontros em conteudistas, típicos do ensino tradicional. O curso de Pedagogia, desta forma, não estará fornecendo subsídios para se conhecer, com profundidade e criticidade, as condições histórico-sociais do processo educacional concreto de leitura e escrita.

REFERÊNCIAS

COLLIS, Jill e Hussey, Roger. Pesquisa em Administração. 2ª Ed. Bookman. São Paulo, 2005.

FARIAS, A. L. G. Políticas de regulação, pesquisa e pedagogia na educação infantil, primeira etapa da educação básica. Educação e Sociedade (Campinas), v.26, n.92, p.1.013-38, out. 2009.

GARCEZ, L. H. do C. Técnicas de redação: o que é preciso para saber escrever bem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GIL, A. C. Como elaborar projeto de pesquisa. 4ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1999.

KLEIMAN, Ângela. Oficina de leitura: teoria e prática. Campinas: Pontes: Unicamp, 1993

LEITE, Yoshie Ussami Ferraria; LIMA, Vanda Moreira Machado. Cursos de pedagogia no Brasil: o que dizem os dados do Inep/MEC? Ensino em Re-vista, Uberlândia, v. 17, n. 1, p. 69-93, jan./jun. 2010.

MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura, Título original: A historyofreading Tradução: Pedro Maia soares Companhia das Letras 2004.

MARQUES, J. H. F. Lugar da psicologia na ciência e na universidade. In Abertura do ano acadêmico

na Universidade de Lisboa: Sessões solenes (Ed.) (pp. 143-153). Lisboa: Reitoria da Universidade de Lisboa, 2000.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

SAISI, N. B. Educação Infantil e família: uma parceria necessária. Educação: Teoria e Prática, Rio Claro, v. 20, n. 34, p. 65-85, jan./jun. 2002

SEMEGHINI-SIQUEIRA. Questões de letramento do processo de alfabetização em classes do ensino fundamental para crianças de 6 anos. In:2003 P.2.

Algumas reflexões acerca do papel do pedagogo e da coordenação pedagógica na educação inclusiva

Maxilene Ferreira Sales

Formada em Letras pela Universidade Federal do Pará Especialista em Estudos Linguísticos e Análise Literária / FAPAF Licenciada em Pedagogia (Faculdade Intervale) Especialista em Gestão e Coordenação Pedagógica (Faculdade Intervale) Prof.ª de Língua Portuguesa dos anos finais do Município de Altamira

Ronaldo dos Santos Leonel

Mestrando em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia –UEPA (2022) e Graduado em Biologia-UVA (2010) e Educação do Campo com Habilitação em Ciências da Natureza e Matemática - IFPA/CAMPUS Altamira (2014) Pós-Graduado em Educação Especial FAVINE (2021) e Gestão Escolar UNINTER (2011) Professor Efetivo da educação básica no Município de Altamira/Pará desde 2001 Rua Novo Progresso nº 1065 Bairro Cidade Nova Altamira /Pará

DOI: 10.47573/aya.5379.2.69.7

RESUMO

O objetivo deste trabalho é otimizar uma reflexão acerca do papel do professor pedagogo e do coordenador pedagógico na educação inclusiva. Nesse sentido, durante muito tempo o objetivo da educação inclusiva foi garantir o direito ao aluno portador de alguma deficiência o acesso à escola. Contudo, desde a implementação da política que orienta a educação especial no sentido da inclusão, a preocupação dos professores foi direcionada a otimizar o aprendizado desses alunos. Nesse sentido, todos os discentes devem ter a possibilidade de se desenvolverem integralmente e ter o sucesso escolar. Partindo desse pressuposto, a coordenação pedagógica tem um papel importante nesse processo, pois esse profissional é responsável por articular o saber da equipe e junto com cada educador auxiliar nas atividades para as turmas e, coletivamente, oportunizar a troca de experiência entre os docentes. Dessa forma, professor e coordenador devem agir coletivamente no sentido de criarem estratégias para que o ensino/aprendizado se concretizem na vida escolar do discente portador de deficiência.

Palavras-chave: professor. coordenador pedagógico. escola. educação inclusiva. práxis pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A educação especial tem se fortalecido nas últimas décadas, principalmente porque tem englobado dentro do seu conceito o parâmetro da Educação Inclusiva que é uma educação voltada para o sentido de pertencimento dos alunos. Nesse sentido, o ser diferente é normal, já que cada aluno é único e, por isso, diferente. A educação Inclusiva baseia-se em uma cidadania global, que inclui a todos, sem diferenciação. Dessa forma, o aluno com deficiência interage com os demais alunos, e eles, por sua vez, aprendem que também fazem parte da diferença, já que ninguém é igual a ninguém.

No sentido de atender os alunos que apresentam algum tipo de deficiência, transtorno global do desenvolvimento ou superdotação e seu atendimento dever ser realizado preferencialmente na rede regular de ensino e quando necessário em ambientes especializados. Para que esse atendimento seja realizado de forma mais pontual, a escola conta a função do pedagogo no seu espaço escolar, e o seu trabalho deve englobar a compreensão da dignidade humana e o respeito às diferenças que compõem a realidade escolar. Sendo assim, o papel desse profissional não pode resumir-se somente as inúmeras atribuições burocráticas que lhe são incumbidas de exercer sua profissão. O educador deve, também, compreender que para além das situações conflituosas do cotidiano escolar ele é aquele profissional que possibilita o acesso à cultura, organizando o processo de formação cultural” (SAVIANI, 1985, p. 27). Desse modo substancial, o professor deve pensar na organização de suas práticas pedagógicas que deve o tornar mediador do processo de ensino e aprendizagem, de forma a garantir a consistência das ações e intenções do fazer pedagógico.

Essas atitudes devem estar no sentido de que o aluno portador de alguma deficiência deve ter acesso aos saberes escolares e dessa forma, o professor assume o papel de facilitador do desenvolvimento das habilidades intelectuais e sociais do seu alunado. Esse fator deve ocorrer por meio de um plano de aula que contemple toda a turma, sem distinção. Além disso, é importantíssimo que o educador estimule o aluno e comemore as suas pequenas conquistas,

pois elas auxiliam o processo de aprendizado.

Durante o processo de ensino/aprendizado o papel do coordenador pedagógico surge como uma parceira pautada na perspectiva inclusiva que prevê a colaboração de todos, pois, os coordenadores são responsáveis por garantir que informações trazidas pelos próprios estudantes, seus familiares, outros profissionais envolvidos e parceiros da escola sejam contempladas nos momentos coletivos, tendo em vista que ele é um verdadeiro mediador no ambiente escolar, sendo ela a pessoa de confiança da direção, dos docentes, dos estudantes e dos pais. Dessa forma, educador e coordenador pedagógico complementam -se na elaboração de propostas de atividades que possibilitam o desenvolvimento do educando com deficiência.

BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL

Ao longo da história, por não se adequarem ao princípio de do que é considerado normal socialmente, as pessoas com deficiência foram excluídas e deixadas a margem da sociedade. Partindo dessa afirmação, tem-se como padrão aceitável aquela pessoa que é forte, saudável, do gênero masculino, heterossexual e produtivo, além de outras características. A população, de modo geral, persegue esse tipo ideal, uma vez que o distanciamento desse padrão caracteriza a anormalidade.

Mudando esse paradigma, o Brasil nas últimas décadas, tem voltado sua atenção as pessoas portadoras de deficiência, apresentando uma série de alterações nas políticas públicas, principalmente no setor educacional, com o objetivo de favorecer uma pluralidade de ações que garantam o acesso desses indivíduos à educação, bem como sua permanência inclusão escolar e social. Nesse sentido, pensar no trabalho docente para com esse alunado é de extrema relevância, uma vez que o professor tem que dispor de um conhecimento teórico-metodológico para ensinar a esses alunos, considerando sua especificidade, ou seja, o professor tem que conhecer esse aluno para poder propor flexibilizações curriculares condizentes para o desenvolvimento da criança com deficiência, dentro de suas potencialidades.

Tendo como desafio a qualificação profissional do educador, a adequação do currículo escolar e atividades que facilitem o aprendizado dos estudantes portadores de alguma deficiência, a Educação Especial, modalidade educacional destinada ao atendimento de alunos com necessidades educativas especiais sofreu ao longo de sua historicidade mudanças em sua configuração, reformulando gradativamente seus paradigmas e conceitos.

Conforme (CORREIA, 1997, p. 56) temos o relato de que a história da educação especial remonta a idade antiga onde eram comuns as práticas de exclusão das crianças que nasciam com alguma deficiência. Por exemplo, em Esparta, antiga Grécia, algumas crianças deficientes eram abandonadas em montanhas bem altas e desertas, a própria sorte, e geralmente morriam de fome ou eram devorados por animais. Na Roma antiga, as crianças consideradas com algum defeito, eram atiradas nos rios mais fundos, ou de penhascos bem altos. Os egípcios matavam seus deficientes com marretadas na cabeça e os enterravam em urnas nos sarcófagos, acreditando que assim, a alma se purificaria e voltaria perfeita em beleza e inteligência.

Registros comprovam que vem de longo tempo a resistência à aceitação social das pessoas deficientes, e que suas vidas sempre foram ameaçadas. Misés (1977, p.14) demonstra o

pensamento daquela época da seguinte maneira:

Nós matamos os cães danados e touros ferozes, degolamos ovelhas, asfixiamos recém nascidos mal constituídos; mesmo as crianças se forem débeis, ou anormais, nós as afo-gamos, não se trata de ódio, mas da razão que nos convida a separar das partes sãs aquelas que podem corrompê-las.

Durante muito tempo a exclusão social fez parte da vida das pessoas portadoras de deficiência. Contudo, no século XVII e meados do século XIX, inicia-se a chamada fase de institucionalização, onde as pessoas deficientes eram segregadas e protegidas em instituições residenciais. Logo no início do século XX, surgem as escolas e as classes especiais dentro das escolas públicas, visando oferecer ao deficiente uma educação diferenciada.

No período de 1961, a história da educação especial, passou por um período de ampliação das instituições especializadas. Estas instituições surgiram, portanto, em resposta ao silêncio do poder público e ao descaso social com as pessoas consideradas deficientes. Nesse sentido, Romero (2006, p. 21) nos apresenta que:

[...] as iniciativas privadas configuraram-se nesse período como a própria expressão do atendimento implantado. Embora o modelo institucionalizado possa ser considerado se-gregacionista, pois mantinha as pessoas com deficiências distantes dos espaços regula-res de ensino, é preciso levar em conta que esse modelo, em certa medida, propunha-se a responder às necessidades educacionais específicas dos diferentes tipos de deficiência. Por outro lado, cumpre considerar também que a existência dessas instituições contribuiu em grande medida para que o poder público tenha se isentado desse compromisso no sentido de inviabilizar ou até mesmo dificultar o ingresso e a permanência das pessoas com deficiências na escola regular.

Diante do exposto pode-se observar que durante muito tempo o poder público se isentou da responsabilidade de inserir as pessoas com deficiência nas escolas e quando essas pessoas conseguiam chegar nesses espaços não havia políticas públicas que incentivassem a perma-nências dessas pessoas nas instituições e em prol disso, o aprendizado era ineficiente.

No sentido de amenizar as problemáticas enfrentadas pelas pessoas portadoras de deficiência MAZZOTTA, 1996 nos relata que em 1964, instala-se a primeira unidade assistencial da APAE, o Centro Ocupacional Helena Antipoff, tendo como objetivo oferecer habilitação profis-sional a adolescentes deficientes mentais do sexo feminino. A primeira unidade multidisciplinar integrada para prestação de assistência a deficientes mentais e formação de pessoal técnico especializado foi o Centro de Habilitação de Excepcionais inaugurado no dia 22 de maio de 1971 na APAE de São Paulo

As APAES foram um grande avanço para a educação especial, e o desenvolvimento histórico da educação especial no Brasil inicia-se no século XIX, quando os serviços dedicados a esse segmento de nossa população, inspirados por experiências norte-americanas e europeias, foram trazidos por alguns brasileiros que se dispunham a organizar e a implementar ações isola-das e particulares para atender a pessoas com deficiências físicas, mentais e sensoriais. A edu-cação especial surgiu com muitas lutas, organizações e leis favoráveis aos deficientes e a edu-cação inclusiva começou a ganhar força a partir da Declaração de Salamanca (1994), a partir da aprovação da constituição de 1988 e da LDB 1996. No Artigo 59 a nova LDB dispõe sobre as garantias didáticas diferenciadas, como currículos, métodos, técnicas e recursos educativos; terminalidade específica para os alunos que não possam atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude da deficiência; especialização de professores em nível médio

e superior e educação para o trabalho, além de acesso igualitário aos benefícios sociais. A LDB definiu finalmente o espaço da educação especial na educação escolar, mas não mencionou os aspectos avaliativos em nenhum item e esta ausência gera preocupação, pois não se sabe o que fazer a respeito – pode-se tanto proteger esses alunos com parâmetros específicos para esse fim, como equipará-los ao que a lei propõe para todos.

No âmbito da educação, novos movimentos sociais surgem em defesa da garantia dos direitos para todos, novas leis impulsionam as políticas a garantir e ampliar a inclusão educacional, à Educação Básica, Ensino Fundamental e Ensino Médio e, também, ao Ensino Superior, com equidade, melhores colocações no mercado de trabalho e qualidade de vida. Para além do acesso efetivo a todos os níveis de ensino, a movimentação da realidade implica, necessariamente, na concretização do desenho universal para a aprendizagem e visa ampliar as oportunidades de desenvolvimento e participação de cada estudante.

ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA PAPEL DO PROFESSOR PEDAGOGO E DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Na educação inclusiva, todos os alunos com e sem deficiência têm a oportunidade de conviverem e aprenderem juntos. Dessa maneira, a ideia da inclusão é mais do que somente garantir o acesso à entrada de alunos nas instituições de ensino. O objetivo é eliminar obstáculos que limitam a aprendizagem e participação no processo educativo. No sentido de consolidar a educação inclusiva a tecnologia assistiva pode contribuir positivamente nesse processo, tendo em vista, que ela é tida como uma área do conhecimento interdisciplinar que engloba recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços com objetivo de ampliar a participação de pessoas com deficiência. Dessa forma, faz-se necessário que os gestores, coordenadores pedagógicos e docentes conheçam a dimensão dos recursos da Tecnologia Assistiva (TA) que representam possibilidades e novos caminhos no processo de ensino-aprendizagem.

No sentido de um melhor atendimento os alunos portadores de deficiência para que o processo de ensino- aprendizagem se consolide percebe-se que aplicabilidade da Tecnologia Assistiva requer analisar as necessidades dos/as educando/as, tornando imprescindível a formação dos/as professores/as para o conhecimento de metodologias, estratégias e aplicação de recursos tecnológicos que auxiliem e facilitem o processo de ensino-aprendizagem. "As pessoas com deficiências só perdem quando os profissionais não são capazes de lhes fornecer as técnicas, estratégias ou ferramentas que as ajudariam a lidar com seus problemas" (KAUFFEMAN, 2007, p. 12). Diante do exposto faz-se preparar discentes, com intuito de que estes possam adaptar matérias pedagógicas e de acessibilidade e utilizar recursos da tecnologia para promover o rompimento de barreiras buscando alternativas que viabilize a inclusão escolar. Nesse contexto, BERSCH (2006) nos contextualiza que a Tecnologia Assistiva (TA) é composta de recursos e serviços. O recurso é o equipamento utilizado pelo aluno, e que lhe permite ou favorece o desempenho de uma tarefa. E o serviço de TA na escola é aquele que buscará resolver os "problemas funcionais" desse aluno, encontrando alternativas para que ele participe e atue positivamente nas várias atividades do contexto escolar. (BERSCH, 2006, p. 283).

Em meio ao processo educativo, o pedagogo é o profissional que atua em processos relacionados ao ensino e a aprendizagem e ele pode fortalecer praticabilidade da Tecnologia

Assistiva, pois quando ele atua como especialista em educação seu trabalho deve associar o aprendizado às questões sociais e à realidade em que o estudante se encontra. Desta forma, o pedagogo contribui para a qualidade do ensino e do aprendizado, fortalecendo a construção do conhecimento. Nesse sentido, o profissional formado em Pedagogia pode atuar como professor dos primeiros anos do ensino fundamental, podendo, também, atuar na pré-escola, como professor ou auxiliar de sala.

Na educação especial o pedagogo trabalha com alunos portadores de necessidades especiais, ou que possuem alguma limitação de aprendizado (dislexia, cegueira, surdez, autismo, etc.). Nestes casos, esse profissional deverá ministrar suas aulas utilizando técnicas diferenciadas de ensino, no sentido de que esses alunos sejam capazes de compreender o conteúdo ensinado. Assim sendo, o pedagogo deve procurar adequar os métodos de ensino e também os materiais didáticos utilizados no aprendizado dessas crianças. Nesse sentido, ele deve intervir nas atividades que o aluno ainda não possui autonomia para desenvolver, auxiliando-os para que atividades propostas sejam realizadas. E com o tempo o aluno deve se sentir seguro e incentivado a realizá-las sem auxílio. Dessa maneira, o professor propicia aos seus alunos o sentimento de que são capazes de avançar. A esse respeito Negrão (2005), enfatiza que:

O professor, para planejar situações didáticas e pedagógicas motivadoras e desequilibradoras, respeitando cada etapa do seu desenvolvimento, deve organizar a elaboração de atividades gradativas que oportunizem, cooperativamente, experiências de observação, de investigação, objetivando a construção de conhecimentos. (NEGRÃO, 2005, p. 65).

A partir desse pressuposto, o educador deve selecionar as melhores estratégias de ensino e de apoio para compartilhar, confrontar e resolver conflitos cognitivos. Tendo como ponte de partida o alcance desses objetivos a inclusão se consolida, uma vez que esse profissional auxilia no processo de adaptação da sociedade para incluir, em seu meio social, pessoas consideradas de alguma forma diferentes. Sobre isso, Ferreira e Guimarães comentam que:

Trata-se de, considerando suas limitações, reconhecer-lhe os mesmos direitos que os outros e oferecer-lhe os serviços e as condições necessárias para que possa desenvolver, ao máximo, as suas potencialidades, vivendo da forma mais natural que lhe for possível. (FERREIRA e GUIMARÃES, 2008. p.112).

Dessa maneira, o pedagogo atua como alguém que otimiza o desenvolvimento da criança no ambiente escolar. Mediando as atividades que podem contribuir com o desenvolvimento do educando e fazendo a inserção deste no ambiente em que está inserido.

O pedagogo pode atuar também na área de gestão, desempenhando diversas tarefas de gerenciamento, tais como: Organizar o calendário letivo, estipulando datas para os diversos eventos escolares; Estipular os horários dos professores em sala de aula e organizar as atividades de planejamento de ensino; Planejar e organizar atividades culturais; Organizar e coordenar conselhos de classe; Desenvolver projetos pedagógicos de educação básica, coordenar a execução e avaliar o andamento destes projetos; Coordenar reuniões pedagógicas com pais de alunos; Promover a integração entre a escola e a família do estudante, através de eventos nos quais a família possa participar e conhecer o trabalho desenvolvido pela escola; Coordenar reformas curriculares, definindo que tipo de conhecimentos e competências os alunos devem adquirir em cada etapa do ensino regular. Sendo esse trabalho de suma importância para o desenvolvimento do efetivo trabalho escolar.

Nesse sentido, Almeida e Soares (2010) contribuem com uma reflexão sobre a identi-

dade desse profissional, referindo-se ao pedagogo que atua como coordenação pedagógica é tido como um profissional que tem um papel indispensável no ambiente escolar, pois é entendido como um articulador do trabalho educativo desenvolvido pela escola. Dessa forma, o pedagogo deve intervir colaborativamente nas ações realizadas no contexto escolar, dentro e fora da sala de aula, contribuindo para tornar a escola um ambiente democrático e difusor de uma educação de qualidade. Dessa maneira, o coordenador pedagógico mobiliza e define o trabalho pedagógico para caminhar em um sentido de efetivar uma educação de qualidade que valorize todos os alunos, independentemente de suas características. Dessa forma, o trabalho realizado por esse profissional, segundo Almeida e Soares (2010), é o de propiciar uma organização da escola em que seja possível modificar, transformar e construir juntamente com toda a equipe escolar estratégias, metodologias de ensino, definição de conteúdo, instrumentos de avaliação, entre outros, responsabilizando-se em articular todos esses elementos.

Para que de fato o processo ensino-aprendizado seja concretizado, e principalmente, alcance os alunos portadores de deficiência, o coordenador pedagógico deve reunir-se com a equipe de professores da escola para debater problemas e questões pedagógicas, assumindo o papel de mediador. De acordo com os pressupostos da psicologia histórico-cultural de Vygotsky, “mediação é o processo que caracteriza a relação do homem com o mundo e com os outros homens” (PLACCO; SOUZA, 2012a, p. 49). Nesses termos, o coordenador como mediador [...]

É o profissional que deve ter acesso ao domínio das produções culturais gerais e específicas da educação, sobretudo as relativas ao ensino e à aprendizagem, apresentando-as aos professores, debatendo-as, questionando-as, com o intuito de transformar o modo como os professores pensam e agem sobre e com elas. (Ibid., p. 51)

Entre tantas atribuições do coordenador, queremos destacar que ele também precisa “[...] refletir junto com o professor sobre o processo de inclusão de alunos com deficiência, considerando não apenas as questões legais, mas também as representações que o grupo tem acerca da deficiência e da permanência desses alunos no espaço escolar” (AGUIAR, 2010, p. 149). Tendo em vista que a educação inclusiva é um modelo de ensino contemporâneo que propõe igualdade nas possibilidades de escolarização. Com essa visão, o objetivo é que todos os estudantes (crianças, adolescentes e até alunos do ensino superior) tenham direito à educação em um só ambiente. Pois a proposta da educação inclusiva é valorizar as diferenças e permitir uma convivência respeitosa e diversificada no contexto escolar – (em um primeiro momento, pensamos nas pessoas que apresentam necessidades especiais, devido à segregação que antes existia em relação a esse grupo de estudantes).

Contudo, contemplar a diversidade também significa reconhecer que há diferentes gêneros, etnias e classes sociais. Enfim, cada indivíduo é único em termos de aparência, cultura, história de vida e capacidade física e intelectual. Dessa forma, a universalização dos direitos educacionais e sociais deve ser respeitada. Por se tratar de um processo educativo e social, ao mesmo tempo. Promover a aprendizagem, nesse sentido, é tão importante quanto possibilitar a convivência com pessoas de todos os tipos. Trata-se de um modelo que prioriza a formação global e sem barreiras ou preconceitos. Nesse sentido, Guebertt (2007) nos apresenta que:

Assim, o movimento pela inclusão cresceu e se consolidou ao longo do século XX, buscando garantir processos educacionais democráticos inclusivos, preocupados em garantir direitos iguais a todos os cidadãos, independentemente de suas características individuais. (GUEBERTT, 2007, p. 35).

No sentido de proporcionar o avanço da Educação Inclusiva, pode-se citar três desafios que precisam ser vencidos no sentido de sua consolidação em nossos espaços escolares: O fortalecimento de treinamento aos professores (formação continuada) para que eles possam entender a inclusão, os direitos do aluno e os deveres da escola e do Estado. Todos precisam entender porque a diversidade é importante e que é possível incluir e onde, quando, como e com quem poderão ajudar os alunos.

Os professores em sua grande maioria se sentem desqualificados para atender os alunos portadores de deficiência. As políticas públicas educacionais precisam estar pautadas nos ideais de que os professores são os profissionais centrais em um sistema de ensino e também uma grande referência para as famílias, pois eles são considerados um dos principais responsáveis por transmitir conhecimento para os alunos, em especial, os alunos portadores de deficiência. Nesse sentido, proporcionar o aprofundamento e a aquisição de novos saberes para os colaboradores da educação, em especial, os colaboradores da Educação Inclusiva faz toda a diferença no avanço da inclusão desses alunos no espaço escolar, pois a Educação Inclusiva está cada dia mais presente nas escolas regulares e por isso, os professores e demais profissionais da educação não podem sentir que estão preparados para exercê-la.

A Criação de uma rede de apoio: entre alunos, docentes, gestores escolares, famílias e profissionais especializados (fisioterapeutas, psicopedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos, médicos etc.). Todos devem estar envolvidos no processo que proporciona ao aluno a melhor experiência que ele possa ter. Muitas vezes o educador e o coordenador pedagógico trabalham sem o apoio desses profissionais (que ao repassarem os conhecimentos clínicos de uma determinada deficiência podem contribuir na construção de propostas pedagógicas proficientes) - no sentido de se obter o sucesso escolar a partir das práticas pedagógicas adotadas. É importante ressaltar que a maioria dos educadores não tem o conhecimento clínico e sistematizado acerca de determinada deficiência e isso pode contribuir para que trabalho escolar não tenha o sucesso esperado.

E por últimos apresenta-se a Reestruturação / eliminação das barreiras de infraestrutura e barreiras no currículo (pedagógicas), como propostas disciplinares diversificadas, flexíveis e abertas. Segundo Martins (2008), a educação inclusiva desafia a escola a modificar-se de modo a atuar de acordo com as necessidades do alunado, buscando qualidade na educação de todos. A escola inclusiva busca a educação de qualidade não apenas para pessoas com deficiência. Combate à exclusão das mais diversas formas.

No que se refere as barreiras arquitetônicas têm um obstáculo para o avanço da educação inclusiva e ela pode ser o definidas como obstáculos construídos no meio urbano ou nos edifícios, que impedem ou dificultam a livre circulação das pessoas que sofrem de alguma incapacidade transitória ou permanente (EMMEL; CASTRO, 2003). Estas se caracterizam por obstáculos aos acessos internos ou externos existentes em edificações de uso público ou privado. A escola regular não tem sido adaptada para receber as crianças com deficiências, na sua maioria física, que depende deste aporte para que possa fazer parte da comunidade escolar. A falta de banheiros adaptados, ausência de rampas para cadeirantes e pessoas com Revista Encontro de Pesquisa em Educação Uberaba, v. 1, n.1, p. 4-16, 2013. 11 mobilidade reduzida, escadas sem corrimões, maçanetas de portas roliças, portas de salas de aula com pouco espaço para passar uma cadeira de rodas (1,10 m), degrau de saída de porta acima do permitido (1 cm), corredores

estreitos, pouca luminosidade, dentre outras.

No que se refere ao aprendizado, as metodologias para a adequação das aulas ministradas pelo professor, como a adequação de técnicas, teorias e métodos para o sucesso da aprendizagem de todos os alunos precisam estar presentes em toda a prática adotada pelo educador, pois a adaptação curricular deve compreender, além dos métodos, também os recursos e técnicas que podem ser utilizadas para melhorar as condições de aprendizagem do alunado. Isso porque “um currículo acessível proporciona para todos os alunos, sem exceção, oportunidades para participar totalmente das atividades e para experienciar o sucesso, sendo um fundamento essencial para a inclusão” (MITLLER, 2003, p.158).

Dessa forma muitos são os avanços que a Educação Inclusiva ainda precisa vencer para que de fato a inclusão aconteça em nossas Instituições de Ensino. Para que essa consolidação se torne uma realidade o educador pedagogo tem um papel fundamental, pois ele é o primeiro professor dos alunos uma vez que ele os recebe lá na educação infantil que é voltado para crianças de zero a cinco anos de idade e é nessa fase que acontece o primeiro contato com a escola, sendo uma fase fundamental para o desenvolvimento global dos alunos. Além disso, o pedagogo os acompanha até Ensino fundamental – anos iniciais: compreende do 1º ao 5º ano e é o momento dedicado a introdução escolar de conceitos educacionais que estarão presentes durante toda a educação básica. É o início do processo de alfabetização.

Dessa maneira, ele prepara o aluno para continuar a se desenvolver nas modalidades de ensino existentes. O coordenador pedagógico por articular o trabalho escolar dos professores pode buscar práticas que contribuam positivamente para o desenvolvimento escolar do educando. Além de estreitar as parcerias que devem existir entre os profissionais da educação e os profissionais da saúde. Nesse sentido esses dois profissionais são peças fundamentais para que escola cumpra a proposta de incluir os alunos com deficiência na escola regular de ensino, inovando as metodologias de ensino, reformulando práticas e propondo melhorias e valores que promovam uma educação para todos, que respeite as características dos diferentes alunos. Compreendemos que somente a partir de mudanças e reformas educacionais amplas é que a educação inclusiva se tornará uma prática real. É a partir dessas mudanças que ocorrerão as práticas capazes de responder às necessidades individuais de cada aluno, considerando as particularidades e garantindo uma educação para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para ser uma escola inclusiva, não basta abrir as portas para os alunos especiais ou falar sobre o valor da diversidade. É preciso contar com um projeto pedagógico que coloque a inclusão em prática. Com base em um projeto educacional inclusivo, a escola consegue cumprir o seu papel com planejamento, organização, flexibilidade e propostas diversificadas. Além disso, a comunidade escolar não pode trabalhar sozinha e, para viabilizar a inclusão, também depende da construção de uma rede de apoio. O pedagogo tem uma visão abrangente sobre diversidade e inclusão que prepara o educador para lidar com os desafios desse cenário. A qualificação continuada também é necessária para que o profissional se mantenha sempre apto a atender as novas demandas da área educacional. Nesse sentido, o pedagogo enquanto educador e coordenador pedagógico são peças fundamentais para a inserção das crianças especiais nos

ambientes escolares.

O professor das séries iniciais é o primeiro profissional a receber a criança especial no espaço escolar e deve otimizar a sua interação com as outras crianças e facilitar seu aprendizado. Sabemos das dificuldades encontradas no dia-a-dia de uma escola e que trabalhar com alunos inclusos é um desafio, porém pode dizer que a escola é comprometida com a formação dessas crianças e prima pela qualidade na educação.

Nesse sentido, o coordenador pedagógico perpassa as todas as etapas da educação básica, devendo este ser o profissional que media o fortalecimento dos laços que devem existir entre a comunidade escolar e a família. Este profissional deve otimizar no espaço escolar momentos de reflexões acerca de propostas pedagógicas que de fato otimizem a inclusão dos alunos especiais nesses espaços, fazendo com que o aprendizado de fato aconteça, habilitando essa clientela a serem cidadãos atuantes na sociedade em que vivem. Somente com propostas concretas de educação continuada pautadas na educação inclusiva, a sistematização de uma gestão democrática que permita a inserção de profissionais que podem incluir com o trabalho do professor pedagogo e do coordenador escolar a escola estará avançando na prática dos conceitos de Educação Inclusiva no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. M; SOARES, K. C. D. Pedagogo Escolar: as funções supervisora e orientadora. Curitiba: IBPEX: 2010.
- BERSCH, R. Tecnologia assistiva e educação inclusiva. In: Ensaio Pedagógicos, Brasília: SEESP/ MEC, p. 89-94, 2006.
- CORREIA, L.M. (1997). Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas classes regulares, Porto, Porto Editora.
- EMMEL, Maria Luiza. G; CASTRO, Celinda Barbosa de. Barreiras arquitetônicas no campus universitário: o caso da UFSCAR. In: MARQUEZINI, M. C. *et al.* (Org.). Educação física, atividades lúdicas e acessibilidade de pessoas com necessidades especiais. Londrina: Uel, 2.
- FERREIRA, J. R.A. Exclusão da diferença: a educação do portador de deficiência. Piracicaba: Unimep, 1994.
- FERREIRA, Maria Elisa Caputo; GUIMARÃES, Marly. Educação inclusiva. Editora: DP &A, 2008.
- GUEBERT, M.C.C. Inclusão: uma realidade em discussão. Curitiba, IBPEX, 2007.
- KAUFFMAN, M. J. Classificação e categorização. In: KAUFFMAN, M. J.; LOPES, A. J. Pode a educação especial deixar de ser especial? Braga, Portugal: Psiquilíbrios, 2007. p. 11-20.
- MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. Aspectos históricos da educação de pessoas com deficiência: da marginalização à busca pela educação inclusiva. Natal: EDUFRN, 2009.
- MITLLER, Peter. Educação inclusiva: contextos sociais. Trad. Windy Brazão Ferreira. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MISÉS, R. A., A criança deficiente mental, uma abordagem dinâmica, Rio de Janeiro, 1977.

NEGRÃO, M. T. F. Didática: processos de trabalho em salas de aula. Maringá. EDUEM, 2005.

PLACCO, V. M. N. de S.. O coordenador pedagógico no confronto com o cotidiano da escola. In: ALMEIDA, L. R. de; PLACCO, V. M. N. S. (orgs.). O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola. 9. ed. São Paulo/SP: Edições Loyola, p. 47-60, 2012.

SAVIANI, D. Escola e democracia, 2011. Disponível em: <https://gepelufs1.files.wordpress.com/2011/05/escola-e-democracia-dermeval-saviani.pdf> . Acesso em 11 Ago 2021.

SARMENTO, M. O coordenador pedagógico e o desafio das novas tecnologias. In: BRUNO, E.; ALMEIDA, L; CHRISTOV, L. (Org.). O coordenador pedagógico e a formação docente. 10ª Ed. São Paulo: Loyola, 2009.

AGUIAR, M.A.S.; SCHEIBE, L. Formação e valorização: desafios do PNE 2011-2020. Retratos da Escola. Brasília, DF, v. 4, n. 6, p. 77- 149, jan./jul. 2010.

ROMERO, A. Paula H. Análise da política pública brasileira para a educação especial na década de 1990: configuração do atendimento e atuação do terceiro setor. Maringá, 2006.

A importância da afetividade da comunidade escolar na aprendizagem de uma criança portadora de TEA – Transtorno do Espectro Autista

Maxilene Ferreira Sales

Formada em Letras pela Universidade Federal do Pará. Especialista em Estudos Linguísticos e Análise Literária / FAPAF. Licenciada em Pedagogia (Faculdade Intervale) Especialista em Gestão e Coordenação. Pedagógica (Faculdade Intervale) Prof.ª de Língua Portuguesa dos anos finais do Município de Altamira

Alvane Rosa de Sousa

Licenciada em Pedagogia - Faculdade Pan Americana. Licenciada em Biologia - Universidade Estadual Vale do Acaraú. Pós graduada em Psicopedagogia e supervisão Escolar - Universidade Cândido Mendes. Pós graduada em Biodiversidade Amazônica - Universidade Federal do Pará.. Pós graduada em Educação Infantil e Séries iniciais - Faculdade Pan Americana. Professora de Educação Infantil, desde 2018 na prefeitura de Parauapebas

Ronaldo dos Santos Leonel

Mestrando em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia –UEPA (2022) e Graduado em Biologia-UVA (2010) e Educação do Campo com Habilitação em Ciências da Natureza e Matemática - IFPA/CAMPUS Altamira (2014) Pós-Graduado em Educação Especial FAVINE (2021) e Gestão Escolar UNINTER (2011). Professor Efetivo da educação básica no Município de Altamira/Pará desde 2001. Rua Novo Progresso nº 1065 Bairro Cidade Nova Altamira /Pará

DOI: 10.47573/aya.5379.2.69.8

RESUMO

O presente estudo aborda sobre a importância da afetividade da comunidade escolar na aprendizagem de uma criança portadora de TEA - Transtorno do Espectro Autista. O Trabalho da afetividade no ambiente da educação básica escolar consiste também no acolhimento da criança portadora de do transtorno, fazendo com que ela sinta-se, confiante e segura no espaço educacional, assemelhando o âmbito familiar que ela é incluída e favoreça as trocas de experiências ampliando o seu universo de aprendizagens e flua o trabalho dos profissionais inseridos. Sentir-se acolhido no ambiente educacional é de suma importância para as aprendizagens. Quando se trata de uma criança atípica, faz-se necessário, mas atenção e planejamentos para o acolhimento da mesma. O mundo contemporâneo aponta fragilidades na inclusão e reforça a necessidade de efetivar as políticas públicas já conquistadas rompendo barreiras e aspirando outras que são imprescindíveis para esses indivíduos desenvolvam-se. É no palco da sala de aula, um dos primeiros contatos fora do ambiente familiar, que a criança experimenta e que deve mostrar-se transparente, favorável, formidável e acolhedor para que ela possa ser autônoma e protagonista do seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Adaptar-se a um novo ambiente não é necessariamente um processo natural, é algo a ser construído por todos os que atuam na dinâmica educacional (professores, crianças, funcionários e pais), para tanto precisa-se de práticas, atitudes coerentes e convincentes, que atinjam as emoções e garantam uma adaptação tranquila e saudável. Assim sendo, a harmonia da afetividade entre um grupo, garante um trabalho promissor e sucesso nas interações, brincadeiras e aprendizagens. Vale ressaltar que este estudo incorpora-se aos parâmetros metodológicos de uma revisão de literatura, fazendo uso de artigos, livros e revistas.

Palavras-chave: afetividade. aprendizagem. criança. autismo.

ABSTRACT

This study discusses the importance of the affectivity of the school community in the learning of a child with ASD - Autism Spectrum Disorder. The work of affectivity in the environment of basic school education also consists of welcoming children with the disorder, making them feel confident and secure in the educational space, resembling the family environment in which they are included and favoring the exchange of experiences. expanding its universe of learning and the work of the professionals involved. Feeling welcomed in the educational environment is of paramount importance for learning. When it comes to an atypical child, it is necessary, but attention and planning for the reception of the same. The contemporary world points out weaknesses in inclusion and reinforces the need to implement public policies already conquered, breaking barriers and aspiring to others that are essential for these individuals to develop. It is on the classroom stage, one of the first contacts outside the family environment, that the child experiences and that must be transparent, favorable, formidable and welcoming so that he can be autonomous and protagonist of his cognitive, social and emotional development. Adapting to a new environment is not necessarily a natural process. that reach the emotions and guarantee a peaceful and healthy adaptation. Therefore, the harmony of affectivity between a group guarantees a promising work and success in interactions, games and learning. It is worth mentioning that this study is incorporated into the methodological parameters of a literature review, making use of articles, books and magazines.

Keywords: affectivity. learning. kid. autism.

INTRODUÇÃO

A educação é uma atividade com enorme significado individual e social e é uma garantia a todos

A educação, direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, Art. 205).

Essa é uma conquista de garantia estendida a todos distribuindo responsabilidade a família e ao estado, buscando parceria com a sociedade para que ocorra devidas promoções e sequência lógica no estímulo ao conhecimento para que o indivíduo adquira a supremacia das competências para sua cidadania e execução da sua ocupação na sociedade.

Para participar ativamente desse universo apresenta-se a afetividade como uma metodologia ativa para marcar positivamente uma criança com TEA - Transtorno do Espectro Autista. Quando trata-se de um aluno autista, o processo de apreensão do conhecimento não se diferencia dos demais discentes, contudo, as técnicas pedagógicas aplicadas no ambiente escolar é que faz o diferencial. Na oportunidade, pontua-se a afetividade como elemento precursor e de extrema relevância para a contribuição da aprendizagem, possibilitando trocas mútuas em todos os inseridos na protagonização do saber, assim Cunha (2008, p. 51):

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a Educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz (CUNHA, 2008).

Realmente a afetividade torna-se subsídio sucessível que visualiza nas entre linhas da convivência do docente com o discente despertando expectativas promissoras para o sucesso e o prazer da aprender. O educador é imprescindível nesse momento podendo marcar positivamente ou não o desejo de aprender da criança.

Pensando assim também incluímos a fala de Saltini (2008, p. 98): “O educador sugestivo corresponde aquele que realiza abordagens do que a criança pratica, que partem de suas observações, mensurando suas capacidades afetivas, estruturais e emocionais. “O docente em suas primazias e de seu olhar interpretativo, pressupõe diagnósticos simples ou desperta possíveis análises mais elaboradas para a compreensão da necessidade da criança levando em consideração o tempo escolar da criança diante de seus olhares. Contudo, essa sua análise pode ser considerável ou nula.

Em primeiro plano o educador deve conhecer o aluno, o histórico e convívio familiar e identificar suas habilidades e dificuldades. Neste contexto, a família é um fator determinante no processo inclusivo, mediante sua interação com a escola.

A partir daí, a transmissão de confiança alicerçada com o cuidado o motivaria a adentrar ao espaço escolar, sentir-se confiantes para iniciar as trocas mutas com a comunidade escolar. A interação entre professor e aluno é condição primordial para o desenvolver-se o trabalho pedagógico.

Faz-se necessária uma interação verdadeira e continua, principalmente no que tange

as informações sobre a comunicação ou comunicações particulares de cada criança, a relação ideal traria a afetividade como caminho. Usar sempre palavras de incentivo aos seus alunos. Fazê-los perceber que são úteis. Apresentar a ele suas potencialidades. As palavras são recursos pedagógicos quando transmitem amor. Fazendo com que o profissional capacite-se, avalie-se e planeje constantemente, a partir do conhecimento particular de cada indivíduo atípico ou não. Os alunos precisam encontrar no ambiente escolar um espaço atraente e adequado para suprir suas necessidades, tristes ou alegres, concentrados ou não, dispersos ou apáticos eles precisam estabelecer vínculos que os motivem a explorar, conhecer encontrar resposta e surgimento de inquietações .

Desse modo, esse deve ser o momento propício para ensinar e aprender, somados aos saberes, professores e educandos, gradualmente, irão aprimorando conhecimentos. Para isso, faz-se necessário considerar o conhecimento científico e a formação do professor como essencial para o desenvolvimento da aprendizagem significativa. O educador deverá adotar estratégias e metodologias que ajudarão o aluno na realização das atividades propostas. Deve-se observar as características dos seus educandos e criar situações estimulantes de aprendizagem.

Diante dessa abordagem introdutória, tem-se o seguinte problema: O aluno autista sente-se atraído a ir à escola? O professor estabelece empatia com o aluno? Os profissionais da educação estão preparados para receber uma criança autista? Considerando o problema, esse artigo objetiva oportunizar aos alunos com Transtornos do espectro autista uma relação afetiva. Por meio dessa abordagem, o processo de aquisição da aprendizagem será mais considerável. Diante do exposto, justifica-se o tema em questão pela necessidade da aderência de métodos pedagógicos que facilitem o processo ensino-aprendizagem e a permanência na escola dos alunos com Transtornos do Espectro Autista. As estratégias utilizadas precisam ser condizentes com as reais necessidades destes alunos, para isto, o professor precisa conhecer as dificuldades apresentadas. Nessa perspectiva busca-se uma dinamicidade concreta a fim de despertar os interesses e necessidades individuais dos alunos autistas.

DESENVOLVIMENTO

Quando se busca estudos voltados a afetividade , observa-se que é de suma importância sua concretização e eficácia principalmente no palco educacional, contribuindo em inúmeras áreas do conhecimento e facilitando nas interações entre os envolvidos. Seu exercício transforma paradigmas e quebra barreiras transformando o pensamento de alguns docentes reforçando metodologias para suas práticas pedagógicas.

Não podemos negar os benefícios da escola no cotidiano de uma pessoa, fazendo um adendo principalmente na fase da educação infantil, destacando que é nela que a criança vivencia espetaculares experiências e compartilha vivências que as ajudarão a relacionar-se com o outro, limitar seus impulsos e desejos, obedecer limites de forma ampla em que servirão para a vida e as desenvolve-se por completo suas habilidades futuras.

Partindo do princípio que a afetividade tem sua significância no âmbito do desenvolvimento e aprendizagens infantis, o presente artigos busca trabalhar com o seguinte embasamento teórico dos autores: (DELACORTE, 2005); (WALLON, 1995,1942); (BEZERRA, 2006) entre outros que serão citados a seguir.

Para melhor compreensão este estudo está dividido três momentos. No primeiro momento apresentou-se o conceito de afetividade e suas importância. No segundo momento foi abordado trabalho do professor fazendo jus a afetividade. E por ultimo, e não menos importante, apresentou-se as contribuições da afetividade com foco no desenvolvimento da criança com TEA.

Nesse sentido, a palavra afeto, no sentido nominal, é o conjunto de fenômenos psíquicos que são experimentados e vivenciados na forma de emoções e de sentimentos. Essa definição de afetividade, quando defendida por (BEZERRA, 2006) ele que diz consisti na força exercida por esses fenômenos no caráter de um indivíduo .Paixão e emoção não é a definição pronta e acabada de afetividade. Ela pode ser elemento principal, que abrange as outras formas de expressões como (tendências, emoções, paixões, sentimentos).

Nesse contexto, entende-se que a paixão, o sentimento e a emoção são estágio da afetividade, conforme o tempo vai passando e a criança se tornando mais experiente. Entretanto, as interações sociais vão acontecendo com frequência, com o outro vão se consolidando e ocorrendo o amadurecimento do sujeito , fazendo com que a afetividade orgânica e primitiva torne-se cada vez mais complexa e carregada de emoções ampliando inúmeros desenvolvimentos. É este o prazo em que, a criança inicia suas primeiras manifestações da afetividade, ou seja, abrindo portas ao período emocional. Esse período compreende a emoção, o sentimento e a paixão (DELACORTE, 2005). Vivenciando as e interação com outras pessoas, a criança e o individuo consegue retirar recursos para sua formação motora, cognitiva e afetiva.

Embora a parte racional é dada como imprescindível para ser trabalhada na vida de uma criança, luta-se, para apresentar a afetividade como um ponto a ser efetivado dentro da educação na perceptiva de apresentar o lado emocional com um fator relevante a ser trabalhado e dar importância na sala de aula , sabendo-se que o lado emocional também é um campo a ser trabalhado para se ter inúmeros ganhos no desenvolvimento da criança, a afetividade é vista como se não fizesse parte de um todo.

Dessa forma, pode-se apresentar para o palco das discussões um teórico que aborde os estudos da afetividade e suas implicações no desenvolvimento humano. Assim sendo, Henri Wallon, criou a teoria psicogênese que busca compreender a origem dos processos psíquicos.

Desse modo, sua teoria psicogenética, trata que o surgimento da inteligência está vinculado tanto a fatores biológicos como sociais. Daí a afirmação de que a gênese da inteligência é genética e organicamente social". Os fatores biológicos referem-se às emoções que tem o papel de estabelecer "uma relação imediata dos indivíduos entre si" (WALLON, 1995, p.135). Já os fatores sociais estão ligados ao meio social que contribui significativamente com dois aspectos: o sistema de símbolos e a linguagem, ambos desenvolvidos indissociáveis, aumentando o poder de abstração do indivíduo (WALLON, 1971, p.71; WALLON, 1975).

Por muito tempo a afetividade não tinha relevância, no processo educacional. Para responder suas inquietações, Wallon envolveu em seus estudos as dimensões, cognitivas, motoras ou afetivas. Ele julgava que ambas tinham o mesmos peso para o desenvolvimento. Dessa forma, priorizar que as três dimensões gera um resultado sólido e mais convincentes e coeso.

O afeto é algo tão singular e pertinente em nosso cotidianos, que é permitido tanto na vida de e uma criança, adolescente ou adulto , e que acontece naturalmente nas interações

sociais da sala de aula, no reencontro entre amigos, familiares, entre outros. Essas marcas podem somar experiências negativas ou positivas, e vale ressaltar que a identificação dessas marcas, só são possíveis através da afetividade que acontecem em qualquer contexto social.

Algumas inquietações permeiam profissionais por não saberem como aplicar essa prática pedagógica nomeada de afetividade no ambiente educacional e no cotidiano do educando. Contudo, se o professor abaixar-se a mesma altura da criança e passar possíveis orientações, palavras de positividade ao concluir uma atividade, o chão da sala de aula estar pedagogicamente ornamentado tematicamente ao universo da faixa etária, o encorajamento ao ir sozinho realizar direitos e deveres e combinados as orientações para a criança adquirir inúmeras autonomia, a imposição de limites.

Esses são bons exemplos de afetividade, simples e fácil de ser realizados. Reitera-se que a criança tem que perceber nitidamente que a sala de aula tem regras e ele não pode fazer o que bem entender. O profissional da educação, de forma sabia e eficaz, deve deixar explícito que faz-se necessário mesmo utilizando a afetividade, a obediência e regras de boa convivência. É o que defende Alfandery quando em suas palavras diz que:

O ambiente humano infiltra o meio físico e o substitui em grande medida sobre tudo para criança. Porém compete precisamente sobre as emoções, por sua orientação psicogenética, realizar esses vínculos que antecedem a interação e o discernimento (ALFANDERY, 2010, p.70-71).

A empatia com cada um discente é sinônimo de afetividade, significa também acolhimento para adaptação e sucesso garantido para fluir o processo de Ensino e aprendizagem. Garantindo ao profissional da educação domínio de sala de aula, educação humanizada e de qualidade.

Enquanto eramos duas células e iniciou-se o processo de divisão celular, junto a essa etapa, inicia-se também a afetividade da mãe com a criança que servirá para a vida. Esse aspecto é pertinente em todo o contexto social e a qualquer idade.

Então, ser empático é salutar para a ocorrência do acolhimento da sociedade. Levando em consideração uma criança portadora de TEA – Transtorno do Espectro Autista, sabe-se que exige-se mais atenção e olhares para essa clientela. Para falar desse Transtorno, vale-se reportar a definição do autor Fernandes: “Estado mental patológico, em que indivíduo tende a encerrar-se em si mesmo alheando-se ao mundo exterior” (FERNANDES, 1965, p.143).

Entende-se que o tal distúrbio ocasiona prejuízos emocionais, sociais e comportamentais ao indivíduo. Segundo o dicionário Aurélio, Autismo, também conhecido como TEA (Transtorno do Espectro Autista), é um transtorno do neurodesenvolvimento. Ele tem implicações nas áreas de comunicação e interação social, podendo apresentar padrões de comportamentos restritos e déficits intelectuais.

Para tanto, Santos 2008 também contribui com algumas características do transtorno: Distúrbio da percepção, ocasionando seletividade da alimentação, prioridade por cores e enfileiramento de brinquedos. Há alternância em procurar ou fugir de estímulos, como barulho de fogo, ruídos de liquidificador, central de ar, voz” (SANTOS, 2008, p. 18-19).

Para essas crianças ditas atípicas, faz-se necessário no palco educacional, planejar e re-

planejar as práticas pedagógicas, e tornar o ato educacional prazeroso e de qualidade, fazendo acontecer a inclusão social. “O nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno” (SANTOS, 2008, p. 30).

É relevante aos professores, planejar suas ações, refletir sobre sua prática de ensino, a busca constante do conhecimento e dos desafios que transcorrem da metodologia cotidiana para desempenhar, com eficiência, a árdua tarefa para alcançar o objetivo a que propõe o processo ensino aprendizagem. Luckesi (2002, p.115) caracteriza que:

O ato de planejar, assim assumido, deixará de ser um simples estruturar de meios e recursos, para tornar-se o momento de decidir sobre a construção de um futuro. Será o momento de dimensionar a nossa mística de trabalho e de vida.

Desse modo substancial, oferecer aos alunos com transtornos do espectro autista possibilidades específicas atendendo suas singularidades, implicará em ganhos aos discentes e docentes. O ambiente favorável para as múltiplas habilidades, é decisiva. Atender as suas particularidade é estar atento a cada necessidade, levando em conta o potencial de cada criança, alcançando o real objetivo do prazer de ensinar e aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do espaço educacional os envolvidos em mediar o conhecimento são os maiores responsáveis para desenvolver tarefas as quais sejam desafiadoras, ofereça criticidade e marque positivamente a vida do aluno. E fazer valer a afetividade como uma metodologia pedagógica , é uma ferramenta assertiva para toda a clientela.

É também com a afetividade que o profissional da educação deixa transparecer aos discentes o valor da educação no seu cotidiano, mesmo sem deixar de atender os combinados, regras de convivências e cumprir direitos e deveres. Aprender para eles será mais significativo. Ir à escola torna-se um prazer e não um dever. Trabalhar com afetividade, significa colocar-se no lugar do outro e garantir a todos em sua particularidade suas necessidades dentro do chão da escola, isso é possível quando o educador planeja o quanto necessário para compreender seu público e atingir suas necessidades.

Os alunos portadores do TEA, podem também levar uma vida normal no ambiente escolar, desde que o educador facilite atitudes e práticas que venha chamar a atenção e potencialize suas aprendizagens, já que os mesmo possuem alguns prejuízos emocionais sociais e cognitivos. para eles, fazer atividade pode lhe tornar enfadonho. Por isso afetividade contribui substancialmente no processo de ensino-aprendizagem para essas crianças.

O docente precisa também gostar do que faz para tornar perceptível aos discentes. eles são curiosos e desafiam e percebem em pequenas ou grandes acoes do professor o desejo ou não de educar. E pertinente mais que nunca o vínculo afetivo do professor e aluno no processo ensino e aprendizagens dos alunos típicos e atípicos.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, R J de L. Afetividade como condição para aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. Rio Grande do Sul/RS, 2006.

BRASIL 1988 Art. 205, disponível em https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_205_.asp acesso em: 13 fev. 2022.

CUNHA, Antônio Eugenio. Afeto e aprendizagem, relação de amorosidade e saber na pratica pedagógica. Rio de Janeiro: Wak, 2008

DELACORTE, A. Afetividade e aprendizagem: influencia do afeto na sala de aula. Campinas/SP, 2005.

DSM- IV: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 2002.

FERNANDES, Francisco. Dicionário Brasileiro Contemporâneo. Edições Melhoramentos. São Paulo, 1965. <https://www.grupoconduzir.com.br>. Acesso em: 19 fev. 2022.

LUCKESI, C. C. Avaliação da Aprendizagem escolar. 14^a ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

SALTINI, Claudio J.P. Afetividade e inteligência. Rio de Janeiro: Wake, 2008.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar. São Paulo: CRDA, 2008.

WALLON, Henri. Do Ato ao Pensamento. Tradução e organização: Patrícia Junqueira. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora: Massagana, 1942.

WALLON, Henri. Psicologia e educação da infância. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

A importância das experimentações como ferramenta metodológica na educação infantil

The importance of experiments as a methodological tool in early childhood education

Maxilene Ferreira Sales

Formada em Letras pela Universidade Federal do Pará Especialista em Estudos Linguísticos e Análise Literária / FAPAF Licenciada em Pedagogia (Faculdade Intervale) Especialista em Gestão e Coordenação Pedagógica (Faculdade Intervale) Prof.ª de Língua Portuguesa dos anos finais do Município de Altamira

Alvane Rosa de Sousa

Licenciada em Pedagogia - Faculdade Pan Americana Licenciada em Biologia - Universidade Estadual Vale do Acaraú Pós graduada em Psicopedagogia e supervisão Escolar - Universidade Cândido Mendes Pós graduada em Biodiversidade Amazônica - Universidade Federal do Pará. Pós graduada em Educação Infantil e Séries iniciais - Faculdade Pan Americana Professora de Educação Infantil, desde 2018 na prefeitura de Parauapebas

Ronaldo dos Santos Leonel

Mestrando em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia –UEPA (2022) e Graduado em Biologia-UVA (2010) e Educação do Campo com Habilitação em Ciências da Natureza e Matemática - IFPA/CAMPUS Altamira (2014) Pós-Graduado em Educação Especial FAVINE (2021) e Gestão Escolar UNINTER (2011) Professor Efetivo da educação básica no Município de Altamira/Pará desde 2001

DOI: 10.47573/aya.5379.2.69.9

RESUMO

O professor como facilitador das aprendizagens necessita a cada dia apresentar ao seu alunado metodologias ativas para contagiá-los e tornar o ensino aprendizagem significativos para ambos. O currículo em si, acaba resumido em aulas teóricas cansativas e exaustivas, com uso dos livros didáticos e atividades fotocopiadas que não potencializa a capacidade criativa dos estudantes, e tampouco contribuem para o processo de ensino e aprendizagem. No presente trabalho, propõe-se refletir sobre o uso das experimentações na sala de aula como uma necessidade de procurar meios de tornar seu entendimento mais fácil e acessível e as aulas mais prazerosas e mais atrativa aos alunos. O presente artigo tem, portanto, a finalidade de discutir a importância da utilização de atividades práticas na educação infantil e mostrar que a realização de experimentos ajuda a aproximar o professor a agrupar e trabalhar os cinco campos de experiências de formas agregadas tornando, assim, as aulas mais dinâmicas e o aprendizado mais significativo e sólido para as crianças. A pesquisa fez uso dos principais autores (BIZZO, 2000 p. 77), LUNETTA (1992), (GALIAZZI *et al.*, 2001), LIMA (1999). Vale ressaltar que a pesquisa se dar de uma revisão bibliográfica, fazendo uso de artigos, livros e revistas.

Palavras-chave: experimentações. educação infantil. ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The teacher as a facilitator of learning needs every day to present to his students active methodologies to infect them and make teaching and learning meaningful for both. The curriculum itself ends up being summarized in tiring and exhausting theoretical classes, with the use of textbooks and photocopied activities that do not enhance the creative capacity of students, nor contribute to the teaching and learning process. In the present work, it is proposed to reflect on the use of experiments in the classroom as a need to look for ways to make their understanding easier and more accessible and the classes more pleasant and more attractive to students. This article, therefore, aims to discuss the importance of using practical activities in early childhood education and to show that carrying out experiments helps to bring the teacher closer to grouping and working the five fields of experiences in aggregated ways, thus making the more dynamic classes and more meaningful and solid learning for children. The research made use of the main authors (BIZZO, 2000 p. 77), LUNETTA (1992), (GALIAZZI *et al.*, 2001), LIMA (1999). It is worth mentioning that the research is based on a bibliographic review, making use of articles, books and magazines.

Keywords: experiment. child education. teaching-learning.

INTRODUÇÃO

O professor, em todas as realidades históricas, tem um papel importante na transformação da sociedade. Levando isso em consideração, nenhuma escola, nenhum sistema educacional será melhor do que a habilidade do professor e a qualidade do que ele ensina aos seus alunos. Reconhece-se que é preciso reformular programas de ensino e, sobretudo, a forma de ensinar. As experimentações constituem-se em um caminho que oportuniza a participação da criança no seu processo de aprendizagem. A descoberta proporciona uma dinâmica de envolvimento entre o aluno e o objeto de estudo que o estimula para aprender e o ajuda a fixar o

conhecimento.

A sociedade tem avançado historicamente e as mudanças ocorridas nos seus diversos contextos apontam a necessidade de também reformular as metodologias de ensino. A forma de prescrever conteúdos de maneira expositiva ainda preenche quase a totalidade da prática pedagógica evidenciada nas escolas públicas brasileiras. Nesse mesmo contexto encontram-se os professores de Educação Infantil.

Pensando nisso, nos reportamos ao papel do professor de Educação Infantil, no sentido de que os mesmos podem fazer a diferença no processo de ensino-aprendizagem dos seus alunos. Dessa forma, a dinâmica do professor, ao introduzir no contexto da sala de aula, as experimentações, terão em mãos um mecanismo de auxílio aos alunos para que estes possam entender, participar ativamente, aprender e assimilar os conteúdos através do exercício da prática da descoberta, da iniciação científica.

Os experimentos contribuem para que as crianças se tornem protagonista no processo ensino-aprendizagem, construa seus conhecimentos através da prática e desenvolva a habilidade de unir a teoria, intermediada pelo professor, ao conhecimento prático – fruto da descoberta científica. O método da experimentação promove a fixação do conteúdo, a aprendizagem significativa a qual a criança levará para toda vida, uma vez que está relacionado com seu cotidiano; auxilia na construção de habilidades para que o aluno se torne um agente transformador da própria vivência. As aulas se convertem em laboratório de descobertas no qual o estudante levanta questionamentos, elabora hipóteses e busca – juntamente com o professor – as respostas. Portanto, os experimentos não devem ser restringidos apenas a laboratórios equipados, e à faixas etárias maiores, os quais são de suma importância, mas a própria sala de aula deverá ser um espaço para as pesquisas mesmo na Educação Infantil. Vale dizer, entretanto, que os experimentos devem ser planejados e construídos com materiais de baixo custo, recicláveis – sempre que possível – acessíveis, a fim de que não esbarrem em obstáculos relacionados ao custo e cheguem ao resultado esperado e faz-se um adendo que é necessário a adaptação do vocabulário para atingir as crianças.

Neste contexto de participação ativa, o aluno sente prazer em estudar ciências e, sente-se importante por colaborar com as atividades propostas pelo educador, transformando a teoria/prática em algo acessível, assimilando conteúdos que outrora passava despercebido e confuso.

A experimentação pode ter um importante papel na modificação das idéias dos alunos, como eles podem colher dados que não dependem diretamente de seu controle e qual o papel do professor diante da experimentação. (BIZZO, 2000, p.77).

Segundo Lunetta (1992) priorizar aulas práticas torna-se significativo no processo de desenvolvimento e desperta conceitos científicos, oportunizando o educando solucionar problemas complexos presentes no seu mundo.

Diante disso, a escolha do tema justifica-se pela importância das aulas práticas fazendo uso das experimentações que contribuirão para o despertar das crianças fazendo com que ocorra aprendizado significativo e que eles consigam aplicar este conhecimento no mundo ao seu redor em um futuro bem próximo.

DESENVOLVIMENTO

Ao discente é preciso dar-lhe escolha de oportunidade de aprendizagem. De acordo com Freire, 1996: “(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua construção”. Diante disso, a experimentação se apresenta com a proposta de preencher esta lacuna e ser mais um instrumento de aprendizagem.

Já há algum tempo, a discussão acerca da experimentação em sala de aula se faz imprescindível, pois: (...) a experimentação (...) apontada como um importante recurso no desenvolvimento de saberes conceituais, procedimentais e atitudinais (GALIAZZI *et al.*, 2001). Assim, através da prática das experiências, o conhecimento é atrelado a teoria e ganha maior eficácia. De acordo com BIZZO (2000) as aulas práticas favorecem o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que o acompanhamento da aprendizagem passa pela observação das dificuldades e progressos dos alunos em sala. E por vezes, somente a explicação do conteúdo não é o suficiente para que haja o entendimento por parte de todos. Dessa forma, o olhar do professor deve estar sempre atento. As experimentações, por sua vez, devem ser mais constantes e correlacionadas à teoria estudada. (PRIGOL e GIANNOTTI, 2008).

LIMA (1999), vai muito além ao retratar que “a experimentação une o útil ao agradável em relação à prática e à teoria”, é como se o assunto fosse explicado, e parte do conhecimento fosse adquirido, e com a prática da experimentação, esse conhecimento se firmasse, e por hora até abrangesse outro leque bem maior quanto o entendimento, preparando o discente para o mundo prático. De acordo com LAKATOS, (2001) as atividades práticas, ou seja, as experimentações, constituem um leque de descobertas. As dúvidas que existiam no campo da teoria, são respondidas quando o aluno ativamente busca as respostas no campo da prática da experimentação. As conclusões são estimulantes, os objetivos do professor são alcançados e o aluno adquire novas habilidades.

Os saberes acima mencionados se completam e tornam o aluno mais ativo, ele aprende os conceitos, desenvolve o modo de fazer e interage com vontade para que possa se estabelecer uma contextualização.

No entanto, para que haja resultados positivos nas aulas práticas, é necessário que o aluno conheça inicialmente as fundamentações do tema a ser trabalhado. Para isso, o educador atua como mediador. Busca oferecer as explicações necessárias para situar o aluno no trabalho que propõe que e as apresenta à turma antes das experimentações e durante, caso seja necessário. A roda de conversa é significativa e necessária com as crianças para o atualizarem da proposta.

Um entrave, é o material de apoio que os professores precisam para ter mais embasamento e direcionamento das experimentações: Conforme Araújo e Abib (2003, p. 177) menciona:

(...) tendências e modalidades para o uso da experimentação (...) não se explicita nos materiais de apoio aos professores. Ao contrário do desejável, a maioria dos manuais de apoio ou livros disponíveis para auxílio do trabalho dos professores consiste (...) a uma abordagem tradicional de ensino(...) (ARAUJO; ABIB, 2003 , p.177)

Para que os professores evoluam nas diversificações metodológicas e as experiências se tornem mais frequentes, é fundamental que os materiais didáticos estejam mais apropriados para que a fusão teoria/prática seja concretizada. Assim sendo, pode-se fazer uso dos materiais

não estruturados como caixa de papelão, tampas de garrafas, palitos diversos, garrafas pet, argila...

As primeiras iniciativas experimentais e ferramentas foram realizadas por Arquimedes no século III a.C. e a partir destas descobertas, outros eventuais equipamentos e experimentos foram criados para promover pesquisa no ensino em Ciências (GASPAR, 2009). No entanto, o autor afirma que, no Brasil, as atividades experimentais não são práticas rotineiras. Até meados do século XX, somente algumas escolas tinham aparelhos prontos e específicos para experimentos de demonstração, o que levava os alunos a apenas assistir as demonstrações realizadas pelos professores.

O aluno tem que se sentir instigado, movido a fazer, a aprender diferente. “Instigar a curiosidade do aluno sobre o desenvolvimento que se encontra a ciência como ela é apresentada nos materiais didáticos”. (UHMANN, 2007, p. 100).

Estimular a participação ativa dos estudantes, despertando sua curiosidade e interesse, favorecendo um efetivo envolvimento com sua aprendizagem e também, propicia a construção de um ambiente motivador, agradável, estimulante e rico em situações novas e desafiadoras (...) (ARAÚJO e ABIB, 2003, p. 190)

Com um ambiente escolar estimulante, o aluno é instigado a ter participação mais efetiva no processo de aprendizagem para acompanhar o ritmo das mudanças que a sociedade tem experimentado. Tudo tem mudado rapidamente e a quantidade de informações é gigantesca. Assim, esse discente precisa que estar consciente do seu papel na sociedade em constante transformação. E é no berço da educação infantil, que se pode oferecer as crenças tal saberes e oportunidades. Assim contempla-se as habilidades necessárias para a faixa etária com também o prazer se estar inserido e fazendo acontecer seu aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades experimentais tornam-se importantes no contexto escolar por diferentes aspectos, entre os quais o mais importante é que tragam um significado às teorias, tornando-as claras. Não estamos dizendo com isso que são para serem comprovadas, mas para serem estudadas, compreendidas e discutidas.

As experiências constituem-se apoio ao processo de aprendizagem, dinamizando as aulas, tornando-as mais amenas, suaves e interessantes. Fazem com que o aluno se torne participativo, facilitando a compreensão dos termos mais elaborados e os processos que transcorrem sobre determinado conteúdo. A experimentação, sem dúvida, uma possibilidade de ensino que precisa ser aprendida desde a formação inicial dos nossos estudantes. Sem isso, não podemos cobrar que desenvolvam algo para o qual não estão preparados. A dinâmica da educação requer mudanças.

O consenso é geral entre os autores pesquisados, que a escola, cujo espaço é ocupado pela educação tradicional precisa urgentemente de mudanças, não consegue sozinha dar conta das múltiplas informações que surgem a cada momento no mundo, assim como, as novas descobertas científicas. Cabe então, estabelecer parcerias e utilizar outras metodologias para inserir nas aulas. É nesse contexto, que surge a educação dinâmica das experimentações, fortalecendo

aprendizagens.

Fica registrado que as atividades propostas com aulas dinâmicas promovem a experimentação e interação direta entre os alunos, se bem estruturadas, contribuem efetivamente em todas as áreas, e podendo motivá-los a formação de conhecimento. Diante disso, essas ações podem expressar uma oportunidade de aproximação do conhecimento de Ciências aos saberes do senso comum, ao mesmo passo que permitem uma gama de possibilidades para a abordagem interdisciplinar de assuntos de todos os campos de experiências.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, M. S. T; ABIB, M.L.V.S. Atividades experimentais no ensino de física: diferentes enfoques, diferentes finalidades. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 25, n. 2, p.176-194, 2003.

BIZZO, N. *Ciências: fácil ou difícil?* São Paulo: Ática, 2000.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais : ciências naturais / Secretaria de Educação Fundamental.* – Brasília :MEC/SEF, 1997.

FRACALANZA, H.; AMARAL, I. A.; GOUVEIA, M. F. *Ensino de Ciências no 1º grau.* São Paulo: Atual, 1986.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo; Paz e Terra, 1996.

GALIAZI, M. C. *et al.* Objetivos das atividades experimentais no ensino médio: a pesquisa coletiva como modo de formação de professores de ciências. *Ciência e educação*, v.7, n.2, p.249-263, 2001.

GASPAR, A. *Experiências de ciências para o ensino fundamental*, 1ª Ed., São Paulo, Editora Ática, 2009. p. 11 – 30.

LAKATOS, E. M. *Metodologia do trabalho científico.* São Paulo: Atlas, 2001.

LIMA, M. E. E. C.; JÚNIOR, O. G. A.; BRAGA, S. A. M. *Aprender Ciências – um mundo de materiais.* Belo Horizonte: Ed. UFMG. 1999. 78p.

LUNETTA, V. N. Atividades práticas no ensino da ciência. *Revista Portuguesa de Educação*, v.2, n.1, p.81-90, 1992.

MOREIRA, M. A. A teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget. In: MOREIRA, M.A. *Teorias de Aprendizagem.* São Paulo: EPU. 1999. p.95-107.

PIETROCOLA, M. *Construção e Realidade: realismo científico de Mário Bunge e o ensino de ciências através de modelos.* *Investigação de Ciências*, Porto Alegre, v. 04, n. 03, 1999. Disponível em: <<http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/>>. Acesso em: 10 de Março 2022.

PRIGOL, S.; GIANNOTTI, S. M. A importância da utilização de práticas no processo de ensino-aprendizagem de ciências naturais enfocando a morfologia da flor. *Simpósio Nacional de Educação – XX Semana da Pedagogia*, 2008.

PRIGOL, S.; GIANNOTTI, S. M. A importância da utilização de práticas no processo de ensino-aprendizagem de ciências naturais enfocando a morfologia da flor. Simpósio Nacional de Educação – XX Semana da Pedagogia, 2008.

UHMANN, Rosangela Inês Matos. Contribuições e Reflexões Epistemológicas sobre o atual Sistema de Ensino. Revista de Ciências Humanas. Frederico Westphalen, RS: URI, v. 08, n.10, p.95-110, junho de 2007.

Organizador



Dr. Alderlan Souza Cabral

Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Luterana do Brasil (2010), graduação em Logística pela Universidade Luterana do Brasil (2012), mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Del Sol (2017) e doutorado em Ciências da Educação pela Universidade Del Sol (2019). Atualmente é doutor orientador temporário - UNITI BRASIL, estatutário da Prefeitura Municipal do Careiro da Vázea e estatutário da Prefeitura Municipal de Autazes. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em orientação de Metodologias Técnicas Científicas com mais 490 orientações entre Mestrado e Doutorado.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8583035818376126>

Índice Remissivo

A

aculturação 5, 42, 43, 44, 49, 51, 52
administração 11, 12, 14, 15, 16, 29
afetividade 6, 67, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91
alfabetização 53, 64, 66, 69, 70, 73, 82, 92
aluno 8, 23, 26, 27, 29, 33, 38, 50, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 66, 68, 69, 71, 72, 75, 76, 78, 79, 81, 82, 87, 88, 91, 94, 95, 96, 97
aprendizagem 6, 8, 11, 22, 23, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 46, 47, 67, 71, 72, 75, 78, 80, 82, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99
aulas 21, 22, 27, 28, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 57, 79, 82, 94, 95, 96, 97, 98
autismo 79, 86

C

competência 5, 9, 10, 11, 12, 14, 18, 27, 41
competitivas 13, 14
comunidade 6, 11, 15, 23, 26, 43, 50, 52, 81, 82, 83, 85, 86, 87
coordenador 68, 69, 70, 75, 76, 80, 81, 82, 83, 84
criança 6, 36, 57, 67, 69, 73, 76, 79, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95
curriculares 21, 22, 28, 68, 72, 76, 79, 98
cursos 48, 64, 65, 68, 70, 71

D

democrática 10, 11, 15, 83
didático 21, 22, 23, 27, 28, 29, 33, 38, 39, 40, 48, 61
disciplina 6, 33, 34, 36, 38, 39, 54, 55, 57, 64, 69, 70
docentes 22, 28, 29, 44, 48, 64, 75, 76, 78, 81, 88, 91

E

educação 5, 6, 7, 8, 9, 10, 16, 19, 30, 31, 32, 34, 35, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 56, 59, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98
educação básica 35, 59, 72, 74, 79, 82, 83, 86, 93
educacional 8, 10, 11, 12, 15, 23, 46, 47, 57, 68, 70, 72, 76, 78, 82, 86, 88, 89, 90, 91, 94
educando 34
elementos 10, 14, 23, 24, 32, 38, 53, 80
ensino 5, 6, 8, 11, 15, 20, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 46, 47, 48, 53, 54, 55, 56, 60, 64, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 88, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99
ensino-aprendizagem 32, 33, 72, 78, 88, 91, 94, 95, 96,

98, 99
escola 5, 8, 10, 11, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24,
25, 26, 27, 28, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 55, 56, 58,
59, 60, 61, 65, 66, 68, 71, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81,
82, 83, 84, 87, 88, 91, 94, 97
escolar 6, 8, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 24, 45, 46, 48,
57, 65, 66, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87,
88, 91, 92, 97
escrita 6, 24, 25, 27, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72
estratégia 12, 13, 14, 17, 19, 40, 50
estratégica 5, 9, 10, 12, 16, 18
estratégico 12, 16, 17
estrutura 13, 60, 61
ética 26, 27
evolução 10, 25
experimentações 7, 93, 94, 95, 96, 97

F

ferramenta 7, 8, 36, 39, 47, 49, 91, 93
formação 6, 8, 26, 27, 36, 48, 49, 52, 53, 55, 56, 58, 60,
63, 64, 65, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 80, 81,
83, 84, 88, 89, 97, 98

G

gerencial 10, 11
gestão 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 48, 79, 83

I

identidade 29, 43, 44, 45, 49, 53, 71, 79
inclusiva 6, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83
indígena 5, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53
indígenas 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53
infantil 7, 71, 72, 82, 88, 93, 94, 97

J

jogos didáticos 33

L

leitura 6, 24, 27, 59, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72
letramento 28, 30, 64, 66, 69, 70, 73
liderança 5, 9, 10, 11, 15, 18, 51
língua 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 43, 45
linguagem 21, 23, 25, 26, 28, 34, 37, 65, 66, 68, 89
linguística 21, 22, 23, 25, 27, 28, 29, 30, 47
lúdico 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40

lúdicos 5, 31, 32, 33, 38, 40

M

mercado 11, 12, 14, 51, 61, 78

metodologia 6, 10, 33, 34, 37, 40, 43, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 87, 91

O

organizacional 11, 12, 18, 46

P

PCNS 21, 22, 23

pedagógicas 10, 11, 15, 21, 22, 23, 33, 46, 75, 78, 79, 80, 81, 83, 88

pedagógico 18, 23, 48, 70, 75, 76, 80, 81, 82, 83, 84, 87

pedagogo 6, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 78, 79, 80, 82, 83

pesquisa 9, 10, 11, 12, 15, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 71, 72, 94, 97, 98

peessoa 14, 37, 76, 87, 88

planeamento 16, 17

política 45, 46, 47, 75, 84

políticas 10, 11, 12, 13, 14, 15, 36, 48, 49, 76, 77, 78, 81, 86

portuguesa 21, 22, 23, 27, 28, 29, 45, 46, 49

prática 10, 13, 14, 19, 23, 32, 33, 36, 38, 44, 47, 57, 59, 64, 65, 66, 72, 82, 83, 90, 91, 95, 96, 98

práxis 8, 75

professores 11, 15, 21, 22, 29, 48, 57, 60, 64, 65, 67, 68, 69, 71, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 86, 88, 91, 95, 96, 97, 98

profissionais 8, 12, 36, 48, 65, 76, 78, 81, 82, 83, 86, 88, 90

públicas 8, 10, 11, 12, 46, 76, 77, 81, 86, 95

Q

químicos 32, 33, 34, 35, 36, 41

S

sala de aula 6, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 32, 38, 39, 54, 55, 56, 59, 61, 79, 80, 86, 89, 90, 92, 94, 95, 96

satisfação 11, 15, 17, 67

serviços 11, 17, 45, 77, 78, 79

sociedade 11

T

trabalho 11, 12, 13, 14, 16, 18, 19, 21, 23, 24, 26, 27, 32, 33, 34, 36, 40, 41, 45, 46, 47, 52, 55, 61, 65, 68, 69, 70, 72, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 89, 91, 94, 96, 98

V

variação 21, 22, 23, 25, 27, 28, 29



AYA EDITORA
2022